

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE LETRAS

Hilda Monetto Flores da Silva

VERBO-SUPORTE E EXPRESSÕES CRISTALIZADAS:
um enfoque sintático-semântico-discursivo

Rio de Janeiro

2006

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE LETRAS

Hilda Monetto Flores da Silva

VERBO-SUPORTE E EXPRESSÕES CRISTALIZADAS:
um enfoque sintático-semântico-discursivo

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do grau de doutor em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Língua Portuguesa
Orientador: Prof. Dr. José Carlos Azeredo

Rio de Janeiro

2006

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

S586 Silva, Hilda Monetto Flores da.
Verbo-suporte e expressões cristalizadas: um enfoque sintático-
semântico-discursivo / Hilda Monetto Flores da Silva. – 2006.
180 f.

Orientador : José Carlos Azeredo.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Verbos - Teses. 2. Língua portuguesa -
Semântica – Teses. 3. Análise do discurso – Teses. I. Azeredo, José
Carlos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Letras. III. Título.

CDU 806.90-541.45

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

Tese de Doutorado intitulada “Verbo-suporte e Expressões Cristalizadas. Um enfoque sintático-semântico-discursivo”, de autoria da doutoranda Hilda Monetto Flores da Silva, apresentada como requisito parcial à obtenção do título de doutor. A banca é constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. José Carlos Azeredo - orientador
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. André Valente
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profa LD Eneida do Rego Monteiro Bomfim
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr. João Baptista de Medeiros Vargens
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Cláudio Cezar Henriques
suplente
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edwaldo Machado Cafezeiro
suplente
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Aos meus pais (In memoriam):

João de Paula Monetto e Albertina Rapozo Monetto

Aos meus netos:

Maria Júlia, Bruna, João Miguel e Beatriz

Agradecimentos

A Deus que me deu força para vencer os obstáculos.

Ao meu marido Sergio Flores da Silva pelo apoio incondicional

À minha família por estar ao meu lado sempre.

Ao Prof. Dr. José Carlos Azeredo pelas conversas enriquecedoras e apoio bibliográfico.

À professora Eneida Bomfim por me apresentar à Gramática de Valências.

A Maria Teresa Gonçalves Pereira e Cláudio Cezar Henriques pelas orientações e incentivo para continuar em frente.

Ao professor e aluno Geraldo Portilho pela gentileza e carinho com que fez o *Abstract*.

Às professoras e amigas Rosa Maria Perdigão Olivieri e Leila Lopes Motta pela delicadeza em aceitar fazer o *Resumé*.

Aos meus alunos por torcerem por mim e acreditarem que eu possa fazer o melhor.

Para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras — temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente — também é preciso que conheçamos sua motivação. Nenhuma análise psicológica de um enunciado estará completa antes de se ter atingido esse plano.

(Vygotsky)

SINOPSE

Verbos-suporte e expressões cristalizadas no português do Brasil. O verbo como categoria léxico-gramatical. Verbos principais ou plenos; copulativos; auxiliares; leves. A importância sintático-semântica do conjunto verbo-nome. Repensando o verbo: sintaxe e discurso. *Corpus*: análise de dados da linguagem jornalística.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma proposta de análise dos valores semânticos e discursivos de construções com verbo-suporte e de expressões cristalizadas correntes na língua portuguesa do Brasil. O corpus analisado é constituído de textos de gêneros variados colhidos em jornais e revistas publicados desde 2003, nos quais se evidencia o aparecimento cada vez mais freqüente dos usos verbais em foco. Parte-se do pressuposto teórico de que o verbo é o nó a ser desatado, pois, ao contrário, do que muitos autores vêm relatando em relação ao verbo-suporte, não há um completo esvaziamento semântico, mas uma nova forma de dizer em que se privilegia o uso conotativo do verbo que passa de pleno a leve, segundo a nomenclatura de vários estudiosos, que lhe atribuem valor de auxiliaridade. Enquanto o uso dos verbos-suporte no Brasil vem-se fixando no léxico, outras formas cristalizam-se, enriquecendo o vocabulário, inovando falares, o que aproxima estas expressões de uma classe aberta. O verbo somado a alguns nomes ou participando de expressões, longe de se esvaziar, estendem ou modificam a significação no processo discursivo.

ABSTRACT

This dissertation presents an analysis proposal of discursive and semantic values of wordings using a support-verb and of usual crystallized expressions in the Portuguese language in Brazil. The corpus analyzed is composed by texts of different classes, collected from newspapers and magazines published since 2003, which evidence the increasing appearance of the verbal uses focused. This work starts from the theoretical presupposition that the verb is a knot to be undone; differently from what many authors have been reporting relatively to the support-verb, there is not a complete semantic emptying, what exists is a new way of speaking, in which is privileged the connotative use of the verb, which changes from heavy to slight, according to the nomenclature used by many scholars, who attribute it a value of assistance. While the use of support-verbs in Brazil has been focusing lexical aspects, other different ways have appeared, enriching the vocabulary and reforming ways of speaking. This brings these expressions closer to an open class. The verb added to some nouns or taking part in expressions, far from emptying itself, enlarges or modifies its meaning in the discursive process.

RESUMÉ

Cette thèse présente une proposition d'analyse de valeurs sémantiques et de valeurs qui font partie d'un discours de constructions avec un verbe-support et des expressions cristallisées courantes dans la langue portugaise du Brésil. Le *corpus* analysé est constitué de plusieurs genres recueillis des journaux et des magazines publiés dès 2003, dans lesquels on met en évidence l'apparition chaque fois plus fréquente des usages verbaux détachés. On part de la présupposition théorique que le verbe c'est le noeud qui doit être dénoué, car, au contraire, de ce que plusieurs auteurs sont en train de rapporter sur le verbe-support, il n'y a pas de vidage sémantique complet, mais une nouvelle manière de dire où l'on met en relief un autre usage du verbe qui se transforme de plein à léger. Selon la nomenclature de plusieurs savants que lui donnent le valeur d'auxiliaire. Tandis que l'usage des verbes-support au Brésil s'attachent au lexique, d'autres formes cristallisées enrichissent le vocabulaire, en renouvelant les façons de parler, ce qu'approche ces expressions à une classe ouverte. Le verbe ajouté à quelques mots ou en faisant partie d'expressions, au lieu de devenir vides, élargissent ou modifient le sens dans le procès du discours.

SUMÁRIO

Introdução	14
1. Fundamentação teórico-descritiva: o verbo como categoria léxico-gramatical	25
1.1 O verbo quanto ao significado genérico	25
1.2 Outros enfoques da natureza do verbo	27
1.1.1 Verbos principais ou plenos	28
1.1.2 Verbos copulativos	29
1.1.3 Verbos auxiliares	30
1.1.4 Verbos leves	31
1.3 Verbo __ Função predicativa	33
1.4 A importância da lexicologia para o verbo-suporte e as expressões cristalizadas	35
1.5 A importância sintático-semântica do conjunto verbo-nome	38
2. Contribuição ao estudo do verbo-suporte no português do Brasil	41
2.1 Leitura crítica do capítulo “A DELIMITAÇÃO DAS UNIDADES LEXICAIS: O CASO DAS CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUPORTE”	42
2.2 Testes	43
3. Breve notícia sobre autores que pesquisam o assunto	58
3.1 Notícias comentadas de algumas pesquisas	58
4. Fundamentação teórico-descritiva: enfoque textual	62
4.1 BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. <i>A estética da criação verbal</i>	62
4.1.1 Os gêneros do discurso. Problemática e definição	62
4.2 BUSSE & VILELA, Mario. <i>Gramática de valências: Teoria e aplicação.</i>	65
4.2.1 A valência	65
4.3 MARCHUSCHI, Luiz Antônio. <i>Gêneros textuais & ensino.</i>	73
4.3.1 Gêneros textuais como práticas sócio-históricas	73
4.3.2 Novos gêneros e velhas bases	74
4.3.3 Definição de tipo e gênero textual	76
4.3.4 Algumas observações sobre os tipos textuais	77

4.4	MARQUES, Maria Helena Marques.	80
4.4.1	Repensando o verbo: sintaxe e discurso	81
5.	Para uma análise de um conjunto de verbos-suporte do português	86
5.1	Preliminares	86
5.2	O verbo e o fazer lingüístico	90
5.3	Uma leitura pragmática	97
5.4	Sobre o <i>corpus</i>	98
5.5	Sobre a classificação de verbos	100
5.6	Plano da potencialidade/ Plano das realizações	107
6.	Metodologia para análise do <i>corpus</i>	110
7.	Análise do <i>corpus</i>	113
7.1	Procedimentos de análise	115
7.2	VERBO CAIR	116
7.3	VERBO DAR	123
7.4	VERBO FAZER	135
7.5	VERBO LEVAR	151
7.6	VERBO TER	157
8.	Comentários sobre o estudo	163
9.	Considerações finais	167
10.	Referências	172

Introdução

Esta pesquisa objetiva contribuir para a formulação de uma tipologia sintático-semântica do verbo na língua portuguesa mediante a análise de uma subclasse dos verbos de predicação incompleta denominada de “verbo-suporte” a partir do ponto de vista de NEVES (1996). Para tanto nosso *corpus* será constituído de um amplo conjunto de ocorrências de perífrases verbais. Uma parte dessas ocorrências corresponde a expressões cristalizadas de natureza heterogênea dificilmente compreensíveis à luz desses mecanismos. Esta distinção, contudo, é eminentemente provisória e programática, uma vez que é, às vezes, tênue a fronteira entre os dois grupos. Nosso percurso envolverá, com certeza, a revisão de alguns conceitos verbais, tendo em vista a necessidade de levar em consideração algumas variáveis discursivas, como o registro e o gênero textual.

Cientes de que a tipologia sintático-semântica dos verbos apresenta variações que as gramáticas escolares não contemplam, estamos particularmente interessados nas estratégias de expressão dos conteúdos predicativos da língua em uso. Por isso, nosso campo de investigação compreende preferencialmente gêneros jornalísticos como: crônicas, reportagens e editoriais. Acreditamos que nesse espectro de textos encontremos uma zona de equilíbrio entre os usos correntes da fala em geral e os padrões formais tradicionalmente privilegiados pela descrição gramatical levada a cabo com propósitos pedagógicos.

Parece-nos que o verbo é o nó a ser desatado. A tradição gramatical trata-o, em geral, do ponto de vista morfológico e o estuda como palavra que, nos enunciados, apresenta categorias de tempo, modo, número, pessoa, aspecto. Do ponto de vista sintático é tratado quanto à predicação, formalmente manifesta de concordância de número e pessoa entre verbo

e sujeito e no perfil dos constituintes agregados no predicado em torno do verbo. Estudos desenvolvidos na perspectiva discursivo-textual mostram que as escolhas e soluções adotadas pelo usuário envolvem motivações e intenções de sentido que o tratamento meramente gramatical ou sintático não explicita. Com efeito, o enunciado se constrói obedecendo a fatores pragmáticos, discursivos, textuais e sintáticos.

A compreensão do objeto de nosso estudo no espaço do texto, se observado como resultado de uma operação discursiva, requer que retomemos leituras de Bakhtin e Aristóteles (aliás, este já se referia à lexis como elocução), pois só assim, atendendo à necessidade de uma coerência estilística, entenderemos a linguagem como forma de expressão de idéias e sentimentos. Nada é novo na língua, mas é necessário observar reflexivamente a linguagem dos livros, dos jornais e revistas, da publicidade, do cinema e dos meios de comunicação de massa, em geral. Aí, talvez, estejam os novos paradigmas para uma língua de uso e, no caso desta pesquisa, do verbo num “fazer lingüístico”.

O verbo, por incompletude gramatical ou semântica, cada vez mais vem aparecendo sob forma de expressões com nomes que lhe servem de objeto, mas que basicamente criam uma estrutura pronta significativamente, como, por exemplo, no lugar de **socar alguém** usamos **dar um soco em alguém**. O verbo é agentivo e em ambos os casos o sujeito é o mesmo. Em contrapartida, **levar um soco** não pode ter no nome o elemento que substitua o verbo, pois o sujeito não é agente, mas paciente da ação. Não há um correspondente verbal que substitua a expressão. Se observarmos as expressões **dar uma corrida em alguém**¹ e **levar uma corrida de alguém**, o nome abstrato não permite substituição por nenhum outro verbo; assim como **dar**

¹ dar um corrida em alguém (a substituição do nome **corrida** por **correr** apontará para um complemento sem preposição. **Correr alguém** é um uso conotativo, visto que o verbo no sentido denotativo não vem acompanhado de complemento. Podemos observar ainda que **correr com alguém** pode ter sentido ambíguo (verbo + prep. com + Nome __ argumento de companhia __ sentido denotativo; sentido conotativo: expulsar alguém, pôr para fora de algum lugar).

um castigo/sofrer um castigo. O verbo-suporte nem sempre permite substituição pelo nome que “aparentemente” tem status de carga semântica superior à do verbo. Há uma formação conjunta verbo+nome com aspectos significativos tais que tornam este conjunto marca discursiva em textos presentes em nosso cotidiano.

A documentação se faz necessária na medida em que percebemos tendências lingüísticas que já vêm sendo estudadas por pesquisadores na área do discurso e da semântica. A leitura do capítulo *A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbo-suporte* de Moura Neves (2002: 189-206) será tomada como referência nesta pesquisa. Ao longo da apresentação de nossas observações, serão feitos comentários, em razão de partirmos do pressuposto de que é preciso esclarecer alguns fatos que se constroem com o objetivo “didático” (ou artificial) e de que nem todos os testes demonstrados, mesmo a autora tendo ampliado de três (cf. Radford, apud Marques: 2002) para sete, são suficientemente comprobatórios.

Numa outra parte dessa pesquisa, apresentaremos uma revisão panorâmica da leitura de alguns autores, já que não vamos fazer um aprofundamento dos temas apresentados, mas que consideramos indispensável para justificar a razão da semântica e do discurso na pesquisa dos verbos-suporte e expressões cristalizadas. Usaremos como leitura de apoio: Bakhtin (2000), a fim de garantir a importância do discurso no percurso da expressividade da fala; Busse & Vilela (1986) com a visão da Gramática de Valências e sua contribuição para novos modelos; Marques (2000): a relação entre o léxico e a sintaxe; Marchuschi (2002) e a importância da Análise do Discurso. Com base nestes pesquisadores, entre outros, faremos a abordagem léxico-sintático-semântica, enfocando a análise e descrição da linguagem jornalística, visto que

a propagação desta abrange em grande parte os falantes nativos de forma relativamente uniforme.

A seguir daremos notícias de alguns pesquisadores, além dos já tratados diretamente neste trabalho como Neves, Borba e Vilela, que têm demonstrado interesse no estudo dos usos verbais do tipo dos verbos-suporte e afins. O assunto ainda é pouco abordado, mas já existem autores que vêm demonstrando a importância do assunto já que vem cada vez mais aparecendo no discurso cotidiano.

O verbo, por ser dinâmico, apresenta riqueza de exemplos. Se começarmos a ouvir e até mesmo a ler a língua da comunicação com espírito desarmado das impossibilidades ou agramaticalidades, ficaremos surpresos com a prodigalidade dos matizes semânticos que ocorrem com verbos tão nossos conhecidos e tão rotulados como de uso comum e até banal. Assim, lendo o trecho "que se **faça a revolução** dos bons modos, **restaurando a gentileza**, a civilidade e a ordem urbana", como escreveu Zuenir Ventura em uma de suas crônicas publicada em O Globo (2003), revisitamos o dicionário e encontramos o seguinte: fazer – produzir através de determinada ação; realizar; construir; erguer; fabricar; manufaturar.../ restaurar – obter novamente a posse ou o domínio de alguma coisa; recuperar, pôr em bom estado; consertar... (Houaiss; 2001). Podemos constatar que **fazer a revolução e restaurar a gentileza** não são simplesmente **revolucionar e ser gentil**, o que nos levaria a classificar **fazer revolução** como verbo-suporte; e **restaurar** como **recuperar alguma coisa**, mas uma linguagem apelativa em que a intenção do autor vai além da significação contextual e passa a conclamar o leitor a uma participação social maior. É o recurso estilístico da linguagem figurada ou sentido conotativo que enriquece o texto, despertando o interesse do leitor, o que o levará a desenvolver um raciocínio reflexivo da língua e suas variedades.

Numa outra etapa da pesquisa, o plano da potencialidade e o plano das realizações do verbo serão considerados para que possamos entender uma determinada combinação dos significados lexicais das palavras. No contexto de um dado significado são apenas permitidos alguns deles, ficando excluídos **n** outros. Observemos determinados verbos como **ter / possuir; fazer / produzir, aliados a um nome como: ter livros/ ter certeza; possuir casas/ possuir desejos (?); fazer comida/ fazer segredo; produzir filmes/ produzir significados**. O uso de nome [+concreto], [+abstrato] como complemento pode não só alterar a significação verbal como criar expressões que só significam em conjunto. O processo designado pelo verbo pode levar ao tipo de natureza do nome: seres animados, coisas concretas, coisas abstratas – traços classemáticos; agente, paciente – funções semânticas.

Quando a proposição se refere à análise e estudo de casos, ampliamos para a questão lexical e o uso do dicionário se faz necessário, pois se o léxico constitui-se na matéria-prima para a construção de enunciados e/ou frases, os dicionários são os materiais lingüísticos em que tentamos reproduzir o léxico como subsistema do conhecimento lingüístico. Buscaremos encontrar para os dados pesquisados em nossas leituras as possíveis associações de informações de diferentes tipos, com destaque para as sintático-semânticas. Utilizaremos os dicionários: comum, etimológico e o de usos para verificarmos se eles contemplam a multiplicidade de formas, que cada vez mais surgem em nossos jornais, revistas e literatura.

Os dicionários têm sido atualizados com frequência, em razão dessa multiplicidade de variações que vão brotando em textos orais e gradativamente são assimilados pela escrita, mas o trecho a que fizemos referência, publicado em 19/07/2003, com os verbos em negrito, estariam aí contemplados? Quando o uso vem acontecendo com valor conotativo há algum

tempo, já poderá ter sido relacionado no dicionário, mas como garantir que, numa língua viva, possamos recuperar imediatamente todos os significados? O verbo-suporte **fazer-se a revolução** que corresponderia ao verbo **revolucionar**, no trecho citado, ganha uma força semântica muito mais vigorosa. O enunciado proposto tem o fator de intencionalidade muito mais expressivo que a simples substituição não alcançaria.

Delimitar unidades lexicais recai em duas vertentes de investigação científica: a colocabilidade, ou possibilidade de colocação dos itens, no enunciado, e a gramaticalização. A escolha das palavras de um enunciado comporta um tom emocional inerente à palavra, sendo que a opção por umas implica rejeição de outras. O contexto define a escolha ou a rejeição. A relação do nível gramatical e do lexical, muitas vezes, faz com que a escolha de uma funcione como gatilho para a escolha da outra e, nesse caso, o valor semântico se mostra mais pleno do que na outra que de certa forma se esvazia ou desloca o significado para o complemento. O estatuto lexical torna-se secundário, pois o conjunto ganha mais força gramatical, mais precisamente sintática. O conjunto é redefinido como uma unidade léxico-semântica. (cf. Neves, 2002)

Vamos reservar um capítulo para os conceitos verbais, principalmente do ponto de vista funcional em que podemos distinguir três subclasses: principais, copulativos e auxiliares, analisados por Duarte no capítulo *Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras* em **Gramática da Língua Portuguesa** (2003). Podemos perceber que ao verbo-suporte são atribuídas características de auxiliaridade, não como as previstas nas gramáticas tradicionais, mas como auxiliar de nome que pode ser substituído por um outro verbo cujo radical tomaria como base o nome. Não devemos reconhecer nesses verbos esvaziamento sintático nem semântico, secundarizando-os como mero suporte ou auxiliar, já que mantêm a

complementaridade no nome, o que os torna diferenciados é a característica de abstração que assumem: **dar um brinquedo** e **dar um susto** se diferenciam quanto ao significado que postulam; no primeiro, o verbo age sobre o objeto; no segundo, o nome abstrato absorve o significado verbal.

O verbo-suporte é, nesse caso, um “*continuum*” diversificado; ou em construção verbo objeto ou em expressões cristalizadas ou fossilizadas, sem liberdade, funcionando como uma fórmula de significado unitário. Neves (2002) só considera essas expressões se forem fixas, formadas de verbo + SN objeto (**fazer uso, tomar banho, dar origem**), desprezando aquelas que, por ventura, sejam intermediadas por preposição ou determinante. As expressões, segundo a autora citada, tornam-se cristalizadas quando os elementos constituintes perdem seu valor de base, tanto verbal quanto nominal, e passam a ter um significado único e possível em determinadas situações contextuais como dar um pulo, ter cabeça, dar as costas, tomar partido.

Para pensar o verbo-suporte em relação ao enunciado, partimos do princípio, já difundido através de vários trabalhos acadêmicos, como, por exemplo, em Neves, Borba e Vilela, de que o verbo desse tipo sofre um processo de esvaziamento semântico (em processo de gramaticalização) em relação ao nome que lhe serve de complemento. O conjunto formado por verbo+nome passa a ter a significação desviada para o nome e pode ser substituída por outro verbo cuja raiz tem a base nominal ou outro verbo afim.

Assim, por exemplo:

- (1) O menino tomou um susto./ levou um susto. (= assustou-se)
- (2) O senador caiu em contradição. (= contradisse-se)
- (3) O ator fez a apresentação em praça pública. (= apresentou-se)

(4) O professor pôs em risco sua reputação. (arriscou²)

Segundo Vilela (1995, p.70), os verbos servem de suporte verbal ao autêntico predicado, um nome, geralmente deverbal, ou expressão equivalente:

Os verbos-suporte resultam da deslexicalização e correspondente gramaticalização (ou reforço do componente gramatical) de verbos plenos. Estes verbos transportam diversos valores relativamente aos verbos correspondentes ao nome (se existirem), como os valores aspectuais (decorso, modo ou intensificação da ação), pontualizando ou perfectizando o processo, como fotografar vs. tirar fotografias, considerar vs. ter consideração por, pressionar vs. fazer pressão sobre, etc

Observando a colocação de Vilela quanto ao verdadeiro predicado do verbo-suporte, que no caso é o nome, o verbo deveria ser classificado segundo a tradição gramatical como verbo de ligação ou auxiliar (instrumental).

Observemos outros exemplos, tais como:

- (5) O menino tomou uma limonada.
- (6) O senador caiu na rua.
- (7) A costureira fez a roupa que eu usei na cerimônia.
- (8) O professor pôs os exercícios no quadro.

² Nesse caso, o verbo **arriscar** não se apresenta com o pronome **se**, visto que existe um complemento **nome** que não faz parte da expressão **pôr em risco**. O nome **sua reputação complementa toda a expressão**. O professor **não se arrisca** (o que seria reflexivo), mas **arrisca a reputação dele**.

Os verbos são plenos nos exemplos acima, pois o conteúdo se dirige diretamente para a configuração da processualidade existente no mundo extralingüístico e que gramaticalmente pode funcionar como predicado da frase sem qualquer apoio ou suporte, segundo Vilela.

A hipótese que queremos levantar é: a questão do predicado está realmente no verbo ou no nome que lhe serve de complemento? De 1 a 4 temos nomes abstratos e de 5 a 8 os nomes são concretos. Por que o processo significativo ocorre no conteúdo do **verbo+ nome concreto** e se desloca para o nome quando o conjunto é formado de **verbo+ nome abstrato**? Isto ocorre sempre? Em **O senador caiu na boca do povo/ O senador caiu no conceito do presidente**, não é o uso do nome concreto ou abstrato que muda o significado do conjunto, mas o valor conotativo das expressões.

Uma expressão tem interpretação verbal se a base é atribuída ao verbo com valor de processo e tem interpretação nominal quando precisa de referências do universo discursivo para que identifiquemos sua verdadeira função. A abstração depende do ‘dialogismo’ entre os integrantes de uma ou outra atividade humana e o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, não só por seu conteúdo (temático) e, por seu estilo verbal (seleção operada nos recursos da língua__ lexicais, fraseológicos e gramaticais), mas também por sua construção composicional.

(9) José deu um susto no amigo.

(10) Pedro levou um susto do amigo.

(11) Maria tomou um susto.

O **nome abstrato susto** tem a mesma significação nos três exemplos, o que se modifica é a relação do nome com o verbo. No primeiro caso, poderíamos dizer que **José assustou o amigo** (verbo-suporte prototípico). No segundo caso, embora o nome complemento seja o mesmo, o sujeito passou de agente a paciente e no terceiro caso, o sujeito é agente e paciente e o verbo-suporte se substituído teria que ser pronominal (**assustou-se**). Não há um esvaziamento semântico do verbo, mas uma situação enunciativa que facilitará a interpretação (ou induzirá?).

Os verbos-suporte relacionados nos dicionários não podem ser vistos apenas como uma estrutura de esvaziamento verbal com o deslocamento da força significativa prevista para o nome, assim como não podem ser tratados meramente como uma lista que se presta a qualquer situação, pois algumas estruturas semelhantes a eles podem ir além do previsível, visto que o homem, responsável pelos enunciados, é imprevisível em seu saber expressivo (circunstancial).

Segundo Castro (1984, p. 474, apud Manhães, 2000):

A linguagem seria o vigor, a força de todo o sistema, consistiria no sentido que o ser do homem se dá ao constituir-se historicamente. Seria a força que se manifesta no co-notar. A força da conotação se concretiza nas figuras: metáfora, metonímia, símbolo, alegoria... Ao ato de co-notar, através de diferentes figuras da ficção, os gregos denominaram *mimésis*.

O mundo funciona como uma metáfora. Cada um o vê a seu modo, imprimindo-lhe seus gostos e inclinações. Estabelece-se uma relação entre alma (relação intrínseca entre homem e suas formas de expressar sentimentos e reações) e mundo e o homem vai

manifestando na linguagem toda uma ideologia que lhe é peculiar, está implícita e se concretiza nas suas formas de dizer.

Ao destacar o papel do verbo-suporte e das expressões cristalizadas (solidariedades léxicas, na nomenclatura de Coseriu) não pretendemos observar o uso isolado dessas construções, mas sua adequação às estruturas lingüísticas que se vêm desenvolvendo na língua comum, na linguagem jornalística e na linguagem literária.

Ao relacionar o *corpus* pretendemos fazê-lo sob o enfoque sintático-semântico-discursivo, motivo pelo qual foram destacados estudiosos como Bakhtin (o papel do Verbo-Suporte no Discurso), Vilela (o Verbo-suporte mantém a Valência e os Argumentos), Marques (relação Fala/Escrita), Marchuschi (importância dos Gêneros textuais e as práticas). Não houve preocupação de nossa parte com uma organização cronológica ou temática no recolhimento de exemplos para o *corpus*, mas em analisar a significação dos verbos-suporte e das expressões cristalizadas nos diversos tipos textuais e demonstrar que não há um esvaziamento semântico, mas uma expansão ou ampliação dos significados. Temos por objetivo despertar no leitor o interesse na estrutura e funcionamento de uma língua de uso e em uso, em que forma e função se encaixem na visão global de uma língua efetiva, viva e eficaz.

1. Fundamentação teórico-descritiva: o verbo como categoria léxico – gramatical

1.1 O verbo quanto ao significado genérico

Tomando as classes de palavras como paradigmas morfológicos ou morfossintáticos do sistema, o verbo, no caso, funciona no enunciado como uma palavra ou locução marcada por morfemas modo-temporais e/ou número-pessoais. É a classe de palavras que acumula estruturalmente várias indicações, entre elas, a pessoa gramatical que representa o sujeito. O sintagma nominal (argumento) abrange não só os possíveis complementos (sintático-semânticos), mas também circunstâncias subordinadas ao verbo propriamente dito. Devemos considerar que esses complementos e/ou adjuntos (argumentos) podem-se concretizar através de palavra(s) ou oração.

Temos observado, no entanto, a importância das propriedades semânticas dos verbos para justificar alguns usos, aproximando-os de determinados conjuntos por afinidades de traços. No caso de verbos de movimento classificados tradicionalmente como intransitivos, percebemos a necessidade de um complemento ou argumento circunstancial.

(12) Os amigos foram ao cinema.

(13) Beatriz simplesmente veio ao mundo.

(14) O tempo não pára.

(15) O pedreiro caiu da escada.

(16) A mulher caiu em contradição.

Podemos notar que em 13 e 16 os complementos citados vão além de circunstâncias, pois o uso dessas formas passou a fazer parte de um contexto que abrange diferentes graus de complexidade inerentes à natureza das relações / valores na produção-interpretação de textos: **Beatriz nasceu; A mulher se contradisse**, expressões lingüísticas cristalizadas (**veio ao mundo, caiu em contradição**). A simples substituição não contemplaria as formas originais que têm maior carga semântica. Em (14) não há um argumento circunstancial previsível, mas todo o conjunto é marcado por uma circunstância de espacialidade (processo discursivo).

Sobre esse tipo de especificidade, citaremos três conceitos:

I. “A comunicação e a interação verbais processam-se pela produção e compreensão de enunciados, ‘porções’ de discurso emitidas pelos sujeitos falantes em determinados contextos discursivos e situacionais. Tais enunciados têm como condições essenciais o conhecimento de uma língua natural por parte dos sujeitos falantes nos seus papéis de locutor, alocutário e ouvinte e a própria atividade lingüística, ancorada numa dada situação, definida por coordenadas de espaço e de tempo.” (DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria: 2003, 181. In **Gramática da Língua Portuguesa**. Maria Helena Mira Mateus et al.)

II. “O esquema relacional de cada frase depende das propriedades do verbo presente na mesma. Ora, na classe dos verbos, podem distinguir-se três grandes subclasses, com base nas propriedades de selecção categorial e semântica de cada item lexical verbal: a subclasse dos **verbos principais**, a subclasse dos verbos **copulativos** e a subclasse dos verbos **auxiliares**.” (Inês Duarte (2003: 205-6). In **Gramática da Língua Portuguesa**. Maria Helena Mira Mateus et al.

III. “Existem verbos normalmente classificados como verbos principais que, em certas construções, não exibem as propriedades típicas desta classe: os verbos leves. Do mesmo

modo, certos verbos, geralmente classificados como auxiliares, não respondem afirmativamente a todos os critérios de auxiliaridade, pelo que merecem ser classificados como verbos semiauxiliares.” (Id: 311)

Questões relativas ao verbo propiciam discussões intermináveis, mas é preciso escolher o caminho a seguir no tratamento da análise que pretendemos fazer. Em primeiro lugar, devemos considerar que, para interagir, os indivíduos conhecem fatores básicos de comportamento lingüístico: os atos de fala e o enunciado como unidade discursiva. A seguir, segundo a citação II, o verbo pode ser principal, copulativo e auxiliar, dependendo das propriedades de seleção categorial e semântica em que se situam a estrutura argumental e os papéis temáticos exercidos pelos verbos, tratados como palavras predicativas. Finalmente, há o conceito de auxiliaridade que ainda provoca estranheza, como enuncia Azeredo (1998: 164, 5), apesar de estudos reconhecidamente importantes como os ensaios de Pontes (1973), Lobato (1995) e Lemle (1984). O tema volta e meia retorna à discussão e Azeredo, no capítulo *Entre Léxico e Gramática: A Questão da Auxiliaridade Verbal* In **Língua, Lingüística e Literatura** (1998), prevê que, para examinar “as características da auxiliarização verbal” é necessário retornar-se à “noção de contexto léxico-sintático”.

1.2 Outros enfoques da natureza do verbo

O caminho do ensino de língua em nossas escolas que pretende esclarecer os fatos lingüísticos, isto é, levar em consideração uma língua efetivamente em uso, desenvolvendo no falante nativo uma construção do conhecimento da língua, não deve partir de exemplos de exceções. É preciso, no entanto, considerar formas presentes em nossa literatura, desde os autores clássicos até os atuais, mostrando o percurso histórico das formas de dizer a fim de despertar o interesse por uma língua viva que se vai adaptando a situações novas, sem

desprezar recursos estilísticos como a metaforização de expressões formadas por verbos e nomes.

Segundo Helênio Fonseca de Oliveira (1999, p. 69):

A mídia vem há várias décadas ‘informalizando’, até certo ponto, o português do Brasil. Graças à televisão, ao rádio e à mídia escrita, o registro formal de hoje é talvez o semiformal de outros tempos e o ultraformal caminha a passos largos para o desuso.

A possível releitura dos verbos deflagra um primeiro passo para levar o usuário da língua portuguesa a desenvolver uma análise crítica e reflexiva das variedades do português.

1.2.1 Verbos principais ou plenos

No capítulo em que trata dos verbos principais, Duarte (2003: 296) nomeia-os também como verbos plenos e relata serem aqueles que se constituem no núcleo semântico de uma oração.

Ao estabelecer esse conceito, a autora concentrou no vocábulo ‘semântico’ os aspectos morfossintáticos (categorias) e a estrutura argumental, que na gramática tradicional é tratada por transitividade, aliada aos papéis temáticos dos argumentos, isto é, à seleção natural e significativa do verbo para aceitar determinados argumentos. O número de lugares ocupados pelos argumentos constitui uma subclasse dos verbos principais e estabelece uma listagem de verbos que se localizariam nesta ou naquela subclasse.

(18) Priscila comprou um livro para o filho.

- (19) Aachamos esse assunto incomum.
- (20) A data do casamento convém aos noivos e parentes.
- (21) A criança tossiu.
- (22) A vítima morreu.
- (23) Chovia copiosamente.

1.2.2 Verbos copulativos

A autora Inês Duarte (2003, p. 302) enuncia:

Os verbos copulativos (também denominados predicativos, de cópula ou de ligação, a que a tradição gramatical luso-brasileira chamava de significação indefinida) são verbos que apenas selecionam semanticamente um argumento interno __ uma oração pequena, cujo núcleo pode ser adjetival, nominal, preposicional ou adverbial.

Ao examinarmos o conceito da autora, elaboramos exemplos para situá-lo:

- (24) Maurício anda doente.
- (25) Ele é meu professor.
- (26) O relógio está com defeito.
- (27) Minha casa é longe do metrô.(longe: SN dêitico, relacionado diretamente ao nome casa.).

1.2.3 Verbos auxiliares

Seguindo o raciocínio de Duarte e resumizando a questão temos que os auxiliares apresentam-se em seqüência verbal (V+V) em que o primeiro é o auxiliar e o segundo, o auxiliado. O primeiro não possui significado lexical e, portanto, não tem propriedade de seleção semântica.

(28) Os alunos têm feito as leituras recomendadas.

(29) Os rapazes estavam chegando da festa.

(30) Os críticos haviam feito comparações entre os dois espetáculos.

Os verbos auxiliares mantêm as categorias (tempo, modo, número e pessoa) o que os aproxima da significação gramatical e não semântica. Essas categorias, no entanto, caracterizam os verbos auxiliados que ainda contam com complementação, já que a eles pertence a significação lexical. Podemos perceber isto pela comutação dos enunciados:

(31) Os alunos fizeram as leituras recomendadas.

(32) Os rapazes chegavam da festa.

(33) Os críticos fizeram comparações entre os dois espetáculos.

O uso das locuções ocorre para denotar uma noção de aspecto verbal (pontual, incoativo...) __ categoria gramatical aliada à função semântica. Não podemos dizer que há um esvaziamento total do auxiliar, visto que o emprego deste é capaz de modificar em parte o enunciado, pretendendo-se passar ao leitor/ouvinte mais uma forma de esclarecimento.

Marques (2000, p. 219) pontua que o que se fala ou escreve está condicionado pelo destinatário através de recursos de modalização, aspectualização, atuação, interação que se combinam e se superpõem num texto.

Complementando a idéia sobre auxiliaridade, tomamos as palavras de Azeredo (1998, p.168) “...quanto mais depende da presença de termos adjacentes que o complementem, tanto mais um verbo se afasta de seu caráter lexical e se aproxima do domínio da gramática”. Nesta acepção o autor empregou os verbos **ter / haver e ser** em construções clivadas e formas vicárias de **ser / fazer**.

Quanto aos auxiliares modais, aspectuais e acurativos, acreditamos que os papéis temáticos que eles exercem não podem ser relacionados como de esvaziamento semântico total, o que há é um papel significativo secundário de apoio ao verbo auxiliado para a complementação semântica do enunciado.

1.2.4 Verbos leves

Em algumas construções, os verbos classificados como principais ou plenos ou genéricos perdem certas propriedades típicas dessa classe e são nomeados por alguns autores como verbos leves. Esta nomenclatura, usada pela primeira vez por Jespersen, também aparece sob a forma de verbo operador, verbo-suporte ou verbalizador.

Esses verbos são explicados como verbos plenos que passam por um esvaziamento lexical ou gramaticalização (nomenclatura utilizada por alguns autores, segundo Inês Duarte: 2003, p.312), quando usados com nomes ou expressões nominais que atraem o centro

semântico do enunciado. A idéia de esvaziamento é reforçada quando existem verbos plenos que substituem o verbo leve em predicado complexo. Pela proximidade com a gramaticalização ou deslexicalização, alguns autores aproximam esses verbos dos auxiliares.

(34) Maria fez queixa.

(35) O ministro tem muita influência.

(36) O remédio não deu resultado.

Não parece tão simples a descaracterização de um verbo em favor de um nome. Esse pode ser um processo explicado pela gramática, mas há outros aspectos que devem ser levados em consideração e que tentaremos mostrar através de análise de dados como:

(37) Maria fez queixa aos pais./ Maria queixou-se aos pais.

Observamos que a forma do verbo leve **fazer** foi comutada pelo **verbo pleno** constituído do radical do nome que serviu de complemento ao verbo e que centralizou o conteúdo semântico. Um verbo pleno que tem como complemento um nome pode ter esse nome substituído por um pronome oblíquo átono ___ Maria fê-la aos pais. E o complemento indireto a que o verbo **fazer**, no caso, se refere? Esse complemento depende do nome que se refere ao verbo, pois o verbo **fazer** não exige complemento preposicionado, o conjunto **fazer queixa** é que o exige.

Também encontramos expressões formadas por **verbo+nome** que, cada vez mais, fazem parte de nossos enunciados. É importante destacar a dificuldade em classificar essas

expressões que se vêm fixando através de uma variedade de verbos, como nos seguintes casos:

(38) Minha cabeça deu um nó.

(39) Deu zebra no desfile daquela escola.

(40) Ele não dá ponto sem nó.

(41) Nunca imaginei dar tanto azar assim!

(42) Ele fez picadinho do meu amor.

(43) Bruno levou cano.

(44) O ladrão passou a perna no policial e fugiu.

É objetivo desse estudo considerar o funcionamento da língua que, segundo Coseriu (1980), tem a sua gramática como reflexo de uma técnica lingüística que o falante domina e que lhe serve de intercomunicação na sociedade a que pertence ou em que se acha inserido.

3 Verbo__ função predicativa

Tomemos o verbo na “possibilidade” de função predicativa da frase, em que assume a função central e determina a estrutura frásica de base, tanto sintática como semanticamente. Estabelece-se, como relata Vilela (1986: 17), um “quadro virtual e aberto, atualizado na frase pela inserção das expressões actanciais, de que resulta um conteúdo configurado em funções relacionais (semânticas)”.

Sabemos que o único constituinte realmente essencial à oração é o predicado e, se o verbo pode ser tomado em função predicativa, levaremos em conta sua característica de acumular um componente lexical (predicador) e outro gramatical (reúne as categorias de tempo, modo, aspecto, número e pessoa).

Temos, ainda, a proposta de Borba (1996:13):

A atividade verbal pressupõe objetivos centrados num núcleo comunicativo (predicado), então falar é predicar. Sendo assim, o predicado é o centro da organização oracional. Dada numa seqüência, procurar-se-á primeiro a unidade ou classe paradigmática que preencha as funções do predicado. A partir daí identifica-se o número de casas vazias que comporta a unidade na função de predicado. Tomando emprestado o termo da Lógica, vou chamar de argumento a cada uma dessas casas vazias. Em resumo, o predicado é uma função e os termos que dele dependem são suas variáveis. Porque a função predicado é uma seleção, pode-se concentrar o ato comunicativo numa simples predicação (cf. Chove. Neva).

A questão é relevante para nossa pesquisa, pois reforça a idéia de que o verbo é o centro do enunciado, portanto, o esvaziamento semântico do verbo-suporte em relação ao nome não procede. Reafirmamos que o verbo deva ser classificado a partir de propostas sintáticas, semânticas, sintático-semânticas e pragmáticas, de acordo com a finalidade discursiva.

Firmaremos a análise do *corpus* na proposição de Vilela que toma o termo **classificação** como “um método de produção de classes (de fenômenos ou de fatos), e ainda o

produto desse processo”. Propomos que o verbo seja observado como uma classe organizadora de estruturas possíveis, visto que se realiza em várias situações discursivas atendendo às intenções enunciativas do falante.

1.4 A importância da lexicologia para o verbo-suporte e as expressões cristalizadas

A lexicologia estuda as palavras de uma língua, e todos os seus aspectos. Os estudos lexicológicos abrangem a etimologia, processos de formação de palavras, a importação de termos estrangeiros e a conseqüente adaptação, mas esse estudo não pode se desvincular da semântica. Numa relação paradigmática, o léxico se relaciona com os subsistemas da língua. (BERRUTO: 1976, p.10; apud Vilela: 1994, p.10).

Citando palavras de Berruto, ainda no referido capítulo de Vilela (p. 10), a lexicologia compreende:

...a totalidade das palavras de uma língua, ou, o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade lingüística, acerca das propriedades lexicais das palavras (propriedades fonético-fonológico-gráficas, propriedades sintáticas e semânticas). Contudo, a lexicologia não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico, mas sim fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua. A sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que lexicologia e lexicografia são coisas distintas e assim devem ser tratadas.

Ao destacar o papel dos verbos-suporte e das expressões cristalizadas não pretendemos observar o uso isolado dessas construções e sim sua adequação ao discurso que se vem desenvolvendo na língua comum, na linguagem jornalística e na linguagem literária.

Os casos dos verbos-suporte e expressões cristalizadas interessam à lexia, nas seguintes situações, como proposto por Turazza (2002, p.15):

- A menor unidade memorizada e disponível para atualização pelos interlocutores, isto quer dizer que a sua virtualidade é condição para sua atualização;
- O conjunto de todas as lexias de um idioma— códigos oral e escrito— constitui seu universo léxico. Faz-se necessário considerar que há lexias já efetivadas e lexias virtuais, isto é, passíveis de serem efetivadas a qualquer momento, dependendo da estrutura dos códigos em que estão inseridas.

O discurso vai incorporando expressões que, em princípio, podem causar estranheza, mas o uso, não tão novo, dessas formas esquemáticas vem substituindo outras que já caíram em desuso. Algumas vêm para ficar, outras passam.. Ao tomarmos o texto de Drummond, *Antigamente* (Quadrante, 1962. In **Seleto em prosa e verso**, p. 17), vamos encontrar a expressão **passam a manta**, hoje, pouco conhecida, mas, se for usada **passam a perna**, a maioria dos interlocutores identificará como **enganar**.

Num estudo feito por Maria Emília Barcellos da Silva e apresentado no Congresso Internacional “500 anos da Língua Portuguesa no Brasil”, na Universidade de Évora, em maio de 2000, foram apresentadas expressões sintáticas lexicalizadas encontradas no falar do Rio de Janeiro e de Lisboa. Embora os processos de formação de palavras indicados pela gramática comum sejam os mesmos, as expressões apresentam, semanticamente, diferenças entre falantes de culturas distintas. Há formações que nos permitem perceber uma lexis própria do português do Brasil na formação de verbos-suporte e expressões lexicalizadas ou cristalizadas. Esse fato também sustenta expressões próprias do português de Portugal (**cair para o lado= flipar; mandar boca= comentar em voz alta; ir de patins= ser despedido**).

Para justificar que esse fato depende de muitos fatores, como: grau de formalidade, adequação ao tipo de linguagem escolhido pelo falante e, ainda, que o afastamento das expressões usadas no Brasil e em Portugal é uma tendência de variedade cultural, Helênio Fonseca de Oliveira (1999, p. 69) explica:

Nossa condição de ex-colônia contribui para que a diferença entre formal e informal seja maior no português do Brasil que no de Portugal, como é maior em Marselha que em Paris, no Texas do que em Oxford, em Buenos Aires do que em Madri e assim por diante, ou seja, para quem não vive na região cujo dialeto serviu de base à variedade padrão do idioma a distância entre formal e informal é realmente maior.

O léxico de uma língua não é homogêneo e, como nos afirma (Vilela: 1995, p. 16), “constitui um diassistema: as palavras de todos os dias convivem com as palavras dos especialistas, as palavras da língua falada (ou estilo coloquial) vivem lado a lado com as

palavras da língua escrita (ou estilo refletido), as palavras ‘velhas’, ainda de uso corrente, coabitam com arcaísmos e neologismos”.

Há uma língua histórica no Brasil em comum com Portugal, mas o léxico se adapta ao linguajar de cada comunidade lingüística, pois existem especializações, segundo Vilela (1995: p.16) “como em **mudar, trocar e cambiar**, em que há uma delimitação de áreas: mudar situa-se mais no ‘mundo físico’(**mudar de roupa, mudar de campo, mudar de banco**__ onde depositamos o dinheiro), **trocar** é o termo mais genérico”. No português do Brasil, tanto dizemos **mudar a blusa** como **trocar a blusa**, mas **cambiar**, usado em Portugal no sentido bancário/monetário, não é empregado no português do Brasil, em que empregamos **trocar de banco, mudar de banco, trocar dinheiro** (não ouviremos, no português do Brasil, **cambiar dinheiro, cambiar de banco**). Usamos coloquialmente os verbos **mudar e trocar**, como variantes discursivas: **mudar de marido/ trocar de marido, mudar de casa/ trocar de casa, mudar de hábito/trocar de hábito**. Esses exemplos com o verbo seguido de preposição, também podem ocorrer em algumas formas do verbo+ nome: **mudar a cor/ trocar a cor, mudar o dia/ trocar o dia, mudar o livro/ trocar o livro**.³

1.5 A importância sintático-semântica do conjunto verbo-nome

Entendemos por sintaxe um conjunto de relações que permitem a construção e organização do pensamento. Usamos, segundo Pinker (2002, p.89; apud CHIERCHIA, 2003) “símbolos para representar conceitos e arranjos de símbolos para representar as relações lógicas entre eles, de acordo com algum esquema coerente”. Onde fica essa coerência? Ela está na base das inferências, ou melhor, no conjunto de conhecimentos que vamos acumulando ao longo da interação com nossos afins e /ou grupos com que convivemos. É a

³ O uso da preposição com os verbos mudar e trocar não é obrigatório.

língua de comunicação que incorpora um conjunto de “regras de bom senso”. Essas regras são as combinações possíveis e perceptíveis ao outro no seu conjunto.

Na verdade, concentram-se muitos conceitos no plano mental, em número maior que o de palavras, mas é sempre possível ao leitor/ouvinte completar o que deixa de ser dito, “as palavras existentes rapidamente ganharão novos sentidos, quem sabe até recuperando seus sentidos originais”. (Pinker: 2002, p.94, apud CHIERCHIA, 2003.) É essa a essência da linguagem: recuperar de forma ordenada as relações entre as palavras que não existem isoladamente e se assim forem usadas dependem de um contexto de situação que recupere o elo entre elas. É a questão da coesão e da coerência.

O autor citado no parágrafo anterior diz, na página 100 (apud Chierchia), que:

Uma gramática especifica como as palavras devem se combinar para exprimir significados; essa especificação independe dos significados particulares que costumamos transmitir ou esperar que outros nos transmitam. Assim, todos sentimos que algumas seqüências de palavras passíveis de interpretação não se conformam ao código gramatical da língua.

A integração sintaxe e semântica é muito clara, quando percebemos que o homem busca parceria para seus atos de fala e estes são comportamentos verbais intencionais e objetivam provocar uma reação no interlocutor de aceitabilidade ou de rejeição. Se a sintaxe é relação pré-estabelecida e regulada pela repetição de formas esquemáticas da língua não prescinde, no entanto, de organização significativa. Coesão e coerência caminham lado a lado para que o processo discursivo se efetive.

Bakhtin (2000, p. 282) afirma que:

A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. O enunciado situa-se no cruzamento excepcionalmente importante de uma problemática.

A língua vive no homem e este se expressa através dela para interagir: perguntar, cumprimentar, pedir alguma coisa, dar uma explicação e todas essas manifestações têm um propósito, uma lógica, um significado.

Rodolfo Ilari, em *Introdução à Semântica* (2001, p.11), utiliza a expressão “temas de semântica” e se refere a “operações que realizamos o tempo todo, sem nos preocuparmos em teorizar, quando usamos a língua no dia-a-dia”. O autor diz, ainda, na p. 131 que “Uma boa maneira de entender as sentenças da língua consiste em imaginar que elas representam ‘pequenas cenas’ nas quais diferentes personagens desempenham papéis necessários ao enredo (como no teatro). Esses papéis temáticos são determinados pelo verbo (...)”.

A Semântica, portanto, é assunto que não podemos desvincular do processo lingüístico, pois este explora os processos de criação de sentidos. Não basta conhecer o mecanismo de unir os eixos paradigmático e sintagmático, é preciso perceber que um vocábulo não substitui integralmente outro de sentido semelhante, pois cada vocábulo e cada combinação permitem leituras distintas de acordo com um outro componente, que pode ser extralingüístico, o contexto verbal ou de situação: **A professora passou a lição. / A mãe passou a lição com o filho...** os períodos poderiam ser substituídos por **A professora escreveu a lição e A mãe estudou a lição com o filho?** Há correspondência semântica integral?

2. Contribuição ao estudo do verbo-suporte no português do Brasil

Maria Helena Moura Neves reserva no livro **A gramática. História, teoria e análise, ensino** (2002) um capítulo *A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte* (p.189-206), estudo que apreciaremos na pesquisa. A leitura desse texto foi usada como base do que nos propomos analisar quanto ao verbo-suporte e às expressões cristalizadas. A autora há algum tempo vem-se dedicando a esse assunto tão polêmico, mas, ao mesmo tempo, instigante.

Partindo do binômio **verbos plenos e verbos- suporte**, Neves “observa a importância da posição de objeto na apresentação de um único argumento novo e de um único SN lexical numa sentença” (apud MANHÃES, 2000: 35). O verbo-suporte apresenta-se com funções complexas e, embora pudesse ser encaixado na categoria de verbos genéricos, já que semanticamente necessita de um argumento nome-objeto, não deve ser simplesmente citado como exemplo definidor dessa categoria.

Segundo análise de Manhães (2000, p.37):

Nas construções com verbo-suporte, o nome precisa corroborar com a especialização do processo expresso pelo verbo, visto que este é muito amplo. É por isso que, nessas construções, o nome não estabelece precipuamente uma referência, ou seja, criação de objetos existenciais em algum mundo, extração de entidades de um conjunto. (cf Franchi e Negrão, 1994, apud Neves, 1996, p. 207). Sendo assim, Neves propõe como prototípicas as

construções em que o nome não tem determinantes ou referencialidade.

2.1 Leitura crítica do capítulo “A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbo-suporte”

O verbo-suporte pode enquadrar combinações de “verbos gerais (classes especiais de verbos como fazer, dar, ter, pôr, tomar)” + SN em que os verbos apresentam um certo grau de esvaziamento do sentido lexical, mas que conservam uma acepção cuja contribuição para o significado total pode ser explicitada (dar um riso = rir, dar uma investida = investir, dar uma olhada = olhar, ter confiança = confiar...). Ou a combinação de um verbo intransitivo “geral” com preposição e nome deverbal⁴ (andar por um caminho incerto).

É importante esclarecer que nos verbos chamados lexicais temos um inventário aberto e os verbos gerais (subconjuntos dos verbos lexicais) constituem um conjunto fechado⁵. Esse semi-esvaziamento semântico interfere no tipo de predicação verbal: ação, processo, estado.

A seguir, é considerada a posição do gerativista Radford (1988: 89-104; apud Neves: 2002, p.191) que propõe uma série de testes para a questão que determina a estrutura de constituintes de uma dada sentença numa língua, pois, mesmo considerando a intuição do analista, observa que esta pode falhar, daí levantar a necessidade de certos instrumentos lingüísticos como distribuição, anteposição, posposição, coordenação, intercalação de advérbios e elipse. Radford ratifica que esses critérios serão capazes de distinguir as construções com verbo-suporte das construções fixas, cristalizadas. O autor utiliza os testes a

⁴ Allerton (1984, p.32) apud Neves (2002, p.191).

⁵ Idem

partir de uma pergunta: "Como se determina a estrutura de constituintes de uma dada sentença em uma dada língua?". Na segunda parte desta leitura, quando vamos propor uma análise, retomaremos nossas observações dos vocábulos usados **dada sentença / dada língua**, o que nos leva muitas vezes a forçar leituras e estruturas para alcançar o fim desejado.

Além dos testes que passará a analisar, Neves levanta a possibilidade de construções com verbo pleno e seu objeto direto em combinatórias que se apresentam mais livres e diversas.

Os critérios em número de três, propostos pelo gerativista Radford, para expressões ou combinatórias fixas, postulam o estatuto da unicidade (noção de unidade lexical). Neves adaptou e aplicou testes (em número de sete) para determinar a estrutura dos constituintes de uma construção com a finalidade de auxiliar na caracterização da natureza (*sui generis*, segundo a autora) das construções com verbo-suporte.

Ao apresentarmos os testes, testamos alguns exemplos nossos.

2.2 Testes:

TESTE 1

O elemento tem a mesma distribuição que (isto é, pode ser substituído por) um elemento de determinado tipo? Se assim é, ele é um sintagma de tipo relevante.

1. O falante deu um riso [uma gargalhada], saindo logo após.
2. Resolvi dar uma investida [uma procurada] para saber a reação.
3. Afonso dá uma olhada [uma piscada] à espera de uma resposta.

4. O povo começou a ter confiança [arrependimento] em escolher o candidato.

O elemento que é o objeto de um verbo-suporte é um constituinte (SN)⁶. Quando isto não acontece temos uma expressão cristalizada, como em:

5. Vou dar um pulo [dar um..?...] até a casa de Júlia.
6. O menino teve cabeça [ter...?...] para resolver a questão.
7. Rita deu as costas [deu...?...] contrariada.
8. Resolvi não tomar partido [tomar...?] de nenhum dos dois.

No entanto, se o mesmo teste for aplicado, dando relevância a todo o sintagma formado por verbo + objeto, temos:

- A. deu um riso = riu; deu uma gargalhada = gargalhou;
- B. dar uma investida = investir; dar uma procurada = procurar;
- C. dá uma olhada = olhar, dá uma piscada = piscar;
- D. ter confiança = confiar; ter arrependimento = arrepender-se;
- E. dar um pulo = ir;
- F. teve cabeça = pensou;
- G. deu as costas = saiu;
- H. tomar partido = concordar.

Neves (2002: 197) diz que:

⁶ Segundo Radford (apud Neves; 2002, p. 191) devem ser usados instrumentos seguros na determinação de “se uma determinada seqüência de palavras é um constituinte de um determinado tipo (p. 89)”, como as seguintes: a distribuição, a anteposição, a posposição, a coordenação, a intercalação de advérbios, a elipse. Em relação a elas é que se testa se as construções se comportam como constituintes ou não.

Nesse caso, o resultado mostra que a construção de verbo-suporte + objeto se comporta globalmente como um verbo simples, tanto quanto a expressão fixa de verbo + complemento, compondo, ambos os tipos, conjuntos para os quais os dois elementos contribuem, sintática e semanticamente.

TESTE 2

O elemento admite movimento (isto é, ser anteposto ou posposto)? Se é assim, ele é sintagma de algum tipo.

1 a (?) O falante um riso deu. / Deu um riso o falante.

2 a (?) Resolvi uma investida dar. / Dar uma investida resolvi.

3 a (?) Afonso uma olhada dá. / Dá uma olhada Afonso.

4 a (?) O povo começou a confiança ter. / Começou a ter confiança o povo.

São possíveis as duas construções, embora não usuais, mas consideradas gramaticalmente possíveis. Os resultados mostram que o elemento objeto do verbo-suporte é constituinte (SN).

O segundo grupo de exemplos não comporta, segundo a autora, o mesmo resultado na aplicação do teste:

5 a Vou um pulo dar até a casa de Júlia.

6 a O menino cabeça teve para resolver a questão.

7 a Rita as costas deu contrariada.

8 a Resolvi partido não tomar de nenhum dos dois.

Ao comparar os dois grupos de exemplos (1 e 1a; 2 e 2a...), observamos que em nenhum dos casos a construção é usual e que a inversão de termos em português pode provocar mudança de sentido ou enfatizar um dos elementos, o que não nos parece inviabilizar gramaticalmente o segundo grupo (talvez em 8a o advérbio ficasse melhor, acompanhando o verbo a que nega __ Resolvi partido não tomar...).

Ao considerar o conjunto verbo + objeto, o movimento é possível nos dois grupos:

Dar um pulo até a casa de Júlia, vou.

Teve cabeça o menino para resolver a questão.

Deu as costas Rita e saiu contrariada.

Não tomar partido de nenhum dos dois, resolvi.

Nas palavras de Neves (2002:199) "À parte a deselegância de algumas frases mais complexas, o teste se aplica, e o que se verifica é que tanto as construções de verbo-suporte como as expressões fixas se comportam globalmente".

Se reconstruíssemos os exemplos do grupo 5a, 6a... (a que chamaremos grupo B), intercalando uma oração adjetiva, manteríamos o sentido e a gramaticalidade:

5b Um pulo que dei até a casa de Júlia foi suficiente para resolver a questão.

6b A cabeça que o menino teve (?) na hora para resolver a questão foi admirável.

Neves só considera o movimento nos dois grupos se for levado em conta o conjunto verbo + objeto, mas o caso da estruturação proposta nos exemplos do grupo B parece-nos perfeitamente possível.

TESTE 3

O elemento pode servir como fragmento de oração? Se assim é, ele é um constituinte sintagmático. O elemento nominal é objeto do verbo-suporte.

1c. Deu um riso?

Não, uma gargalhada.

2c. Dar uma investida?

Não, uma procurada.

3c. Dá uma olhada?

Não, uma piscada.

4c. Começou a ter confiança?

Não, descrença.

No segundo grupo, não se pode aplicar o teste:

5c. Vou dar um pulo?

Não, [.....].

6c. O menino teve cabeça?

Não, [.....]

7c. Deu as costas?

Não, [.....]

8c. Não tomar partido?

Não, [.....]

No primeiro grupo, os elementos que são objetos do verbo comportam-se como fragmentos de sintagma. No segundo, isto não ocorre, porque o objeto não tem correspondente semântico na fragmentação.

No entanto, a aplicação do teste, considerando verbo + objeto, apresenta resultado diferente, pois os dois grupos se portam da mesma maneira, segundo a autora:

1d. Deu um riso?

Não, choramingou.

2d. Resolvi dar uma investida?

Não, retraí-me.

3d Afonso dá uma olhada?

Não, escuta.

4d. Começou a ter confiança?

Não, desconfia.

5d. Vou dar um pulo em casa?

Não, vou esperar.

6d. O menino teve cabeça para resolver?

Não, complicou-se.

7d. Márcia deu as costas?

Não, ficou na sala.

8d. Resolvi não tomar partido?

Não, comprometi-me.

TESTE 4

O elemento admite coordenação com outra cadeia? Se assim é, ele é um constituinte do mesmo tipo daquele com o qual se coordena.

- 1e O rapaz deu um riso e um bocejo e saiu logo depois.
- 2e Resolvi dar uma investida e uma saída estratégica.
- 3e Afonso dá uma olhada na revista e um grito.
- 4e O povo começou a ter confiança e alegria em escolher o candidato.

Segundo a autora, o segundo grupo de frases não permite coordenação de dois elementos nominais na posição de objeto:

- 5e Vou dar um pulo e [um?/ uma corrida] até a casa de Júlia.
- 6e O menino teve cabeça e [(?) /tempo] para resolver a questão.
- 7e Rita deu as costas e [(?) /de ombros] contrariada.
- 8e Resolvi não tomar partido e [(?) / nem lugar] de nenhum dos dois.

Na avaliação do conjunto verbo + objeto o resultado é semelhante para os dois grupos.

- 1f. O rapaz deu um riso e saiu.
- 2f. Resolvi dar uma investida e desistir.
- 3f. Afonso dá uma olhada e grita.
- 4f. O povo começou a ter confiança e falar.
- 5f. Vou dar um pulo e saber de tudo.

6f. O menino teve cabeça e desistiu de ficar ali.

7f. Rita deu as costas e o deixou falando sozinho.

8f. Resolvi não tomar partido e apenas escutar.

TESTE 5

O elemento pode servir como “constituente compartilhado”? Se assim é, ele é um constituinte.

1g deu e – não recebeu – um presente.

2g dar – e não sofrer – uma investida.

3g dá – e não recebe – uma olhada.

4g ter – e não despertar – confiança.

O compartilhamento se faz com verbo de maior densidade semântica (receber, sofrer, despertar). O teste serve para marcar o caráter de constituinte do verbo-suporte.

No outro grupo o compartilhamento não ocorre, pois o teste não se aplica:

5g Vou dar – e não ?- um pulo até a casa de Júlia.

6g o menino teve – e não ?- cabeça para resolver a questão.

7g Rita deu – e não ? – as costas contrariada.

8g. Resolvi não tomar – e não ? – partido de nenhum dos dois.

Como se trata de sintagma verbal o compartilhamento de constituintes não se aplica ao conjunto verbo + objeto.

TESTE 6

O elemento pode, apropriadamente, ser substituído por, ou servir como, antecedente de uma proforma⁷? Se assim é, ele é um sintagma do mesmo tipo da proforma.

1h deu um riso ► deu-o.

2h dar uma investida ► dá-la.

3h dá uma olhada ► dá-a.

4h ter confiança ► tê-la.

No outro grupo:

5h dar um pulo ► dá-lo.

6h teve cabeça ► teve-a.

7h deu as costas ► deu-as.

8h não tomei partido ► não o tomei.

A substituição pelo pronome é possível estruturalmente, portanto, segue as leis gramaticais. As expressões, no entanto, de verbo-suporte, ou de qualquer verbo mais objeto em que substituímos o nome pelo pronome só se explicam pelo contexto. Dar um pulo, ter cabeça, dar as costas e tomar partido são expressões semanticamente constituídas para emprestar determinada significação contextual.

TESTE 7

⁷ Proforma: no caso, elemento que pode substituir outro numa construção, como, por exemplo, o pronome.

O elemento admite elipse, sob condições discursivas apropriadas? Se assim é, ele é um sintagma do tipo verbal. Isto será possível no caso dos verbos-suporte, mas não será possível nas expressões cristalizadas.

- 1i O rapaz deu um riso e a moça um bocejo.
- 2i Resolvi dar uma investida e ele uma saída estratégica.
- 3i Afonso dá uma olhada na revista e Luísa um grito.
- 4i O povo começou a ter confiança e a imprensa dúvidas.

Grupo de expressões cristalizadas:

- 5i Vou dar um pulo e João [.....?...] até a casa de Júlia.
- 6i O menino teve cabeça e a mãe [.....?...] para resolver a questão.
- 7i Rita deu as costas e a turma [.....?...] contrariadas.
- 8i. Resolvi não tomar partido e o diretor [....?.....] de nenhum dos dois.

Em Neves (2000, p. 53) temos que os vêrbo-suporte “são também chamados funcionais, gerais, verbóides ou verbalizadores” e que têm “significado bastante esvaziado e formam com seu complemento (objeto direto) um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua”. Observa ainda a autora (p.54) que “algumas construções com verbo-suporte não têm um verbo simples em relação de paráfrase com a estrutura **verbo+ sintagma nominal complemento**”. Concluímos, portanto, que não é necessário que o léxico da língua disponha de um verbo cognato equivalente ao conjunto.

Pudemos observar que o verbo é uma palavra essencialmente complexa, pois além de seus valores gramaticais estabelece relações semânticas com outros elementos da oração. Os critérios sintáticos e semânticos não dão conta completamente do valor nocional do verbo e das suas relações.

Um verbo é pleno numa determinada organização textual e noutra pode sofrer, segundo alguns estudiosos, um processo de esvaziamento lexical já que permite que desloquemos para a expressão nominal o centro semântico da frase.

Observemos o **verbo ter** nas expressões **ter uma bola, ter confiança e ter cabeça**; no primeiro caso percebemos a ocorrência de um verbo pleno; no segundo, de um verbo leve ou suporte; enquanto, no terceiro, ocorre uma expressão cristalizada ou lexicalizada.

Os testes que foram aplicados para se estabelecerem critérios que determinariam em que classe ou subclasse os verbos se encaixariam não foram suficientemente esclarecedores, pois verificamos que, pelo menos em alguns casos, ou mostraram-se ‘forçados’ com o fim de atender ao objetivo imediato pretendido; ou não foram levados em consideração usos de outras variedades lingüísticas. Nos dois casos o resultado não satisfaz inteiramente.

Neves (2001, p.195, explica que:

as construções com verbo-suporte se situam num intermédio entre dois tipos de construção, as ‘locuções verbais’ e as construções de verbo pleno + argumento objeto direto. Nessa zona intermediária, as construções com verbo-suporte, graças às características de um ou de outro dos seus componentes (verbo e nome), no uso, ora se aproximam mais de um extremo, ora de

outro, e isso na medida inversa em que se aproximam do protótipo. Desse jogo se vale o falante para construir o sentido do que diz, fazendo escolhas que lhe permitam ir em uma ou outra direção.

Visto isso, como determinar que dar uma cabeçada é um verbo-suporte, pois se encaixa nos testes previstos nessa resenha, se forem observadas as seguintes proposições?

O jogador deu uma cabeçada na bola e jogou-a no fundo da rede. (=cabeceou);

O menino ia distraído e deu uma cabeçada na porta. (=cabeceou ou se trata de uma pancada?);

Todos no bairro comentavam que a moça deu uma cabeçada na vida e por isso não era mais aceita em casa. (cabeceou ou teve um comportamento não aceito pela sociedade? Uso metafórico/ eufemismo de cometeu ato ilícito, prostituiu-se).

A expressão **dar uma cabeçada** revela sentidos particulares em cada uma das frases em que foi empregada. Isso significa que o uso da expressão depende da escolha/ desejo do falante de provocar determinado efeito semântico. É o **verbo + constituinte nome** formando uma expressão com valor conotativo

Nas páginas 54-5 da Gramática de Usos do Português, Neves diz que as construções com verbo-suporte compõem-se de:

- um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado;

- um sintagma nominal que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação.

Essa caracterização dá margem a um conjunto de construções, mais próximas ou mais distantes das construções propostas como prototípicas⁸. A indicação básica é, prototipicamente, que os verbos-suporte têm como complemento um sintagma nominal não-referencial, de modo que o complemento típico de verbos-suporte traz um substantivo sem determinante.

A autora cita como exemplos **fazer vistoria, dar origem, tomar banho e fazer uso** e complementa afirmando que, no caso, ao substituir um verbo transitivo por um verbo-suporte + sintagma nominal reduz-se a valência de um predicado e que essa escolha permite obtermos maior adequação comunicativa.

É intenção da pesquisa demonstrar que o uso desses verbos valoriza o processo discursivo e é mais adequado à fala coloquial, mais próxima do falante. Ao mesmo tempo, ressaltamos que não é tão fácil reduzirmos esse estudo a um conjunto de regras ou testes que definam a questão tão claramente como parece aqui. Em primeiro lugar, o que a autora chama de determinante do substantivo? Nos casos relacionados no parágrafo anterior não observamos o uso do artigo (determinante?), mas em outras situações, no mesmo capítulo na página 57, Neves relaciona: **dar uma surra, levar uma bruta surra, faz-se o acabamento, dar um beijinho** e justifica tratar-se de caracterizar situações informais que sugerem gestos, movimentos, atitudes, intenções. Perguntamos: tais formulações não são adequadas ao

⁸ Prototípicas são as construções que têm um verbo de natureza semântica básica e um nome que configura o sentido do todo.

registro culto da língua? Só a informalidade abarca essas construções? Não é difícil encontrar expressões como as citadas em textos literários.

Causam preocupação testes realizados com frases preparadas para determinar ou avaliar questões descontextualizadas, pois fica muito claro que naquelas situações as propostas estarão adequadas ao que queremos provar, mas que contextos lingüísticos usuais e legítimos, em outras situações, podem desmenti-las.

Cabe lembrar como diz a autora neste capítulo que a “gramática que tem como objeto a língua em uso só se estabelece com integração dos componentes sintático, semântico e pragmático (Neves, 1997b, p.23-6), e que o gramatical (a sistematicidade da estrutura lingüística) não se desvincula do funcional (a instrumentalidade do uso da língua)”.

Numa língua em uso, enunciados, embora individuais, concretizam-se a partir de cada esfera de utilização elaborada pela língua, tipos relativamente estáveis que formam gêneros de discurso. A variedade de gêneros do discurso é infinita e a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e pode lidar com a língua em seus diferentes aspectos orais e escritos, com as gramáticas da língua, com a formação do léxico e seu ordenamento e significados, além dos aspectos estilísticos.

Essas observações deflagram a necessidade de buscarmos um panorama de leituras de outros autores, embora não aprofundadas, já que os fatos lingüísticos com verbos-suporte e expressões cristalizadas serão focados no corpus de forma não homogênea. A leitura será apresentada sob forma esquemática, visto que a proposta é justificar, em parte, a análise do corpus. Também a notícia sobre pesquisa de outros estudiosos do assunto será breve e não

contemplará a todos, pois o assunto, sendo atual e amplo, ainda é objeto necessário de muita pesquisa.

Crônicas, editoriais, reportagens, escritos literários, diálogos (formais, cotidianos, regionais) terão lugar em nossa análise. E é essa variedade que desperta no estudioso da língua portuguesa a curiosidade para achados sobre uma realidade peculiar. Ignorar esses fatos leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida.

Quando falamos em gêneros do discurso, a nossa literatura mostra-se rica em exemplos. Não vamos tratar de literatura teórica, mas de linhas diretrizes e de possibilidades de expressão. A variedade do discurso pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos estilísticos, relacionando-se de diferentes maneiras com a língua comum.

3. Breve notícia sobre autores que pesquisam o assunto

Ao escrevermos este capítulo corremos o risco de sermos injustos com todos aqueles que, de alguma forma, começaram a perceber a importância e o uso cada vez mais frequente desses conjuntos formados ou por verbo-suporte ou por expressões cristalizadas. Os pesquisadores do léxico como Margarida Basílio, Mário Vilela, Francisco Borba já vêm apresentando em artigos de publicação científica, comunicações em congressos, livros e dicionários muitas observações importantes. Coseriu, em solidaridades léxicas, apresenta um estudo do que aqui chamamos de expressões cristalizadas ou fossilizadas.

3.1 Notícias comentadas de algumas pesquisas

3.1.1 Nataniel dos Santos Gomes (UFRJ, UNISUAM) apresenta um estudo sobre verbos leves aos quais se refere como os que são “semanticamente vazios e que se associam a um elemento nominal, responsável pelo significado principal da sentença”. Relaciona observações quanto aos verbos dar, fazer e ter, citando características tais como: o verbo principal é semanticamente vago; o complemento nominal tem como núcleo um nome de ação, em geral deverbal, que realmente predica sobre os eventos; há uma paráfrase entre a construção com verbo leve seguido de um nome e um verbo simples. Concluindo preliminarmente que o “elemento nominal destas construções é responsável pela denotação da eventualidade (eventos, estados e atividades) relevantes da oração”.

O texto que resulta de trabalho apresentado no 2º Congresso da Pós-Graduação em Língua Portuguesa da UERJ-São Gonçalo (2004) sob o título de “Observações sobre os

verbos leves do português” propõe, com base na Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1995, Harley & NOYER, 1999, apud Medeiro, 2003, 9), “que as palavras têm a sua categorização e a sua estrutura argumental determinada na sintaxe. No léxico, só existem raízes lexicais neutras e morfemas funcionais que especificam a categoria e a estrutura argumental dessas raízes no esqueleto configurado sintático”.

Acreditamos que possa haver certas distorções quanto à nomenclatura. O autor emprega “semanticamente vazio” e “semanticamente vago”; no primeiro caso poderíamos interpretar como falta de preenchimento; no segundo, como indefinição. Também a questão relativa ao elemento nominal responsável pelo significado principal da sentença deve ser considerada, pois os conjuntos__ a que chamaríamos perífrases e não paráfrases__ podem funcionar no discurso com sentido denotativo e a correspondência de verbal correspondência, mas podem funcionar com sentido conotativo, constituindo uma dispersão semântica.

Como fizemos referência no corpo do trabalho, as pesquisas em andamento, carecem ainda de observação criteriosa e, se fixadas em propostas sintáticas e lexicais isoladas do discurso deixarão de abranger todos os tipos de verbos-suporte, chamados pelo autor de verbos leves, além de excluir as expressões cristalizadas. As respostas ainda estão longe de serem definitivas.

3.1.2 Na revista EspaçoSigma, UFRJ- Foco, encontramos um resumo de Giselle Aparecida Toledo Esteves e Joana Mendes de Oliveira, sob a orientação de Márcia dos Santos Machado Vieira.

No trabalho desenvolvido pelas pesquisadoras há o relato de que na língua portuguesa, “carecem de generalizações descritivas e/ou explicativas o caráter gramatical de certos itens verbais, o processo de auxiliarização a que eles se submetem e as perífrases que compõem”. Fixaram-se como base de observação os verbos *ter* e *dar*. Os dados foram coletados no Português Brasileiro e no Europeu, em textos orais e escritos do corpus compartilhado da equipe VARPORT, em entrevistas dos projetos APERJ, PEUL, NURC-RJ E CRPC e em editoriais/crônicas de periódicos do século XX. A análise foi feita com base em orientações da Gramática Funcional de Dik (1997) e em parâmetros de gramaticalização (cf. HOPPER, 1991, e HEINE et alii, 1991). As autoras observaram que os verbos pesquisados são usados produtivamente como operanda de verbalização de nomes e que no processo de transferência categorial de predicador a verbo-suporte se submetem à alteração semântica (de valor concreto a abstrato/genérico), “mantêm comportamento lexical apesar do papel instrumental que assumem, formam com o elemento auxiliado uma unidade significativa, deixam de ser os principais responsáveis pela atribuição do papel temático ao(s) seu(s) argumento(s)”.

A pesquisa a que nos reportamos no parágrafo anterior se aproxima das nossas observações e das nossas considerações finais. Podemos perceber que vem sendo preocupação de vários estudiosos a questão dos verbos-suporte e que há pesquisa em torno de determinados verbos, mas que muitos outros mereceriam análise, pois estão presentes em vários gêneros discursivos.

Bastaria que, a partir dos verbos mais estudados, empregássemos outros e perceberíamos que não há delimitação de categorias para emprego de verbos-suporte e expressões cristalizadas. Isto ocorre desde que o falante passe a empregá-los, como: dar informações, levar informações, captar informações, ter informações, forjar informações,

obter informações. As perífrases resultantes de verbo+nome, assim como as de verbo+verbo (começo a informar, tenho informado, desisto de informar, continuo a informar) revestem-se de aspectualidade ou modalidade significativa.

3.1.3 Maria Margarida Salomão, em sua tese de doutorado, defendida na University of Califórnia at Berkeley, sob o **título Polysemy, Aspect and Modality in Brazilian Portuguese: The case for a Cognitive Explanation of Grammar** (1980), descreve vinte e três diferentes usos semânticos do verbo dar em expressões convencionadas metafórica e metonimicamente e a análise dessas construções no português do Brasil caracteriza que a gramática de uma língua deve ser vista como uma estrutura conceitual motivada, não podendo ser explicada sem uma referência aos parâmetros semânticos e cognitivos. A análise de seu trabalho foi corroborada no abstract assinado por Charles Fillmore.

A polissemia, aspecto e modalidade de emprego do verbo dar no português do Brasil foram situações exploradas pela autora. Alguns exemplos: **Me deu uma tristeza. Ele dá para escrever poesia. Essa questão me deu dúvida. Deu um barulhão na televisão. A Telegraph dá no Campus. Ele deu em jogador.**

Podemos perceber que a abordagem feita por Salomão é pertinente em relação à análise que pretendemos fazer quanto ao uso de expressões como as de verbo-suporte e expressões cristalizadas, daí a importância da leitura dessa tese para nosso trabalho. O acesso a essa pesquisa foi a motivação, o primeiro impulso para analisarmos outros verbos, embora reconheçamos ainda termos ficado longe daquilo que desejávamos.

4. Fundamentação teórico-descritiva: enfoque textual

A procura de uma teoria que abrangesse nosso objetivo nessa pesquisa encaminhou-nos para uma leitura ampla e panorâmica de autores que trataram de assuntos que se correlacionam com o aspecto semântico-discursivo. Não cabe o aprofundamento das teorias em tela, pois a principal análise é a do corpus, mas pretendemos sinalizar a importância delas no nível lingüístico intermediário__ a norma social, visto que a atividade humana lida com a língua em seus diferentes aspectos orais e escritos. Os exemplos usados nessa parte da pesquisa desvinculam-se dos demais por atenderem apenas ao que o autor, em destaque, pretende demonstrar.

4.1 BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. A Estética da Criação verbal. 2000, p.279-326.

No prefácio desse livro há o esclarecimento de que se trata de um conjunto de textos que provêm de diferentes momentos da carreira de Bakhtin. Destacamos o capítulo Os Gêneros do discurso (p. 279-287) e compilamos trechos que consideramos essenciais para o esclarecimento de alguns pontos sobre a problemática discursiva.

4.1.1 Os gêneros do discurso. Problemática e definição.

A atividade humana tem como princípio a utilização da língua, sendo que o caráter e modos de utilização são variados, mas não contradizem a "unidade nacional de uma língua" (2000: p. 279).

Segundo o autor, ainda na p. 279:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal (seleção operada nos recursos da língua __ lexicais, fraseológicos e gramaticais), mas também por sua construção composicional.

Cada esfera elabora tipos relativamente estáveis de enunciados __ os gêneros do discurso e a variedade destes é infinita. O repertório de gêneros vai-se diferenciando e ampliando com o desenvolvimento e a complexidade da esfera. Embora heterogêneos, os gêneros têm em comum a natureza verbal (lingüística). O gênero do discurso cotidiano é dialógico, podendo os enunciados primitivos ser inconclusivos.

É importante, teoricamente, demarcarmos as diferenças entre o discurso primário ou simples e o discurso secundário ou complexo. O primeiro resulta de comunicação verbal espontânea, enquanto o segundo está presente em romances, no teatro, no texto científico e no ideológico. Trata-se de uma comunicação culturalmente mais complexa, com enfoque na escrita artística ou estética, científica ou sociopolítica.

O discurso secundário⁹ pode incorporar o discurso primário que perde seu vínculo imediato com a realidade e passa a ter um vínculo com as possibilidades de realização; separa-se da realidade imediata e passa a integrar a realidade virtual do romance, tratado como um "todo", concebido como fenômeno da vida literário-artística e, portando, atemporal (plano do conteúdo).

⁹ Discurso primário (simples): comunicação verbal espontânea e discurso secundário (complexo): romance, teatro _ comunicação cultural com enfoque na escrita, no artístico, no científico, no sóciopolítico.

Observamos os fatos lingüísticos em crônicas, textos oficiais formais (contratos, leis, documentos), escritos (literários, científicos, ideológicos, filosóficos), cartas (oficiais e pessoais), diálogos (formais, cotidianos, regionais). É essa variabilidade com que nos defrontamos que torna uma língua dinâmica, viva e rica.

Podemos, preliminarmente, concluir que a língua é viva e está sempre em preparativos. Portanto, a língua não é definitiva desde que está em curso num determinado momento, num determinado lugar, falada por um usuário que tem a intenção de realizá-la de certa maneira e visando a um objetivo.

Quando falamos de gêneros do discurso, vem-nos à mente a literatura, mas cabe esclarecer que não se trata de literatura como teoria, mas de linhas diretrizes e de uma ampla gama de variedades de expressão. Não pretendemos localizar a literatura individual ou padronizada, pois isto nos limitaria a aspectos superficiais.

A variedade dos gêneros do discurso pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos da personalidade e o estilo individual pode relacionar-se de diferentes maneiras com a língua comum.

Retomando a palavra de Bakhtin (p. 285):

Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero.

A linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, sociopolítica, filosófica __ gênero primário ou simples __ é tão importante quanto à do gênero secundário ou complexo, porque também participa da reestruturação e renovação dos gêneros do discurso.

No plano paradigmático (seleção), quando o locutor efetua a escolha de uma forma gramatical, já está realizando um ato estilístico. Segundo o autor em tela (p. 297):

...o estudo do enunciado, em sua qualidade de unidade real da comunicação verbal, também deve permitir compreender melhor a natureza das unidades da língua (como sistema): as palavras e as orações.

4.2 BUSSE, & VILELA, Mario. Gramática de Valências: Teoria e Aplicação. 1992.

Este assunto foi estudado por nós em Sintaxe e Semântica na Relação Sujeito/Verbo com enfoque na Gramática de Valências, na dissertação de mestrado, defendida na PUC em 1999 e da qual apresentamos algumas passagens.

4.2.1 A valência

O termo valência foi tomado por empréstimo à Química, em que significa a diferente capacidade de combinação entre os elementos químicos. Transposto para a Linguística, o termo é descrito por Lyons (1982:116) como uma subclassificação dos predicadores em termos do número e da natureza de seus dependentes. Essa colocação reforça a hipótese da

subordinação como um conceito muito mais abrangente do que se tem tratado em compêndios gramaticais e o conceito de valência, embora menos empregado, está latente em grande parte da teoria gramatical, ainda que não explicitamente mencionado.

Para Busse & Vilela (1986:11), assim como outros autores, o verbo assume a função central da frase e determina a estrutura frásica de base, quer do ponto de vista sintático, quer semântico. Esta função centralizadora do verbo já era apontada por Tesnière (1966), Halliday (1967), entre outros, sendo que a relação sintático-semântica entre o verbo e seus **actantes/argumentos**¹⁰ poderá, de certa forma, ajudar na explicitação de alguns casos que serão analisados, já que iremos considerar também a valência semântica.

Em nossa pesquisa usaremos a terminologia **argumento** em lugar de **actante**, utilizada na Gramática de Valência. A nomenclatura se refere aos lugares vazios correspondentes às propriedades morfossintáticas e semânticas determinadas pelo verbo. Essas propriedades têm sido estudadas na gramática tradicional como transitividade (verbos que pedem ou não complemento: objeto direto, objeto indireto). O sujeito, na Gramática de Valências, é tratado como lugar vazio / argumento em relação ao verbo.

Na gramática de valências a relação entre os elementos constitutivos de enunciado, tomando o significado do verbo como polarizador, levou-nos aos argumentos, dentre os quais o sujeito está incluído.

Mário Vilela (1995: 30-1) ressalta que “unidades do léxico fornecem configurações frásicas precisas por força da valência. Determinadas relações com outras palavras são postas

¹⁰ Actantes: na terminologia de Busse & Vilela, são os elementos frásicos que se relacionam com o verbo numa atuação sintático-semântica.

em conexão entre si e em obediência a vários modelos de construção, de acordo com o significado léxico”.

Francisco Borba (1996:19) conceitua mais genericamente valência como propriedade que tem uma classe de elementos de poder ligar-se com classes específicas de outros elementos, sendo que esta mesma propriedade faz com que essa classe se distinga de outras de mesmo nível sintagmático. O inter-relacionamento sintagmático é consequência da ligação forma-conteúdo na totalidade dos seus elementos constituintes e o núcleo significativo da frase é o verbo.

A partir da valência temos um outro enfoque para a análise sintática. **Argumento** é qualquer elemento ligado necessariamente ao verbo tanto sintática como semanticamente, englobando os termos sujeito /objetos/ alguns adjuntos adverbiais da gramática tradicional. Ao termo **argumento** também corresponde o termo **complemento** e o verbo é o elemento **essencial** (mesmo implícito) de uma oração. Torna-se importante a relação dos **argumentos** com as várias **classes verbais**.

Devemos entender por **classes verbais** uma forma de agrupar os verbos de acordo com aspectos sintático-semânticos comuns, isto é, número de argumentos e características destes. No entanto, uma língua se concretiza através de variedades de seqüências, daí encontrarmos realizações semânticas diversas de acordo com o jogo de elementos contextuais. Nesse caso podemos ter um verbo com um significado, com extensão e/ou restrição de significado ou mesmo com um novo significado.

Vilela (1992: 37) diz que:

considerar a frase como uma unidade lingüística construída a partir do predicado, possibilita não separar as chamadas ‘orações infinitivas’ ou ‘integrantes/completivas’ das demais construções que são regidas elas também pelo verbo.

I. Volto achando que o Rio é uma cidade pacata. (Revista Época)

¹¹A₁: eu (implícito na forma verbal volto achando);

A₂: que o Rio é uma cidade pacata. (complemento/objeto direto, tradicionalmente, do verbo principal da locução verbal).

Logo: Verbo achar: bivalente (o argumento é integrante/completivo. O A₂ é representado por uma oração).

II. Parece que vai chover.

A₁: que vai chover (sujeito);

Verbo: monovalente (A₁ é uma oração integrante, que complementa o significado do verbo parecer. Nesse enunciado o verbo só tem um argumento que funciona como o sujeito tradicional, representado sempre só por uma oração).

Na teoria de valências, o argumento pode ser um termo ou uma oração.

Devemos lembrar, ao estudar valência, da noção de valor (distinção que fazemos em uma unidade lingüística em decorrência de sua posição no sistema). Torna-se necessário reafirmar que a noção de valor é resultado de uma relação e que o sistema é reunião de elementos que funcionalmente se solidarizam.

¹¹ A = argumento (actante)

a. O menino ganhou uma bola. (Relação ganhou/bola)

b. A bola rolou no gramado. (Relação bola/rolou)

Bola (A₂) em (a) ≠ bola (A₁) em (b).

Mesma **substância**, significado referencial: bola = bola em (a) e (b). **Valor**: bola ≠ bola em (a) e (b). A posição no sistema altera o relacionamento com o verbo no aspecto sintático-semântico, pois no caso do verbo **ganhar** (V₂), a posição de bola dá-lhe *status* de A₂ e, no caso, do verbo **rolar** (V₁) bola representa A₁, em relação ao verbo.

A interação entre falante e ouvinte acontece através da linguagem e um ato de fala é um complexo padrão que combina funções dessa linguagem as quais permitem relacionar padrões internos e suas realizações na estrutura frasal. Na estrutura estão latentes exigências ou propriedades sintáticas e semânticas pertinentes, o que possibilita a coerência do enunciado, depois de eliminadas as restrições lexicais.

Combinadas as possíveis realizações chegamos à predicação. Segundo Peres & Moia (1995:20):

uma predicação é uma estrutura lingüística do plano semântico por meio da qual são veiculadas informações acerca de objetos do real. As predicações podem apresentar diversos níveis de complexidade, desde as mais simples às que possibilitem ‘processos de expansão de estruturas.

Não é intenção negar a nomenclatura já existente em nossas gramáticas como, por exemplo, o termo transitividade. O que muitas vezes dificulta ao usuário a compreensão do termo, tratado em compêndios didáticos, é a automatização com que é apresentado o assunto.

Para ratificar o comentário, citaremos trechos explicitados em Azeredo (1995: 75):

Tradicionalmente, a oposição transitivo/intransitivo tem sido tratada como uma diferença de modos de significação do conteúdo léxico do verbo... O problema principal desse critério é deixar sem explicação a possibilidade de muitos verbos ocorrerem ora com o objeto, ora sem ele.

Procurando evitar as armadilhas desse critério de ordem nocional, muitos gramáticos preferem distinguir verbos transitivos e intransitivos com base na presença *versus* ausência de complementos. Noutras palavras, a distinção deixa de ser lexical e paradigmática – como propriedade intrínseca do verbo – e passa a ser sintática e sintagmática – conforme o emprego do verbo na frase.

Também este critério tem suas limitações. Convém notar que, por ele, a distinção transitivo/intransitivo passa a ser mecânica e semanticamente irrelevante, uma vez que, indiferente aos papéis semânticos desempenhados pelos participantes do processo verbal, como *agente e paciente*, não permite distinguir o comportamento semântico-sintático de verbos como **escrever** e **derreter**.

No Dicionário de Houaiss (2001), encontramos:

Transitividade s.f. 1 qualidade ou estado de transitivo (transitório)
2. Gram. Propriedade de alguns verbos necessitarem de um ou mais complementos no seu sintagma verbal, para formar uma frase com sentido completo.

Voltando a Azeredo (1995: 81), quando descreve o conteúdo tradicional da transitividade “ação que passa de um sujeito a um objeto”, o autor reafirma a incompletude do conceito, referindo-se a que este peca em pressupor que sujeito e objeto correspondam a categorias homogêneas e bem definidas, como as de agente e paciente. Ao contrário, qualquer esforço para caracterizar as relações semânticas entre o verbo transitivo e seu objeto conduz a uma só certeza: que essas relações são variadas e heterogêneas.

Observamos que não se trata de uma questão taxonômica, isto é, escolher este ou outro termo com o fim de classificar, dar nome, mas tornar claro o uso e adequação de termos que dificilmente terminam ali na gramática ou no dicionário. O significado posto em Houaiss confirma “transitividade: estado transitório”, isto é, pertinente quanto ao processo lingüístico.

As leituras apresentadas ao longo da pesquisa visam, de certa forma, a desburocratizar a gramática e dar relevo ao enunciado, ao discurso e seus gêneros. Com este fim é necessário incorporar o semântico definitivamente. A Semântica não pode ser um apêndice da Gramática. Percebemos que a Língua se concretiza na Fala, enquanto significante e significado e este último não é uno, evolui na proporção que o texto se torna enunciado.

Retomando Azeredo (1995: p. 46), encontramos que:

O único constituinte indispensável à existência de uma oração é o predicado, em cuja estrutura se combinam um componente lexical e um componente gramatical, que, podendo reunir as categorias de tempo, modo, aspecto, número e pessoa, realiza a função predicativa. O componente lexical do predicado é o predicador. Reserva-se então o nome de verbo predicador àquele que reúne na mesma forma concreta os componentes lexical e gramatical.

Aí está a função morfossintática do verbo a que acrescentaremos que só haverá um enunciado se este estiver vinculado a uma determinada situação ou contexto, cuja semântica explícita ou implícita define a sua possível realização.

Busse & Vilela (1986: 13-4) tratam os argumentos por ‘lugares vazios’ e **valência** **será o número de lugares vazios** possibilitados pela semântica do lexema (entidade abstrata) em questão.

Acreditamos que o termo **valência** aproxima-se mais da questão do discurso e, conseqüentemente, dos atos da fala e a Gramática de Valências tem por objetivo relacionar forma/conteúdo na totalidade dos constituintes, envolvendo a alteridade (função interativa), a exteriorização (função gramatical), a semanticidade (função representativa) e a textualidade (função textual e suas variações).

Os verbos-suporte e as expressões cristalizadas ficam contemplados por essa teoria visto que se referem à manutenção das propriedades sintáticas (nome-argumento que se solidariza com o verbo complementando um lugar vazio) e semânticas (não há restrições do

ponto de vista significativo) ganhando no plano do discurso configurações frásicas por força da valência.

4.3 MARCUSCHI, Luiz Antônio. In Gêneros Textuais & Ensino. 2002, p. 19- 52.

O autor demonstra, em seus textos, preocupação com as variedades discursivas (dialetos, registros, modalidades) e com os aspectos particulares ao tratarmos a(s) gramática(s) de uma língua. Diante de tantas descrições, envolvendo diferentes correntes e teorias de estudo lingüístico, considera imprescindível que não se conceitue “a gramática como um fato ou fenômeno singular, mas um fato ou fenômeno plural” (**Gramática: Ensino Plural**. 2003: p.9).

Destacamos a leitura do capítulo Gêneros textuais: definição e funcionalidade no livro Gêneros textuais & Ensino (2002) porque consideramos que é necessário tratar discurso e gramática como fatores de valorização de uma sociedade, em que o domínio de vários gêneros discursivos é uma forma democrática de formar cidadãos reflexivos, observadores e opinativos.

Mantivemos os títulos usados pelo autor na descrição do capítulo.

4.3.1 Gêneros textuais como práticas sócio-históricas

Se considerarmos as sociedades pré-escrita e a prodigalidade de gêneros textuais em nossos dias, observaremos a importância desses na demarcação da vida cultural e social para a

história das sociedades. Cada vez mais o avanço tecnológico torna-se responsável pela propagação dos gêneros discursivos.

A oralidade sem a escrita tende a não reter grande número de gêneros, o que limita historicamente o desenvolvimento cultural dos povos. O homem não é capaz de armazenar todas as possibilidades discursivas e mesmo com o aparecimento da escrita não foi possível registrar a multiplicidade de gêneros, o que só pôde acontecer com o aparecimento da cultura impressa e mais modernamente com a cultura eletrônica.

Do ponto de vista sócio-discursivo podemos revelar que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem, caracterizando-se por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais. Por difícil circunscrição e nominalização unívoca, pluralizam-se, expandem-se, mas também desaparecem assim como surgem, intempestivamente.

4.3.2 Novos gêneros e velhas bases

Os dois últimos séculos, época do crescimento da teoria comunicacional, foram particularmente importantes pela inserção de novas tecnologias, interferindo nas atividades comunicativas cotidianas, principalmente através de suportes como rádio, TV, jornal, revista, Internet; provocando mudanças sociais expressivas, propiciando novos gêneros bastante característicos. É a presença da oralidade nos gêneros escritos com discursos diferenciados, ocorrendo em editoriais, artigos de fundo, notícias, teleconferências, cartas eletrônicas, aulas virtuais...

Não há inovação absoluta, mas parcial. Há transmutação dos gêneros, segundo Bakhtin (1997), e assimilação de um gênero por outro, gerando novos. Graças à tecnologia há o favorecimento para propagação de formas inovadoras. Tomemos como exemplo o correio eletrônico, antecedido por cartas ou bilhetes, mas com nova forma e identidade própria da mídia virtual.

Instala-se uma nova relação no uso da linguagem a partir desses gêneros emergentes. Redefinem-se aspectos da linguagem como o esvaziamento de alguns conceitos que caracterizavam diferenças entre a oralidade e a escrita que se tornam híbridas nessa versão, contrariando alguns preceitos de manuais de ensino da língua.

Há o inter-relacionamento entre signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. É uma linguagem mais plástica e na publicidade observamos recriação com objetivos novos de gêneros prévios.

Marchuschi (2002: p. 21) salienta que:

...embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou lingüísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma...

Há que se considerar a hierarquia de valores, não sendo possível substituir automaticamente “mesmo texto” por “mesmo gênero”, pois devemos levar em consideração que há distinções e classificações que sugerem “cautela quanto a considerar o predomínio de formas ou funções para a determinação e identificação de um gênero” (p.21).

4.3.3 Definição de tipo e gênero textual

Marchuschi explica a relevância da distinção entre duas noções: a de “tipo textual” e a de “gênero textual”, mas explica que é um assunto de que não podemos tratar de forma breve, daí a necessidade de, nesse subcapítulo, partir de um pressuposto: “é impossível comunicar-se verbalmente a não ser por algum gênero, assim como por algum texto” (p.22).

O autor parte da idéia de que só pode haver comunicação verbal mediante o emprego de algum gênero textual. Essa assertiva é compartilhada por Bakhtin (1997) e Bronckart (1999), apud Marchuschi (2002, p. 22) e adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos. Situa-se a língua como atividade social, histórica e cognitiva, com predominância funcional e interativa, constituindo uma realidade sem usar “subjetivismo ou idealismo ingênuos”. Privilegiamos a hipótese sócio-interativa da língua, partindo-se de um contexto em que os gêneros textuais se constituem como “ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo” (p. 22).

Para distinguir tipo textual e gênero textual, dizemos que o primeiro é usado para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de composição que abrange categorias como narração, argumentação, exposição, descrição e injunção; o segundo denota noção vaga para referir os textos materializados, presentes no cotidiano, com características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Os gêneros textuais existem sob diversas formas presentes nos processos interativos como um simples telefonema, uma reportagem jornalística, um horóscopo, um cardápio, uma conferência ou um bate-papo por computador.

O domínio discursivo é uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Embora não sejam textos nem discursos, propiciam o surgimento de discursos específicos como: jurídico, jornalístico, religioso..., pois são atividades discursivas das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais próprios como práticas e rotinas institucionalizadas e servindo a um objetivo específico.

Não devemos confundir texto com discurso. O primeiro é uma entidade concreta que se materializa sob uma forma de gênero textual.

Segundo Robert de Beaugrande (1997, p.24) apud Marchuschi (2002, p. 24):

Discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. Em outros termos, os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas. Os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações lingüísticas, sociais e cognitivas.

4.3.4 Algumas observações sobre os tipos textuais

Uma questão que vem provocando alguns equívocos é a utilização de determinadas nomenclaturas em livros didáticos e no dia-a-dia como, por exemplo, “tipo de texto” que na verdade trata de gênero e não de tipo e neste caso estão a carta pessoal, o editorial, a bula de

remédio, a piada, o manual de instruções etc. Nestes gêneros, podem coexistir uma narração, uma descrição, uma argumentação que seriam as bases temáticas com traços lingüísticos distintos como foi proposto por Werlich (1973, apud Marchuschi, 2002, p. 28).

Se observarmos que todos os textos se manifestam num determinado gênero textual, torna-se necessário um maior conhecimento e discussão sobre o funcionamento destes já que é assunto importante para produção e compreensão. É preciso ressaltar, ainda, a relação da oralidade e da escrita, pois os gêneros incluem as duas modalidades que tanto aparecem em textos mais informais quanto formais e em “todos os contextos e situações da vida cotidiana” (p.33). Daí a observação do autor quanto aos gêneros serem fenômenos heterogêneos e até híbridos em relação à forma e aos usos, sendo, portanto, formas socialmente maturadas em práticas comunicativas (p.35).

Ao juntarmos a esta pesquisa textos como os de Bakhtin e de Marchuschi, pretendemos chamar a atenção para a importância do tratamento lingüístico-discursivo dos **verbos-suporte e expressões cristalizadas**. Não só vinculando o assunto a teorias gramaticais e/ou lingüísticas, mas também à perspectiva de estarmos trabalhando com uma língua viva em que os usuários participam e partilham a evolução e compreensão das mudanças históricas ocorridas nas sociedades.

A leitura se dedica a desfazer o ‘tecido’ do texto para mostrar como nele se superpõem os diversos ‘códigos’ constitutivos de todos os seus sentidos possíveis ou secundários subjacentes. O texto passa pelo crivo desses códigos, recortando-o em segmentos (ou lexia) de volume variável: extrair os sentidos, as conotações.

As narrativas orais são parte essencial do desenvolvimento cultural do homem, que encontrou na escrita uma forma de adicionar reforço à continuidade de suas histórias e, ao mesmo tempo, passar para civilizações posteriores a única marca humana que não podemos apagar. A escrita, embora desprovida do calor da proximidade da fogueira que reunia os homens e do próprio calor de seus corpos reunidos lado a lado, buscou uma forma de passar essa sensação de unidade e cada vez mais a escrita juntou vocábulos capazes de registrar as emoções humanas como: **dar um abraço, fazer um carinho, ter paciência, (ele deixou) cair a máscara, passar afeto, levar solidariedade, tomar atitude.**

Segundo palavras de Azeredo, em um artigo, ainda inédito, a que tivemos acesso através do autor:

Toda a significação veiculada pela língua e que é objeto de troca nas relações interpessoais não consiste, portanto, num mapeamento de um mundo já organizado em si e retratado pela palavra; a significação decorre, de fato, dos modos de organizar nosso conhecimento desse mundo em categorias culturalmente estáveis e socialmente relevantes integradas em sistemas simbólicos. Em resumo, a palavra com que comunicamos nossa percepções não é um ‘espelho fiel’ do mundo, mas uma representação dele.

Reforçamos nosso ponto de vista de que a presença de verbos-suporte e expressões cristalizadas, em nossos atos de fala e enunciados, é marca do discurso do homem numa dada sociedade.

Acreditamos no homem por trás da máquina. Todo texto é resultado de uma sedimentação cultural que não há de ser tratada como primitiva ou erudita, pois é a forma com que os seres se aproximam e se perpetuam. A escrita seguiu-se a uma necessidade do homem de repassar suas descobertas que com o tempo se perderia na memória dos que se foram, assim como muitas línguas por serem ágrafas se perderam.

Retomando as idéias de Marchuschi (2003, p. 21):

O homem criou meios de comunicação variados e cada vez mais sofisticados”, mas “a língua ainda é, e provavelmente continuará a ser por muito tempo, de importância fundamental, numa extensão muito grande, para que a comunicação entre os homens, com todas as conseqüências advindas dessa comunicação, se faça de maneira eficiente, competente.

4.4 Maria Helena Marques (2000, p. 219-239).

No livro **Língua Portuguesa em Debate. Conhecimento e Ensino**, organizado por Azeredo (2000), Maria Helena Marques apresenta, no artigo *Repensando o verbo: sintaxe e discurso*, o resultado de uma pesquisa com dados da fala carioca, usando como temas: corpo humano, alimentação, vestuário, casa, família... Foi intenção do trabalho observar o uso concreto da língua e determinar características dos verbos empregados na fala e/ou escrita do Rio de Janeiro. Mantivemos os títulos usados pela autora.

4.4.1 Repensando o verbo: sintaxe e discurso (p 219-239)

No processo interacional ou intercomunicativo há um conhecimento implícito do assunto (universo de referência), partilhado pelos interlocutores e que se apresenta estruturado linguisticamente através de “processos que pressupõem, subentendem, enfatizam, identificam evasivas, dados centrais e secundários (...)” e assim se concretiza o ato comunicativo.

Para fazer observações sobre os verbos utilizados na fala em correlação com os empregados na escrita, a autora comenta alguns aspectos da sintaxe a partir de textos com variadas finalidades, buscando identificar o papel da linguagem no texto.

Podemos perceber determinadas dificuldades no uso da língua, começando pela seleção de palavras, combinação destas em frases, portanto, orações centradas em verbos e sua respectiva organização estrutural que não se encaixam num processo coesivo, desarticulando o texto no que diz respeito à coerência, fatores importantíssimos da textualidade.

No plano gramatical, o verbo é o núcleo do predicado, e sujeito e verbo mantêm concordância (relação sintática). Daí resulta a definição das funções que exercem como sujeito e predicado, abrangendo número e pessoa (marca formal), alterações morfológicas (flexão: radical + desinência, indicando inter-relação). No entanto, há o predicado com núcleo intransitivo, característica suficiente para completar a predicação. Isto caracteriza a importância da seleção dos verbos – núcleo do predicado – que determina os complementos necessários.

O conjunto formado por SN (sujeito) + SV (verbo núcleo do predicado) define as características das unidades vocabulares que podem ou devem ser selecionadas e cuja finalidade é preencher os complementos exigidos pelo verbo. É este conjunto que determina a natureza e as **características semânticas** dos vocábulos que exercem a função de objeto (direto, indireto).

Podemos, então, observar duas características distintas, mas necessárias, na seleção vocabular: uma, no plano gramatical e outra, através da compatibilidade de significado.

Sendo a sintaxe o encadeamento (coordenação) em períodos, ou complementaridade (subordinação), as orações encaixam-se em períodos e nestes elas não se combinam aleatoriamente, pois preenchem funções sintáticas (gramaticais) e relacionam-se (compatibilidade de significados), conforme princípios lógico-semânticos.

A seguir, apresentamos algumas características dos verbos da fala:

- Emprego relativamente pequeno de unidades léxicas verbais;
- Esvaziamento semântico de verbos que ocorrem com alta frequência;
- Conjunto formado de verbos (semanticamente esvaziados) + complemento (OD), representado por substantivo específico: combinatórias que se repetem. O substantivo representa objetos, entidades, fenômenos, conceitos relacionados a tópicos ou subtópicos da temática, por exemplo, o verbo **beber**, substituído por tomar com a acepção de ingerir líquido; **vestir**: é usado, mas também se encontra substituído por usar, botar, tirar + substantivos que designam peças de roupa, produtos de beleza.

No caso do verbo **fazer + substantivo: fazer barba, fazer cabelo, fazer compra, fazer conta, fazer comida**, temos correspondência com o chamado **verbo-suporte**, aqui reconhecido como aquele em que se dá preferência ao conjunto, no lugar do verbo que corresponderia a este: barbear, pentear, comprar, contar, cozinhar ou cozer.

A autora, ao se referir ao verbo-suporte, relacionou-o a conjunto, que nos parece mais conveniente do que tratá-lo como um verbo esvaziado semanticamente + um nome polarizador. Demonstra a preferência do enunciador por esse conjunto no lugar da forma verbal correspondente.

Na língua falada, encontram-se verbos com as seguintes características:

- Noções relativas às categorias de modo e aspecto;
- Noções relativas às categorias de pessoa e tempo, inerentes à classe dos verbos.

Podemos, ainda, observar, na língua falada: reduzida quantidade de unidades léxicas da classe dos verbos, esvaziamento de significado específico e verbo de significado genérico + complemento (OD), representado por substantivo de significado específico (tema).

Concluimos que há seleção e estruturação de verbos como indicadores de tipos de processo; emprego de estruturas mais ou menos fixas; precisão e especificidade de significado (maior carga semântica) no substantivo –OD ou predicativo, funcionando como elemento de teor informativo essencial que preenche semanticamente o verbo.

Com entrevistados de nível de escolaridade universitária, Marques pôde observar, no uso da língua oral: incorporação de estratégias e procedimentos adquiridos para domínio da

escrita, mas o conhecimento das diferenças entre fala e escrita, consciente ou inconscientemente, provocou um uso condicionado à oralidade. O discurso do falante é acrescido do estilo que ele imprime ao que expõe. O estilo é consequência da sedimentação de conhecimentos, leituras e inferências.

A escrita, centrada na leitura de quinhentos textos de jornais e revistas (publicações do eixo Rio—São Paulo), tendo como centros de interesse política nacional e internacional, pintura, escultura, arquitetura, cinema e teatro, música (discos, rádio, televisão), literatura (...), foram observadas as seguintes ocorrências: diversidade na seleção de verbos, interligados por sinonímia e derivados por predicção, marcas presentes tanto no plano morfológico quanto no semântico, utilizados para nomear matizes informativos diferenciados ou pormenorizados.

Concordamos com a autora quando esta apresenta em seu texto, ora lido e analisado, que ignorar as peculiaridades da fala impõe o ensino de uma prática baseada em padrões lingüísticos ideais não relacionados aos usos a que os indivíduos estão habituados. Isto provoca distorções e afasta ainda mais a fala da escrita, como se estivéssemos tratando de línguas diferentes, uma para falar, outra para escrever. Muitas vezes o ensino da escrita pode-se tornar artificial, quando impõe ao aluno o emprego de diretrizes normativo-descritivas como “escrever bem é imitar exemplos de padrões historicamente estabelecidos”. Perdemos o objetivo de que para escrever é preciso planejamento e elaboração, quando esvaziamos a escrita dos fins de desenvolvimento e amadurecimento cognitivo, da busca da representação simbólica da linguagem.

Nesse ponto destacamos a importância cada vez maior de teorias lingüísticas desenvolvidas por estruturalistas como Coseriu e pesquisadores da Escola de Praga que

reconheceram a existência de um nível intermediário— a norma social. Com Labov e o surgimento da Sociolinguística depreendemos as variantes lingüísticas correlacionadas a fatores sociais e sua importância para a melhor compreensão das evoluções sofridas pelas línguas vivas.

Nenhuma dessas razões, no entanto, é suficiente para invalidar mecanismos de regulação com base nos dialetos de prestígio. Como bem destaca Mattos e Silva (1995:26-7), há de se conscientizar os educadores para novas orientações pedagógicas, destacando-se que esta não é tarefa somente dos que ensinam a língua materna, de que é preciso respeitar as variedades individuais e as normas sociais, sem desprezar a tradição normativa (histórica); ao contrário, devemos torná-las plurais, implícitas, objetivas, convincentes (Corbeil, 1983: 282-303, apud Mattos e Silva: 1997, p.28).

Se as formas-de-dizer mudam, obedecendo às regras de uma gramática natural, por que não reconhecer nelas as variedades de um povo que fala uma língua enriquecida por seus valores culturais? No entanto, é preciso cuidado porque se, os gêneros enunciativos variam, a língua precisa de certa forma preservar seu valor histórico-cultural. É difícil, pois, segundo Possenti (2001:15), precisamos de um certo conhecimento técnico que trata de um “conjunto de princípios, um tanto díspares entre si (tarefas de ensino exigem que se compartilhem conhecimentos díspares), destinado mais a provocar reflexão do que a aumentar o estoque de saberes”.

O verbo encontra-se no centro dessa pluralidade de dizeres, incorporando nomes ou expressões que, em vez de se subordinarem ao verbo, desenvolvem nele um significado novo voltado para este nome.

5. Para uma análise de um conjunto de verbos-suporte do português

5.1 Preliminares

Muito se tem falado do que representou Saussure para o desenvolvimento dos estudos lingüísticos, já que demonstrou ser uma língua passível de estudo por ela mesma, ou seja, como disse Valente (1994: 51) “entendendo-se como um *sistema* (estrutura) passível de análise e compreensão por meio de relações de identidade e de oposição”. No entanto, ao se abordarem os estudos saussurianos sem uma leitura aprofundada do velho mestre, houve algumas precipitações e a **parole** passou a ser representada como **fala ou discurso**.

Os conceitos do genebrino continuam atuais, pois ele usa o método descritivo ou estrutural, mas os caminhos tomados pelos estudos lingüísticos se pluridimensionaram e questões simples de uso e evolução da língua ocorridas na oralidade e posteriormente adotadas na escrita passaram a ser analisados como empobrecimento da língua, quando sabemos, através dos estudos diacrônicos, que uma língua viva passa por modificações fonológicas, morfossintáticas e semânticas e não se perde por isso, ao contrário, revitaliza-se, enriquece sua produção.

Não pretendemos preconizar a falta de normas reguladoras, nem menosprezar a língua padrão, pois sabemos a importância desta para que uma língua não perca sua identidade histórica. Precisamos, outrossim, de uma visão mais inovadora, privilegiando a importância de reconhecermos as variedades lingüísticas e diferenciando as possibilidades contextuais: o texto como todo e o enunciado que de acordo com determinada intenção do usuário em concretizá-lo através da fala (oral ou escrita) possibilita a um provável leitor/ouvinte interagir

(fator de aceitabilidade) e decodificar o dito/escrito, transformando-o em discurso explícito ou implícito (leitura, compreensão, situação), nele reconhecendo o gênero e o tipo de texto.

Segundo Faria (2003, p.81) in **Gramática da Língua Portuguesa**, observamos que:

...O conhecimento ou desconhecimento do contexto, ou dos princípios socioculturais que o regulam, numa dada comunidade, actua selectivamente sobre o que se diz e pode ou deve ser dito e restringe ou especializa a interpretação e compreensão do que é, facto, dito. Neste sentido, o contexto recruta da parte do falante um conjunto de pressupostos ou crenças necessárias para que a interpretação dos enunciados se faça.

Coseriu (1972) afirma que a linguagem pertence a dois planos da vida do homem: o biológico e o cultural, sendo que a faculdade de falar está no primeiro plano, enquanto o saber falar cabe ao segundo plano. Entendamos linguagem aqui, em sentido restrito, a que utiliza vocábulos como sinal de comunicação e que Saussure explica como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

Ainda em Coseriu (1987) encontramos que o “saber falar” que existe no plano cultural apresenta três estágios: “o universal (saber elocucional), o histórico (saber idiomático) e o circunstancial (saber expressivo)”. Aos três estágios correspondem três tipos de valores semânticos: a designação (referência ao mundo extralingüístico), o significado (conteúdo lingüístico com o valor de língua) e sentido (significação própria de cada “texto” ou fragmento de “texto”). No estágio idiomático extralingüístico, cumpre distinguir: saber tradicional e comum acerca das coisas, incluindo idéias e crenças tradicionais das “coisas”; o

saber “textual” que retém conhecimento de textos que se transmitem como tais numa comunidade lingüística: refrões, provérbios, frases feitas) e a técnica tradicional do falar (língua em sentido restrito).

Historicamente, distinguimos unidades diatópicas, delimitadas regionalmente, incluindo falares, regionalismos, dialetos; unidades diastráticas que apresentam distinções socioculturais (níveis da língua); unidades diafásicas, delimitadas, segundo os tipos de finalidade expressiva (estilos de língua).

Ao analisar um *corpus* é preciso buscar um direcionamento teórico para consubstanciar as possíveis leituras. É quando nos deparamos com a complexidade do assunto, mas um usuário interessado em sua língua de comunicação se surpreende com as possibilidades sintático-semânticas presentes nos verbos em geral e, principalmente num verbo tão intrigante como o é o verbo-suporte, ainda tão passível de discussão.

Tentaremos, além de tratar dos verbos-suporte, apresentar expressões que, com ou sem preposição, mesmo não fazendo parte do corpus, venham ganhando destaque no vocabulário do falante nativo, não só nos dias atuais, mas através dos tempos. Não se trata de modismo, mas de uma realidade atemporal que acompanha o homem desde a aquisição da linguagem. Já encontramos, inclusive, na carta de Caminha expressões como leuamtar ancoras e fazer vela (Cortezão: 2000, p.101)

Ao fazer a escolha lexical no eixo paradigmático para passar do pré-texto (mental, abstrato) ao enunciado (físico, concreto), o falante usa uma intencionalidade ideológica. Mesmo que não o faça em nível de consciência linear, estará executando um texto da

consciência subjacente. E a ideologia construída, assimilada, transmitida por uma sociedade subliminar, transparece no enunciado; manifesta-se, por inferência, no enunciador que a passa ao receptor, buscando adesão e compartilhamento dos valores ali expressos.

O enunciado não se forma apenas pelo uso de eixo paradigmático, sendo um elo na cadeia da comunicação verbal. Necessita do eixo sintagmático que lhe atribuirá o conteúdo preciso do objeto do sentido. A expressividade do locutor ante o objeto de seu enunciado varia de acordo com as esferas da comunicação verbal. É a relação valorativa com o objeto do discurso que determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado e essa escolha se dá pelas especificidades de um gênero.

Nenhum enunciado é totalmente novo, pois está repleto dos ecos e lembranças de outros; o objeto do discurso de um locutor não é inédito, é o lugar em que se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências ____ são as tonalidades dialógicas que preenchem um enunciado. E o discurso se firma sob forma de reflexão, interação, escolha de expressões contundentes ou suavizadas, tom provocante, reiteração, polemização. É complexo, polimorfo, apresenta ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos. O texto é polissêmico e polifônico.

O léxico nem sempre abrange a evolução semântica das palavras que constituem um sistema aberto, enquanto processo significativo. O verbo, muitas vezes, conjuga-se com um nome ou expressão, apresentando um perfil social compartilhado entre enunciador e leitor/ouvinte, já se observando experimentações semânticas, no plano da expressão, ganhando originalidade e inscrevendo-se na atualização lingüística passam a constituir estratégias reconhecidas e aceitas pela sociedade. A dicionarização desses significados só

ocorre após uma aceitabilidade ampla e, ao constituir-se numa “forma redonda”, parafraseando Millôr, no texto Massimilação, pois dificilmente haverá uma outra forma no léxico que a substitua tão bem. Daí nem sempre haver um verbo que, mesmo formado a partir do nome que compõe a locução do verbo-suporte, substitua de forma integral a semântica do termo composto.

5.2 O verbo e o fazer lingüístico

A identificação do verbo e de suas possibilidades significativas torna-se cada vez mais importante para o “fazer lingüístico”. Muitas expressões com base verbal vêm aparecendo no cenário das variedades com que a língua viva e em uso se apresenta. Essas novas formas criam enunciados cristalizados, metafóricos. E o léxico dessa língua se enriquece e se expande. Vilela em Estudos de Lexicologia do Português (1994) explica:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico numa comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber compartilhado que apenas existe na consciência dos falantes numa comunidade.

Diante de tantas classificações dos verbos e dos usos que efetivamente acontecem, parece-nos que os verbos-suporte e as expressões cristalizadas são unidades compósitas

independentes e estão mais para o discurso e o contexto do que para classificações gramático-sintáticas.

Segundo Chafe (1979: p. 42), a unidade semântica nova converte-se pós-semanticamente em outra unidade semântica ou configuração de unidades semânticas, e esta, então, continua até fazer parte do discurso. Tal significado novo terá vitalidade e independência naquele contexto, mas não existirá em outro.

Este raciocínio talvez explique novas formas de falar em um determinado contexto tal como: esportivo, econômico ou qualquer outro. É o efeito da idiomatização de que nos fala Chafe e que se limita a contextos muito restritos. Conforme vai havendo a propagação dessas formas, elas expandem seus significados a outros contextos, o que indica que o inventário de possibilidades lingüísticas é uma questão de adicionar conceitos mais abstratos a um inventário básico de conceitos concretos.

Tudo começa no léxico, mas nada existe sem o sintático e o semântico. Os recursos da língua são polivalentes, partem de regras pré-constituídas, mas o contexto e só ele pode ser responsável pela existência de uma forma nova ou renovada.

Henriques (1997, p.18) diz que:

...o correto entendimento do enunciado e, conseqüentemente, a classificação das palavras nos campos morfológico e sintático estão vinculados às relações mantidas por elas. Pode o falante não ter consciência dessas relações, mas seu saber lingüístico__ ainda que instintivo_ lhe garantirá a exata compreensão de cada sentença. E isto só não acontecerá caso aquela determinada

estrutura frasal não faça parte do elenco de estruturas dominadas (mesmo inconscientemente) pelo usuário da língua.

O falante nativo amplia ou modifica o inventário de unidades seletivas, lexicais, derivativas e flexionais, conforme o campo lingüístico em que ele atua__ as variantes diafásicas. Muitas vezes para atender determinada demanda e com intenção de chamar atenção para a sua fala, surgem expressões consideradas por ele mais fortes e formadas por nome+verbo que atingem um determinado público, exemplos encontrados nos discursos esportivos, políticos, publicitários. Surgem várias interdependências que unem as unidades e criam relações semânticas hipotéticas e, aos poucos, vão penetrando na linguagem do dia-a-dia, expandindo-se para outros campos e tornam-se ilimitadas as possibilidades de uso. É a mutabilidade lingüística e o estabelecimento dos modos e condições desse fazer lingüístico. Nesse campo, os verbos-suporte e as expressões cristalizadas atendem às necessidades expressivas e às condições de liberdade de criação do falante. O falante cria, mas não se afasta das regras de formação previstas pela língua, daí não infringir nenhum código e ser possível essa nova entrada lexical.

Segundo Coseriu (1979, p. 173):

a estrutura da sociedade corresponde à estrutura externa da língua, à sua estratificação social. E esta é um fato cultural. O que é social é, sem dúvida, um importante fator indireto na ‘evolução’ lingüística, mas apenas na medida em que implica variedade e hierarquização do saber lingüístico, ou seja, como fator cultural.

A observação de textos com ‘inovações’, na verdade, encontra explicação na própria língua, pois qualquer mudança participa de um “estado de língua” que vai corroborar as

condições para aceitação interindividual. A língua se refaz e se renova de modo sistemático, pois o sistema é inerente a ela.

Os verbos observados em nossa pesquisa vão-se reportar aos campos lexicais, mais propriamente aos clasemas¹², que tanto podem funcionar num campo lexical único ou em vários campos. Segundo Vilela (1994, p.34): “As dimensões e o modo de funcionamento das oposições caracterizam a estrutura interna dos campos lexicais e mostram o modo como o léxico está construído, de modo mais ou menos estruturado”.

Vejamos:

Esmurrar = **dar um murro**, bater em alguém com a mão fechada (murro = soco), levamos em conta a dimensão ‘instrumento’ no lexema esmurrar (formação parassintética. Por que não **murrar** (presente na língua portuguesa de Portugal) como **socar**? Isto demonstra que não há uma única forma de criação na língua para elementos semanticamente aproximados.

Complementando este raciocínio, em outros casos, necessitamos de um outro processo sintático como: **dar uma palmada** = bater em alguém com a palma da mão, em que o lexema correspondente ao nome (**espalmar** ou **palmar**) não especifica a questão, embora o verbo **palmar** exista em português, podendo aparecer também sob a forma **empalmar** = esconder na palma da mão, escamotear; e **espalmar**, que também está dicionarizado, significando tornar plano como a palma da mão, aplanar, achatado, alisar; abrir, distender; aparar a bola com a palma da mão.

¹² “El rasgo semántico por el que se define una clase es un clasema.”(Coseriu: 1979, p. 147). O traço semântico por que se define uma classe é um clasema.

Podemos deduzir que o léxico de uma língua é abrangente quanto ao léxico primário e o secundário. Há condições, restrições ou extensões significativas. Um lexema primário pode realizar uma determinada dimensão: **fazer pressão** = pressionar; sendo que o verbo não abrange todos os significados possíveis que existem em **fazer pressão**, cf. **Ela fez pressão com os dedos para estancar o sangue / Ela fez pressão contra os professores**. Isto é focalizado pela semântica estrutural, em que Coseriu chama de solidariedades (ou solidariedades) lexicais as relações lexicais sintagmáticas: é um dado positivo do léxico, pois regula as combinações dos lexemas em termos de restrição de seleção, como, por exemplo, ao aproximar um nome complemento concreto de um verbo pleno ou genérico este nome leva o verbo a uma determinada significação: **Levei flores** para casa; se, no entanto, o nome complemento for abstrato, usado com o mesmo verbo, este perde a condição de verbo pleno e passa a verbo leve (suporte): **Levei um susto** ao chegar a casa.

É de vital importância o estudo da teoria lexical para explicar as estruturas lexicais sintagmáticas que se baseiam em relações entre os diferentes campos ou mesmo entre lexemas de diferentes campos ou do mesmo campo.

A solidariedade lexical proposta por Coseriu determina o conteúdo de uma palavra por meio de uma classe, de um arquilexema¹³ ou de um lexema, trata da combinação dos elementos lexicais na seqüência frásica ou discursiva.

As solidariedades são relações orientadas como:

Tudo se deu rapidamente.

¹³ arquilexema é uma unidade semântica, conteúdo unitário de todo um campo lexical. “Una unidad semântica que equivale al contenido unitário de todo um campo léxico es um archilexema.” (Coseriu, p. 146)

No sintagma há a presença do arquilexema “**tempo**”, contido no verbo dar e que é um processo de seleção semântica presente no verbo.

Em: **O menino mastigava vagorosamente.**

O lexema **mastigar** contém o lexema determinante **dente**, mas o nome não contém o lexema-verbo mastigar. Há classemas determinantes e classemas determinados, isto é, há traços inerentes e traços contextuais. Coseriu distingue solidariedades unilaterais e solidariedades multilaterais. Na primeira, o lexema determinante não pode acompanhar discursivamente o lexema determinado a não ser com fator de ênfase: O menino mastigava com os dentes vagorosamente (emprego considerado vicioso), mas em: O menino mastigava com os dentes amolecidos vagorosamente; este fato implica um determinante explicativo para a ocorrência, o que esvazia a idéia de vício de linguagem.

As relações apresentam traços contextuais que, no entanto, podem expandir seu significado metaforicamente, como em:

As labaredas lambiam as matas vorazmente.
--

Lamber ___ sujeito [+humano] = passar a língua;

___ sujeito: labareda [- humano], restrição de sentido__ recurso estilístico, metafórico.

A dimensão sintagmática da semântica lexical explica análises mais abrangentes e diversificadas que vão das expressões fixas ou idiomáticas (cristalizadas) aos condicionamentos das solidariedades léxicas de Coseriu que podem ocorrer por afinidade,

seleção ou implicação. Esses dados podem-nos auxiliar na análise de algumas formas do *corpus*.

Neves (2000) na **Gramática de Usos do Português** diz:

P. 15: Admitir que as unidades da língua têm de ser avaliadas com relação ao texto em que ocorrem não significa desconsiderar as diversas unidades hierarquicamente organizadas dentro de um enunciado.

P. 25: Os verbos, em geral, constituem os predicados das orações. Os predicados designam as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos (ou participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado.

E ainda na mesma página: “O predicado tem propriedades sintáticas e semânticas, como a forma léxica, a categoria, o número e a função semântica dos termos, além das restrições de seleção a estas impostas.”

Embora a autora tenha colocado negrito em várias passagens desses trechos, nós só usamos o negrito nas expressões que consideramos mais importantes para nossa análise, isto é, o enfoque semântico-discursivo presente no uso dos verbos-suporte e das expressões cristalizadas ou idiomáticas restritas ao português.

A questão do reconhecimento de verbo-suporte tem-nos levado às mais variadas pesquisas com o intuito de formalizar a questão o que nos parece questionável, visto que esses

verbos surgem nos textos em decorrência de fatores semânticos, assim como expressões se cristalizam na língua também por motivos semânticos.

5.3 Uma leitura pragmática

Se levantarmos a questão dos atos de fala e do discurso como unidade do enunciado, teremos de nos deter, também, na perspectiva pragmática. Segundo Maingueneau (1997, 29), “... a linguagem é considerada como uma forma de ação; cada ato de fala (batizar, permitir, mas também prometer, afirmar, interrogar, etc.) é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado”.

Um enunciador, ao se comunicar, pressupõe uma espécie de “instituição social da linguagem” implícita, partilhada por todos aqueles que interagem em dada situação. Os atos de fala *stricto sensu* passam a “práticas sociais”. O locutor demonstra um comportamento intencional e sabe que as regras por ele usadas serão decodificadas pelo interlocutor.

O fato de falar ou escrever uma língua está condicionado à produção de seqüências dotadas de significado, portanto devemos levar em consideração que há uma face sensível da linguagem __ o significante __ que é o plano da expressão; sendo que, junto a este, temos a face psíquica __ o significado __ que é o plano do conteúdo.

O verbo, dos elementos gramaticais, é o que mais se enriquece, estabelecendo relações através de escolhas dentro de vários paradigmas e combinando-os na cadeia discursiva. É preciso compreender que há condições para a escolha, a qual não pode ser aleatória, implicando não reconhecimento por parte do falante de determinado contexto. No entanto, há

combinações que a princípio parecem dispares e que se firmam em determinadas variedades lingüísticas como: **dar flores X dar azar/ dar certo/ dar errado**.

Por ser uma entidade social, o sistema lingüístico do português só pode ser apurado mediante observação constante e coerente dos processos de inovação dos falares, das variedades lingüísticas. Pretendemos que o falante seja consciente de que uma língua apresenta tantas diversidades quanto mais rica ela é e que o ideal é conhecermos o maior número dessas variedades para poder empregá-la adequadamente e sem preconceito.

Sabemos que o intervalo entre os dados brutos e a compreensão é grande e será necessário que façamos várias representações, em que cada uma deverá explicitar determinado conhecimento, como:

- fatos acerca da combinação de palavras com novos significados que se vão tornando explícitos a partir da propagação do uso;
- a relação entre atos e objetos explícitos em funções temáticas;
- a forma como os significados passam a representar uma leitura de mundo.

Os verbos e seus argumentos, enfocados nessa pesquisa, são objetos de um tratado semântico com que se visa à compreensão de como as frases apresentam implicações, evocam expectativas, estabelecem contextos, intratextos e intertextos.

5.4 Sobre o *corpus*

Analisar um *corpus* a partir do verbo é tarefa inesgotável, visto a riqueza com que se apresentam os verbos no cenário lingüístico. Dos elementos gramaticais, o verbo é, sem dúvida, um dos mais instigantes para observação, pois, ao mesmo tempo que provoca

dificuldades quanto ao uso normativo nos usuários da língua portuguesa, pode enriquecer o discurso ou criar novas formas de dizer ou estabelecer comunicação.

Lendo um texto de Luiz Garcia de 19 de setembro de 2003, publicado em O Globo, na seção Opinião, pudemos observar como um discurso pode-nos levar a caminhos diversos de interpretação. O autor cita em sua crônica um trecho selecionado de um improviso do presidente Lula na inauguração da sala de imprensa do Planalto “Agora jornalista é uma coisa importante, porque todo mundo reclama, mas ninguém vive (sem, presume-se)”. Ora, acreditamos que, ao ouvir o discurso, ninguém tenha tido dúvidas quanto ao significado do verbo **viver**, mas, ao reproduzir o texto graficamente, o autor sentiu necessidade de dirimir quaisquer tipos de dúvidas que a ambigüidade do texto oral pudesse levar o leitor a inferir na interpretação, já que sua intenção era comentar o papel do jornalista na divulgação de notícias e criticar o fato de que alguns políticos não vivem sem os jornalistas, mas, ao mesmo tempo, só gostariam que eles publicassem fatos que lhes interessassem. É importante, ainda, o emprego do verbo **ler** no título da crônica “Ler os improvisos”, que vai além da leitura do dito.

Com base nessas mudanças discursivas e na influência que elas determinam nos usos lingüísticos é que selecionamos alguns verbos e com eles traçaremos um percurso histórico e significativo, os usos e mudanças de uso nos discursos da língua portuguesa do Brasil. Vamos destacar os verbos-suporte, expressões cristalizadas e sintagmas novos (geralmente usados estilisticamente, num processo metafórico). Levaremos em consideração que não há inovação absoluta, mas parcial; ocorre assimilação de um significado que se transpõe para outro, podendo-se observar em algumas formas que existem ecos de outros tantos significados; cruzam-se expressões cuja garantia de propagação é favorecida pela tecnologia e cultura oral e acabam passando à expressão escrita.

Foram selecionados os verbos **cair, dar, fazer, levar e ter**. Na análise vamos observar seu significado dicionarizado (etimológico, o dicionário comum e o dicionário de usos). Após pesquisar a definição desses verbos e levar em consideração a resenha crítica da teoria, percebemos que no decorrer dos textos em que eles vêm inseridos, sua carga semântica pode ser plena, esvaziar-se (ou melhor, abrandar-se significativamente) e deslocar-se para o nome que lhe serve de objeto ou cristalizar-se em expressões que só se efetivam em determinados discursos.

5.5 Classificação de verbos

Uma teoria pertinente com o ponto de vista que queremos explicitar tornou-se complexa, pois os verbos em foco podem ser em algumas circunstâncias genéricos, em outras, específicos. Os verbos genéricos podem ser considerados gramaticais, pois vêm carregados das categorias verbais ou exercem papéis ou funções textuais determinadas e explicitadas pelo contexto que desloca para o nome-complemento (argumento) o significado de base. Isto pode ser observado através do quadro:

1. **levar o embrulho**: Verbo + complemento (N)_ o embrulho (argumento). Levar = transportar.

2. **levar um soco / receber um soco**: os argumentos nominais complementam o verbo, mas não correspondem ao significado dicionarizado. **Levar = sofrer, suportar**. Verbo com carga passiva. Embora o nome represente o agente da ação, o verbo continua com suas características gramaticais.

3. **levar medo = amedrontar**.

Neste caso, vamos aplicar os testes propostos por Neves:

Os bandidos levaram medo à população.

teste 1: Os bandidos levaram medo/ preocupação.

O elemento tem a mesma distribuição que um elemento de determinado tipo.

teste 2: Os bandidos levaram medo à população. /Os bandidos medo levaram à população.

O elemento admite movimento.

teste 3: Os bandidos levaram medo à população?

Não, preocupação.

O elemento pode servir como fragmento de oração.

teste 4: Os bandidos levaram medo e preocupação à população.

O elemento admite coordenação com outra cadeia.

teste 5: Os bandidos levaram _e não tiraram_ medo.

O elemento pode servir como “constituente compartilhado.

teste 6: Os bandidos levaram medo. ► levaram-no.

O elemento pode, apropriadamente, ser substituído por, ou servir como, antecedente de uma proforma.

teste 7: Os bandidos levaram medo e a polícia preocupação.

O elemento admite elipse, sob condições discursivas apropriadas.

O exemplo número 3 (três) atendeu a todos os testes propostos no capítulo 2(dois) o que o caracteriza como **verbo-suporte prototípico**. E ainda atende à condição de que o significado se desloca para o nome que, ao mesmo tempo, serve de argumento para o verbo, equivalendo a raiz nominal a um outro verbo da língua (amedrontar).

4. **levar cano, levar vantagem, levar em consideração, levar carão, levar sabão, levar nas costas** (= fazer alguma coisa por outros) são **expressões lexicalizadas ou cristalizadas**, isto é, há uma tendência da língua falada (coloquial) a utilizar estruturas verbais (**verbo+nome**) que têm suas funções modificadas, podendo ser ampliadas em sintagmas que expressam situações sem, no entanto, funcionarem como verbos-suporte. **Levar tombo seria tombar?** Talvez **levar em consideração** poderia ser vista como **considerar**, mas a estrutura do verbo-suporte prototípico não comporta a preposição antes do nome.

Como pudemos perceber, os verbos não podem ser sempre classificados segundo uma lógica normativa. O discurso e a gramática nem sempre estão lado a lado, visto que o falante se comporta de acordo com uma organização mental que atenda às necessidades expressivas de uma determinada situação.

Segundo Neves (2002, 151):

Entre os temas mais gerais colocados no centro das investigações, nos estudos de base funcionalista, estão as relações entre discurso e gramática, com atenção para a liberdade organizacional do falante, malgrado a necessidade do processamento de estruturas regulares. Implicada nesse quadro está a gramaticalização, ou seja, a constante reorganização do sistema sob pressão do uso, embora dentro de estruturas previsíveis.

Desse modo, o estudo dos dados parte da captação de enunciados, desde os de uso mais comuns até formas regionais ou populares encontradas em periódicos, em textos literários e no falar comum do Português do Brasil. Analisamos esses dados dicionarizados ou não (alguns significados começam a inserir-se em face de fatos atuais, para depois se consolidarem). Outros que até aparecem em textos literários, deixaram de ser usados. Nossa proposta, em relação ao material lingüístico escolhido para análise, é verificar que o léxico de uma língua não é um todo homogêneo. As palavras usadas no dia a dia convivem com as de especialistas; com as da língua falada no discurso coloquial que acabam sendo incorporadas pela escrita, primeiro em textos jornalísticos por terem produção diária e estarem mais acessíveis e próximos ao discurso lingüístico em uso. Observamos formas muitas vezes polêmicas do verbo, sem definição quanto ao seu enquadramento gramatical. Daí a necessidade de ratificar o compromisso léxico-semântico na verificação do *corpus*.

Alguns pesquisadores falam em verbos plenos e verbos auxiliares. Plenos são aqueles cujo conteúdo se reveste da configuração da processualidade do mundo extralingüístico, funcionando gramaticalmente como predicado da frase; enquanto nos auxiliares, segundo afirmativa de Vilela (1995, p.68) “o peso gramatical é preponderante, ou porque o verbo se deslexicalizou e reforçou o seu peso gramatical (gramaticalizando-se) e necessita de um verbo pleno para poder funcionar como predicado”. Os auxiliares, nesse caso, passam a servir de apoio ao verbo pleno.

Os verbos-suporte, do ponto de vista de Vilela, seriam auxiliares, pois servem de ‘suporte’ verbal ao autêntico predicado, um nome, geralmente deverbal, ou expressão equivalente. A questão do nome deverbal é questionável e expressões equivalentes podem ou não se adequar perfeitamente ao que o falante quer expressar. Não concordamos inteiramente

com o autor de que o verbo-suporte deva ser tratado como auxiliar e, portanto, passando de uma construção discursiva a uma forma simplesmente gramaticalizada.

Complementando o que se expôs, consideraremos as palavras de Neves (2002, 189):

...quando duas (ou mais) palavras lexicais ocorrem sistematicamente no mesmo contexto, a ponto de a escolha de uma funcionar como gatilho para a escolha de outra, uma delas seguramente se despe mais que a outra de seu estatuto lexical, isto é, caminha mais que a outra em direção a um estatuto gramatical.

Gostaríamos de ressaltar que a autora fala que uma das palavras do conjunto se despe mais que a outra, caminhando para a gramaticalização, o que não consideramos suficiente para caracterizar o verbo-suporte como auxiliar ou forma gramaticalizada.

Inês Duarte (2003: 311) já faz uma outra distinção, explicando que “existem verbos normalmente classificados como verbos principais que, em certas construções, não exibem propriedades típicas desta classe: os verbos leves”.

- (a) O jornalista deu o resultado do jogo logo após o apito final do juiz. (Verbo + objeto)
- (b) O jornalista deu contribuição importante para o esclarecimento da situação. (O verbo sofreu um processo de esvaziamento lexical __ verbo leve = contribuiu).

A autora em tela afirma que o esvaziamento não é total, sendo “preservada a grelha argumental que o verbo tem como pleno, quando o verbo leve é trivalente” e apõe aos exemplos acima o seguinte:

- (b₁) O jornalista deu-lhe contribuição importante.

O processo de gramaticalização seria, do ponto de vista dos autores pesquisados, o completo esvaziamento do significado do verbo leve (deu contribuição= contribuiu), permitindo que o centro semântico da frase se deslocasse para a expressão nominal. Inês Duarte já fala em preservação da grelha argumental: mantém-se um dos argumentos na substituição do verbo.

O jornalista deu-a para o esclarecimento da situação.

Ou:

O jornalista deu-lhe uma contribuição importante.

Ora, mesmo com a substituição do verbo por outro deverbal, constituído do radical do nome, há necessidade semântica de complementaridade. Os argumentos não seriam suficientes para que o processo discursivo fosse totalmente compreendido.

O jornalista contribuiu. (?)

Não nos parece que haja esvaziamento lexical, mas um abrandamento do significado reforçado pelo nome que lhe serve de complemento sintático e semântico. No caso do exemplo citado ainda temos o reforço do adjetivo importante que reforça a tese da valorização de cada palavra constituinte dos argumentos discursivos.

Na análise dos dados poderemos perceber que há expressões cujos papéis temáticos formam grupos significativos que se sedimentaram na língua e não permitem dissolução. Essas não são situações de verbo-suporte, mas “expressões cristalizadas, fossilizadas” que funcionam como fórmulas, segundo Jespersen (apud Neves, 2002:190).

- (c) Vou dar uma chegadinha na casa de meu primo.
- (d) Parece que vão dar festa no apartamento vizinho.
- (e) Dava sinais de cansaço ao fim da competição.
- (f) Deu as costas e saiu apressado.

Dar uma chegadinha, dar festa, dar sinais de cansaço e deu as costas são expressões que constituem conjuntos fechados e que não necessitam maiores explicações, fazem parte do falar globalizado do usuário da língua comum e não contestados ou sinalizados como de significado desconhecido. Este processo é um recurso próprio da língua falada, seguindo condições de produtividade comuns em línguas vivas. As restrições e especificações das bases de uso ocorrem por exclusão ou inclusão, conforme são ou não acolhidos pela comunidade lingüística. Já os nomes deverbais oriundos dos verbos-suporte prototípicos encontram melhores condições de uso no português escrito formal, condições motivadas por características desta modalidade de língua, o que, talvez, tenha levado certos autores, como, por exemplo, Vilela, a considerarem os verbos-suporte como auxiliares.

Feitas as observações, consideramos que a classificação dos verbos desse tipo é apenas uma tentativa de formalizar ou “concretar” (enformar) verbos que ocorrem em expressões para contemplar uma tendência de taxionomia, isto é, nominalizar ou classificar verbos cujo emprego atenda mais a necessidades discursivas do que a propriedades gramaticais.

No início desse estudo procuramos fazer um percurso sintático-semântico-lexical para demonstrar que alguns recursos lingüísticos não podem sofrer dissociações nem ser tratados como formas isoladas. Há elementos formais que se solidarizam léxico-semanticamente a fim de emprestar à língua mais colorido e caracterizá-la fortemente como língua viva. E isto não é nenhuma novidade, pois, se buscarmos em textos de autores de todas as épocas de nossa literatura, encontraremos vários exemplos do que se tenta demonstrar na pesquisa.

Tomemos o texto *Antigamente* de Drummond (*Quadrante*: 1968. **Seleto em prosa e verso**, 1971, p.17) e encontraremos: **completavam primaveras, faziam-lhes pé-de-alferes, levavam tábua, tirar o cavalo da chuva, tirar o pai da forca, caíam de cavalo magro, jogar verde, colher maduro, passava manta, faziam o quilo, tomar a fresca**. Estes são apenas alguns exemplos do que os usuários nativos empregavam cotidianamente, coletados por Drummond e transformados num texto literário. Nesse caso temos expressões cristalizadas que pouco a pouco deixaram de ser usadas, mas ficaram registradas.

Na parte 7 deste trabalho vamos observar os verbos que selecionamos, em contextos lingüísticos, que comprovem o comportamento léxico-semântico-estrutural que os vinculam a categorias gramaticais e/ou discursivas.

5.6 Plano da potencialidade/ Plano das realizações

Um verbo, em geral predicador, e seus argumentos apresentam uma potencialidade que se definirá numa estrutura frásica, permitindo-nos distinguir com que tipos de complementos básicos o verbo pode formalizar-se sintático-semanticamente. Nesse plano podemos prever os elementos nominais básicos que acompanham o verbo.

- (a) A família pagou o valor do resgate aos seqüestradores.
- (b) A família pagou o valor do resgate.
- (c) A família pagou aos seqüestradores.
- (d) A família pagou.

No plano potencial, o verbo pode realizar-se com três, dois ou um complemento, incluindo-se o sujeito (Gramática de Valências), e a esses complementos chamaremos argumentos. Trata-se de um mesmo verbo, com características sintático-semânticas semelhantes, podendo, no entanto, realizar-se sintaticamente de formas diferentes. O verbo

pagar, potencialmente, pode ter três argumentos (trivalente) e apresentar-se com seu plano completo de previsão de complementos básicos como visto em (a): a família (A_1), o valor do resgate (A_2) e aos seqüestradores (A_3), sendo A= argumento.

Há também a possibilidade de se escreverem elementos opcionais:

(e) A família pagou o valor do resgate aos seqüestradores no local combinado através de um portador voluntário.

Os elementos opcionais são os circunstantes, pois caracterizam determinada situação discursiva e, de acordo com a intenção do falante, são verdadeiros argumentos/complementos. No plano das realizações, percebemos que podem ocorrer variações possíveis, em que o verbo se apresenta com menos elementos considerados básicos, como se pode constatar em (b), (c) e (d).

O plano das realizações diferencia-se do da potencialidade porque nem todos os verbos aceitam a omissão de um e/ou dois dos complementos. Potencialmente os verbos, de acordo com seus respectivos grupos devem apresentar todos os elementos básicos que podem ocupar determinado espaço por força de necessidade sintático-semântica, mas admitem um número menor de realizações, como vimos. As possibilidades de realização dependerão da semântica e da sintaxe desde que determinado verbo assim o permita.

(f) Os meninos correm.

(g) Os lobos uivam.

(h) A empregada comunicou o desaparecimento do patrão à polícia.

(i) A empregada comunicou o desaparecimento do patrão.

(j) A empregada comunicou à polícia.

(l) A empregada comunicou.

Os exemplos (j) e (k) rejeitam a omissão de um elemento e a omissão simultânea de dois elementos; são enunciados não-realizáveis (agramaticais) porque sintático-semanticamente estão incompletos, não havendo como atribuir um significado fora de um contexto de situação, que permita determinada inferência.

[SF1] Comentário:

[SF2R1] Comentário:

Em (g) temos um verbo que apresenta restrições semânticas quanto ao Nome que lhe serve de argumento/sujeito (no caso lobos/cães). Outras possibilidades de realização só ocorrem metaforicamente.

Os **verbos-suporte e as expressões cristalizadas** ultrapassam as impossibilidades gramaticais. O fato de falar ou escrever uma língua está condicionado à produção de seqüências dotadas de significado, portanto devemos levar em consideração que há uma face mais sensível da linguagem __ o significante que é o plano da expressão; sendo que, junto a este, temos a face psíquica __ o significado __ que é o plano do conteúdo. Os verbos selecionados por nós para o desenvolvimento da análise provam que as possibilidades de realização são numerosas e que a extensão de uma língua, no caso o português do Brasil, não constitui uma entidade uniforme, pois o mesmo desdobra-se em muitas variantes, sendo que estas ampliam as possíveis construções e significações por motivos que lhe são exteriores: históricos, políticos, sociais, empréstimos...

O verbo, dos elementos gramaticais, é o que mais se enriquece, estabelecendo relações através de escolhas dentro de vários paradigmas e combinando-os na cadeia discursiva, embora as escolhas devam ser reconhecidas pelos usuários da língua para que as novas expressões passem a fazer parte do discurso textual.

6. Metodologia para análise do Corpus

Neste capítulo esclareceremos a origem dos dados, justificando a escolha dos mesmos e os métodos de estudo que foram utilizados a fim de serem alcançados os objetivos a que nos propusemos.

O estudo dos dados parte da captação de enunciados desde os de uso mais comum, resultantes de conversas cotidianas, até formas novas criadas com um fim exclusivo a determinados meios, como, por exemplo: jornalismo esportivo, crônicas com enfoque no uso coloquial e outras de cunho político ou da economia. A escolha dessas fontes se deu pela produção diária, acessível e próxima do discurso lingüístico mais comum a uma língua viva e em processo. Formas usadas em textos literários também compõem nosso corpus.

Durante a análise do *corpus*, vamos partir do significado dicionarizado do verbo e das diversas possibilidades significativas que ele assume no discurso. Essa análise não vai comportar grupos divididos em: verbo-suporte, expressão cristalizada ou valor polissêmico do verbo. Os verbos-suporte prototípicos muitas vezes ao serem inseridos no contexto tornam-se polissêmicos, são usados estilisticamente

Preferimos trabalhar os verbos conforme eles foram surgindo no discurso. Acreditamos que, se os separássemos em blocos, estaríamos imprimindo uma linha de didatismo à análise. É nossa intenção, porém, continuar essa pesquisa, buscando um caminho didático, pois cremos que um ensino do verbo voltado para os aspectos destacados nessa tese seria bastante produtivo, mas não foi este o caminho adotado aqui.

Muitas vezes deparamo-nos com expressões que têm aparência de verbo-suporte, mas cuja essência atende a situações específicas de uso. São formas que se cristalizam, perdem seu significado original e passam a ser empregadas como um bloco indissolúvel para determinada significação.

Não há, em princípio, um limite fixo e claro para as significações das formas de verbo-suporte e de expressões lexicalizadas ou cristalizadas. É importante, ainda, ressaltar que mesmo os verbos-suporte podem ser usados conotativamente, como recurso estilístico, havendo casos de “dispersão semântica” em textos literários ou não. É, portanto, um processo em aberto. E, muitas vezes, é tênue a distinção entre umas e outras, assim como não se pode tratar esse estudo como finalizado, pois é um assunto cujos limites se diluem, vão além das regras e das comprovações. Haverá sempre novas formas surgindo, enquanto houver um homem e sua linguagem.

O português do Brasil de que trataremos nessa análise é pródigo na criação de expressões que entram e se fixam no léxico, havendo o processo de inovação dos falares que é como já dissemos uma classe aberta. Este conceito já foi tratado por Varrão, gramático latino, e, posteriormente, retomado por Mattoso Câmara. No verbo-suporte e nas expressões cristalizadas, essa abertura acontece, pois há extensão, restrição, esvaziamento do significado de acordo com o processo discursivo. É a era do intertexto, da desconstrução e das leituras plurais. É a passagem da produção de sentido a uma nova estética; da experiência para a percepção, do usual para o efeito de uma recriação semântica.

Diante de uma determinada situação um homem dirá “**Fiz o possível.**” e um outro perguntará: “**E o que significa fazer o possível para você?**” . Possivelmente estes dois homens estarão em posições opostas, mas lingüisticamente o que significa **fazer o possível ou**

até fazer o impossível? E assim criaram-se formas de dizer para determinados momentos que nada significam senão expressões momentâneas, pontuais ou factuais. Como: **levar um abraço, levar um alento, levar uma palavra a alguém; dar uma reprimenda/receber uma reprimenda, dar um aperto/levar um aperto, dar satisfação/tomar satisfação, dar conta/tomar conta.** Se levarmos em consideração que **dar e receber, dar e levar, dar e tomar** nas circunstâncias apresentadas mudaram seus sentidos de base e os nomes, que lhes complementaram a expressão, foram usados com características de nomes abstratos, podemos concluir que as palavras que compõem o léxico de uma língua cambiam-se de acordo com o enunciado em que estão inseridas e a que situação do contexto se amoldam. Basta que confrontemos: **dei um aperto no vestido/ dei um aperto em José para saber a verdade.** **Dar um aperto,** expressão estruturalmente equivalente e mesmo podendo ser transformada em **apertei,** não tem a mesma significação nas duas frases, pois na primeira o nome deverbal foi usado com “aspecto de concretude” e na segunda, há um uso mais abstrato.

Em razão do exposto, nosso *corpus* vai ser analisado a partir do verbo expresso. Primeiro focalizaremos os significados dos dicionários: etimológico, comum e de uso. Depois vamos verificar o emprego ligado aos nomes que lhe servem de argumentos. A partir do uso no texto vamos identificar: verbos-suporte, expressões cristalizadas ou recurso estilístico.

7. Análise do corpus

O material lingüístico que levantamos para análise é o mais variado possível, incluindo dados encontrados em relatos, conversas sobre assuntos acadêmicos, em publicações (jornais, revistas, literárias) e alguns retirados do site acdc.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl do Primeiro Milhão do CETEMPúblico revisto para a Floresta Sinta(c)tica. Universidade de São Carlos, São Paulo.

O assunto aqui tratado é ainda pouco difundido, embora há algum tempo desperte o interesse de pesquisadores como Borba, organizador do **Dicionário de Verbos do Português Contemporâneo** (1990), do qual também participa Maria Helena Neves, entre outros. O primeiro tem mostrado preocupação com o assunto em sua **Gramática de Valências**, enquanto a segunda trata do assunto com base em pesquisas desenvolvidas por estudiosos como Radford, entre outros.

Em 1990, Maria Margarida Martins Salomão defendeu tese de doutorado na *University of Califórnia at Berkeley* sobre *Polissemia, aspecto e modalidade no Português do Brasil*: o caso para uma explanação do conhecimento da Gramática¹⁴ em que analisou o **verbo dar** em perspectivas diversas com enfoque no Português do Brasil, dando exemplos em que as dificuldades de uma posição definitiva se apresentam. Alguns dados citados pela autora: O Zé deu um anel de brilhantes pra Marina./ Esta semana eu vou dar mais tempo à pesquisa./ Ela deu uma de doida na festa de ontem./ Eles me deram por perdida./ A tese deu trezentas páginas./ O Zé deu muita raiva em Marina. Trata-se de uma pequena amostra dos usos destacados por Salomão que comenta “The sample above, by no means exhaustive, displays a wide variety of meanings, only a few of which are translatable by the English verb

¹⁴ Tradução minha.

give.” A questão não está restrita a não possível transposição para o inglês, pois mesmo na língua portuguesa os diversos usos demonstram que os verbos, não somente o verbo dar, extrapolam as regras gramaticais de uso previsto, em razão de que, no processo discursivo, os usos se modificam apresentando transferência de significados para os argumentos ou atribuindo à expressão formada com o verbo significações específicas.

Márcia dos Santos Machado Vieira no artigo *Caracterização do comportamento multifuncional de fazer* In *Análise Contrastiva de Variedades do Português* (2003), pesquisa o comportamento semântico-estrutural sistemático do verbo fazer, relatando que este revela em muitos contextos lingüísticos ocorrências de atuação como “instrumento morfossintático auxiliar na derivação de predicados complexos”. A autora revela que há “expansão de sentido/uso”, pois as “estratégias empregadas para expressão lingüística de efeitos comunicativos se regularizam e passam a integrar a gramática da língua portuguesa”.

Na dissertação de Mestrado, apresentada à Universidade Federal Fluminense, Gisele Flores Caldas Manhães trata do tema *Pesquisa e Ensino: O Uso Dos Verbos Genéricos e Específicos No Português Culto do Brasil*. A autora faz uma análise de 4.482 unidades textuais em doze centros de interesse dos jornais, tendo encontrado 386 verbos genéricos, 920 pleno-genéricos e 3. 176 específicos. Apesar do caráter apurativo das incidências dos usos verbais, há na pesquisa uma preocupação com o estudo dos verbos-suporte em que é enfocada a leitura de Neves que observa “a importância da posição de objeto na apresentação de um único argumento novo e de um único SN lexical numa sentença”. Na dissertação Manhães afirma que há um ponto a ser discutido que é “a acentuação do papel de argumento como meio de atingir maior precisão”. Continua o parágrafo levantando uma dúvida: “É verdade que as construções com verbo-suporte explicitam mais claramente a condição de satélite de

certos termos, até pelo uso da preposição, mas será justo afirmar que isso contribui para uma maior precisão semântica?”

Em nossa Fundamentação Teórico-Descritiva (p.15-33) também apresentamos um panorama da leitura de diversos autores, visto ser o assunto por nós pesquisado um entre aqueles que ainda estão longe de ter conclusão. O verbo-suporte e as expressões cristalizadas, pelo caráter parafrástico da fala, cada vez mais encontra espaço entre os falantes. Para o primeiro, algumas formulações se apresentam, mas Neves adverte que o conceito de verbo semanticamente amplo com necessidade de complementar funções com nomes-objeto não pode ser tomado como definitório, pois há construções sem correlatos semânticos. Para as segundas, não há como definir nem delimitar a capacidade de uso, pois o discurso vem, desde os primórdios da língua, abarcando essas formas que se fixam definitivamente, arcaizam-se ou aceitam novas combinações.

7.1 Procedimentos de análise

Desenvolveremos a análise visando à identificação dos verbos-suporte prototípicos, verbos-suporte polissêmicos e expressões cristalizadas, passando à interpretação dos resultados. As questões se encaminham para o processo discursivo, dificultando classificações estanques ou únicas.

O *corpus* está em aberto, pois pretendemos fazer apenas uma amostragem, já que se trata de assunto *ad infinitum*, isto é, em processo. A linguagem é a representação fiel do que somos, do que sabemos e discuti-la é ir ao encontro da pluridiversidade que desafia o pensamento e a realização deste.

Ana Maria Machado em seu livro *Texturas* (2001, p.7) explica a dificuldade de reunir material disperso, pois, segundo ela, há observações que se repetem, “outras que parecem

dialogar entre si, se respondendo e se completando, o que revela como minha cabeça funciona dialeticamente”. Nossa pesquisa encontrou o caminho do infinito e, talvez, incorporando palavras da autora, também não conseguimos “pensar em linha reta, mas em meandros e ziguezagues”, o que nos leva a dizer que a análise que apresentamos a seguir está em preparativos.

7.2 Verbo cair

7.2.1 Etimologicamente: cadere, latim: corresponder a, tocar a, ir ao chão.

7.2.2 Dicionário: no *Novo Aurélio* (1999), encontramos 44 acepções para o verbo cair, desde o significado etimológico até o significado 44 que seria ficar, tornar-se. Além disso, o verbo aparece em expressões como: cair bem, cair de quatro, cair doente, cair em si, cair fora, cair mal, cair redondamente.

7.2.3 No Dicionário *Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil* (1997), o verbo é dividido em: de ação; de ação-processo; de processo; de estado; verbalizador ou suporte. Segundo essas nomenclaturas:

- de ação: atividade expressa pelo verbo e realizada pelo sujeito agente. O verbo de ação indica, assim, um fazer por parte do sujeito;
- ação-processo: expressão de uma ação realizada por um sujeito agente e/ou de uma causação levada a efeito por um sujeito causativo, que afetam um comportamento. a ação-processo sempre atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição, ou, então, algo que passa a existir;
- de processo: evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente, experimentador ou beneficiário. Um verbo de processo traduz sempre um acontecer ou um

experimentar ou receber, isto é, algo que se passa com o sujeito ou que ele experimenta ou recebe;

- de estado: expressão de uma propriedade, de uma condição ou de uma situação localizadas no sujeito;
- verbalizador ou verbo suporte: verbo que, numa construção complexa, é mero suporte de categorias e indica que o verdadeiro verbo (= núcleo do predicado) está no radical de seu complemento.

O verbo **cair** em 7.2.3 apresenta 16 acepções como processo; 7 como verbo de ação (Exemplos coletados no dicionário: Fomos nadar na água fria e Cira caiu primeiro; A patrulha caiu sobre os inimigos no meio da noite; O Capitão caiu na caatinga não faz duas semanas; Ontem à noite ela caiu lá em casa para me convidar para sair; Depois do que o aluno disse, os professores caíram em cima dele; Nenhum jogador da seleção brasileira caía pela esquerda; Rosália caiu no forró e dançou até o dia clarear); 3 como de estado e as expressões: cair de cama; cair do(s) céu(s); cair de queixo(s); cair na cola, cair no conto (do vigário); cair na vida; cair nessa; cair em si; cair fora; cair (a casa). O dicionário não cita para o **verbo cair** situações de ação-processo nem verbalizador ou suporte.

Na *Gramática de Usos do Português* (1999, p.53), Neves conceitua verbos-suporte como “de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua”. Parece-nos que os vocábulos **bastante** (não mero suporte) e **geralmente** permitem-nos considerar o verbo-suporte um verbo pleno que, em determinadas situações discursivas, permitem ampliação e/ou expansão de seu significado para um outro verbo ou para uma locução explicativa.

Em 7.2.2 o *Novo Dicionário* citou expressões, sem chamá-las de verbo-suporte ou referir-se a expressões cristalizadas, mas, segundo a definição dada, cair no choro (= chorar), cair na gargalhada (= gargalhar) não se enquadrariam como verbalizadores?

Cair, como outros verbos em uso no português do Brasil, apresenta ocorrências que caracterizam sua multifuncionalidade no discurso de textos jornalísticos, literários e mesmo no coloquial formal ou informal. Quando se discute o significado do verbo nesses discursos, cabe lembrar que não há uma simples substituição por outro verbo ou outras expressões, pois qualquer troca implica valores semânticos aproximados.

Numa leitura do livro *A ginga e o jogo*, de Armando Nogueira (2003), que tomamos como análise, encontramos as seguintes ocorrências:

1. Ainda nem **caiu de amores** por um clube...(p.27)
2. Você liga o celular, **cai na caixa postal**, que, pra variar, está sempre entupida. (p. 38)
3. Ligo pro telefone de mesa, **cai na secretária eletrônica**, de onde uma voz impessoal informa que, no momento, o fulano não pode atender. (p. 38)
4. A primeira satisfação que tive foi ficar falando durante 15 minutos, sem que **caísse a linha**. (p. 54)
5. Kaká não **caiu de moda**, mas o entusiasmo das moças, agora, já começa a engrossar em torno de outro jovem astro... (p.89)

O verbo **cair**, nas crônicas de Armando Nogueira, as quais mesclam a linguagem do jornalismo esportivo e a linguagem metafórica, portanto, eivada de recursos estilísticos, é usado poucas vezes e, nestas, o autor não se mostra preocupado com o sentido do dicionário, mas com as possibilidades de criação de um campo semântico. **Cair** não é simplesmente **ir ao chão**, mesmo na acepção etimológica. O cronista reinventa o comentário esportivo, sai do

plano do conteúdo para os múltiplos significados possíveis, penetra no reino da expressão e recria o verbo, combina-o com nomes (objetos/argumentos), expressa-o através de sintagmas fortes e incisivos como “e a bola, levemente tocada, gotejava quase morta, na quadra rival...” O verbo **cair** que, normalmente, seria empregado em frases como a citada, reveste-se de uma nova roupagem e na linguagem discursiva de Nogueira transforma-se no verbo **gotejar**.

Em (1) **caiu de amores**, o verbo poderia até ser reconhecido como suporte, se considerássemos que se transferiu para o nome a força semântico-enunciativa. **Enamorar-se**, no entanto, não seria um verbo correspondente ideal, pois na verdade a significação estaria mais para identificar-se, incorporar-se. Esse verbo funciona aqui como verbo pleno, com alta carga semântica, e tem um complemento ou sintagma nominal que lhe serve como referencial. O emprego do posvérbio (preposição com sentido partitivo, formando com o verbo um conjunto específico) não descaracteriza o verbo como suporte, pois configura-se, segundo Neves (1996), um bloco cristalizado com significado global único (cair de amores, morrer de amor__ caráter polissêmico).

Em (2) e (3) cair na caixa-postal e cair na secretária-eletrônica, temos expressões muito usadas, atualmente, decorrentes de elementos da eletrônica moderna como o celular e o serviço de recados de um telefone comum que representam atender no lugar de + nome [+] humano. Temos nesse caso expressões que se vêm cristalizando no discurso moderno.

Em (4) **cair a linha**, outra forma atual, significa que a ligação foi interrompida sem intenção do(s) falante(s). Não se pode dizer que o verbo pleno desloca seu significado para o complemento, tornando-se um verbo leve, mas fica evidente que o verbo cria com o sintagma nominal uma expressão de caráter significativo global e só reconhecido por quem reconhece esse contexto, expressão cristalizada.

Em (5) **cair de moda** (= deixar de ser reconhecido) tem-se uma expressão cristalizada como **cair de maduro, cair de podre, cair de status, cair do cavalo, cair em depressão, cair em desgraça...** São situações que atendem a especificidades e só naquele contexto podem ser identificados.

Cair de moda equivale à interrupção de um estado (aspecto cessativo), ao passo que cair em desgraça significa iniciar um processo. Não podemos ignorar a contribuição da preposição nestes casos: término (**cair de status, cair do cavalo, cair de maduro**) e início (**cair em depressão**). Estamos diante de oposição aspectual: cessativo versus incoativo.

Se, por outro lado, percorrermos os noticiários, vamos encontrar outros usos do **verbo cair** que vêm corroborar a questão analisada em 7.1 como:

6. Mercado comemora e **risco cai**. (O Globo. 19/9/2003)

7. O PT não chegou a **cair na vida**, como dizem os radicais que ontem fizeram seu enterro simbólico no Rio, mas segue rompendo os tabus que o diferenciavam dos partidos pragmáticos. (Tereza Cruvinel. O Globo. 19/9/2003).

8. Faturamento do comércio **cai 4,9 %** em agosto (Folha de São Paulo. 19/9/2003).

9. Apesar de o risco país ter diminuído, **os juros caírem** e o real recuperar valor frente ao dólar, a economia brasileira estagnou em 2003. (Jornal do Brasil. 28/12/2003).

Em (6) **risco cai/ cai risco**, essa expressão é uma forma que se vem difundindo nos noticiários sobre economia. Também representados em (8) **faturamento cai** e (9) **os juros caírem**. A queda presente no verbo pleno **cair** não se justifica significativamente para os nomes **risco, faturamento e juros**, que se apresentam como uma globalização do significado

composto pela expressão verbo+SN. O nome, no caso das expressões citadas, é argumento sujeito e não argumento objeto.

Em (7) **cair na vida**, registrado em 7.1.3 como prostituir-se, no caso do emprego pela jornalista foi com o significado de render-se às idéias que antes negara. Se, para alguns leitores, soar como forma de prostituição, será um co-notar implícito.

Há expressões que se aplicam a discursos exclusivos como: **cair o pano, cair a máscara, cair o véu, cair a ficha, cair o símbolo ...**

O verbo **cair** não apresentou, como esperávamos, um número significativo de empregos diversificados. Algumas expressões cristalizadas têm surgido, no entanto. Os exemplos citados no parágrafo anterior vêm sendo acrescidos de **cair o padrão de vida, cair o muro (de Berlim), cair a bolsa (de valores), cair o dólar, cair o ministro...**

Outras ocorrências (CET, 2003)

10. Quando **cair na água**, fique de olho no marcador de tempo para não morrer afogado.
11. Papel brasileiro chega a **cair 8%**.
12. Equipe já aceita empatar com o Vitória e **cair na chave** do São Paulo.
13. Com 12 vitórias em 18 jogos disputados, ele acredita que na fase atual da Liga Nacional o time pode **cair um pouco de produção**.
14. Isso não faz **cair a qualidade do futebol** em seu país?
15. O Juninho tem de se mover mais, **cair para a esquerda**, diz Muricy.
16. Posso até **cair do cavalo**, mas dane-se.
17. Só voltou a **cair de rendimento** no final, quando o Pitt-Corinthians novamente apertou a marcação.

18. Cuidado para não **cair em armadilhas**.
19. A retórica pode **cair bem**, como discurso de político, mas não convenceu Lillian Witte Fibe...
20. O candidato começou a **cair nas pesquisas**.
21. Pode-se **cair no erro** de esquecer o lado humano da empresa.
22. A ordem é não **cair na rotina**.
23. O jogador, afinal, **caiu na real**.
24. Muitas vezes, quando me pedem para lembrar uma partida, um gol ou um detalhe da minha carreira, acabo tendo de inventar e **cair no ridículo**.
25. Eles podem **cair numa esparrela**.
26. Não se deve criticar muito a imprensa por **cair no truque** dos dois acrobatas.
27. Deve **cair nas mãos** de um senador tucano o papel de relator da CPI dos bancos na CCJ.
28. Para não deixar **cair no esquecimento**, a Câmara dos Vereadores do Rio amanhece hoje com um novo visual.
29. Os juroos vão **cair pela metade**.
30. E um formato novo sempre corre o risco de **cair no gosto** do público.

Observamos que muitas expressões com o verbo cair já se encontram dicionarizadas e outras que começam a ser usadas ficam “em estado de dicionário” (com sua licença, Drummond) basta que se fixem no discurso. Nesse caso, encontram-se também os verbos-suporte e as expressões cristalizadas.

As construções relacionadas de 10 a 30 estão entre as que Neves aborda como remissão textual que podem ocorrer com fóricos (Eles já caíram nesta esparrela mais de uma vez); com referências comparativas e de identidade (Não caio noutra); com quantidades

(11; 29); com um referente (14). Não temos construções puramente prototípicas, pois há uma diferenciação referencial no texto. Cabe a observação de que as construções estão ligadas à adequação comunicativa, relacionada à intenção do falante.

7.3 Verbo dar

7.3.1 Etimologicamente: dare, do latim. Significa: doar, fazer presente de, produzir, soar, noticiar, abranger.

7.3.2 Dicionário: no *Novo Aurélio* encontramos 101 acepções para o verbo dar, sendo o último significado prestar-se. Além disso, o verbo aparece em expressões tais: dar a saber; dar certo; dar de si; dar duro; dar em cima de; dar em nada; dar para trás; dar por bem-empregado; dar que falar; não se dar por achado; não se lhe dar; para o que der e vier.

7.3.3 No Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil:

O verbo dar apresenta três formas como ação-processo, sendo que a 1ª com sujeito agente se subdivide em oito; a 2ª com sujeito causativo se subdivide em quatro; a 3ª com sujeito agente/causativo em um. Indicando processo, o verbo dar se apresenta de seis formas com subdivisões; como ação, o verbo tem duas formas com várias subdivisões; com indicação de estado aparece sob quatro formas.

No item **verbalizador ou verbo-suporte**, o verbo aparece sob as seguintes formas: **dar grito; dar banho; dar mostra; dar agasalho; dar notícia; dar estrilo; dar impressão; dar nojo; dar pena; dar arrocho.**

Como auxiliar, o verbo se apresenta com as preposições de, em, para + infinitivo; como modalizador factivo (atitude subjetiva do falante em relação ao que ele comunica):

verbo + preposição a + infinitivo.

O verbo dar foi exaustivamente pesquisado na composição do dicionário quanto a expressões. São registradas oitenta expressões diferentes.

Se levarmos em consideração o conceito que Borba (1997) imprime a verbo-suporte, percebemos que a relação apresentada é coerente, mas se observa também que o número de expressões citadas no dicionário é muito maior do que o número de acepções como verbo de ação, ação-processo e de processo.

Parece-nos que essa ocorrência sob forma de perífrase satisfaz mais ao falante, procura uma maior adequação ao registro, expandindo o efeito significativo para além do verbo e, muitas vezes, para além do nome, como, por exemplo, a expressão **dar com os burros n'água**: o sintagma nominal não abrange a significação do grupo lexical formado. Muitas vezes as expressões entram no léxico por algum fato ocorrido e repetido, cristalizam-se e depois, esquecido o que dera origem, continuam sendo empregadas com valor de dito popular.

O *Novo Aurélio* já incorporou significados que o uso generalizou, uma vez que há certas estratégias do usuário para obter efeitos comunicativos que se regularizam, passando a integrar o léxico e a morfossintaxe da língua portuguesa do Brasil.

O verbo **dar** é pródigo em usos. Analisaremos dados que nos pareçam significativos quanto ao nosso propósito, mantendo a metodologia proposta. Vamos, no entanto, diversificar os comentários, pois o verbo em tela já se encontra dicionarizado com numerosas acepções.

Neves (1996) classifica os verbos-suporte em três tipos: os de ação (**dar, fazer**), os de processo (**tomar**) e os de estado (**ter**), indicando que eles apresentam diferentes naturezas de predicação que vão se caracterizar a partir do contato entre eles e os nomes (concretos, abstratos, humanos, não-humanos...), o que muitas vezes dificulta a conversão do conjunto em verbo pleno. Dos verbos citados como exemplos não trataremos nessa pesquisa do verbo tomar.

31. O português me **deu o fora**. (Noel Rosa)

32. Vou **dar o fora** daqui. (exemplo de uso cotidiano)

As expressões: **deu o fora e dar o fora**, embora estruturalmente se equivalham, semanticamente se afastam. No 1º caso, significa abandonou; no 2º, sair. **Dar o fora** é uma expressão cristalizada e sua significação depende do contexto. Os exemplos a seguir fazem parte do uso coloquial.

33. Ele deu no pé. (= fugiu)

34. **Dá o pé**, louro.(= vem cá)

35. Era preciso **dar a mão** àquela gente que perdeu tudo. (= socorrer)

36. Vou **dar a mão** a ela para que não caia. (= estender a mão, no sentido denotativo).

37. Vou **dar uma mãozinha** para que o serviço acabe mais cedo. (= ajudar)

Em (37) a troca do determinante **a/o** por **uma** e o uso hipocorístico do substantivo mudaram o valor significativo em relação ao dado (35). O falante optou pelo emprego do conjunto **verbo+ nome**, do tipo suporte, embora o correspondente verbal desvincule-se da raiz nominal, para obter um efeito especial. O verbo dar não teve seu sentido esvaziado, ao contrário, ampliou-o para que o nome que lhe serviu de argumento melhor se especificasse. O nome *mãozinha* passou de concreto a abstrato, foi usado conotativamente.

38. Nós **demos razão** ao rapaz em sua reclamação. / Não pudemos **tirar a razão** do rapaz naquele episódio.

Observando os conjuntos formados por verbos + complemento: **dar a razão e tirar a razão**, nos exemplos citados, verificamos que, embora se oponham semanticamente no sentido dicionarizado; no contexto aproximam-se, pois em ambos os casos o processo discursivo-argumental é o referencial das expressões. Em ambos os casos o nome é abstrato e as expressões se aproximam do que chamamos verbo-suporte.

39. O auditório não **deu vazão** ao grande número de pessoas presentes. (= não houve espaço suficiente). A substituição do conjunto exigiria adaptação. No dicionário encontramos extravar-se como sair fora dos limites. Em geral é empregado em relação a líquido e, no caso, o nome que complementa a expressão é pessoas.

40. **Deu vazão à raiva**, provocando mal-estar. (= não controlou)

Em (39) e (40) a expressão cuja estrutura se equivale, na verdade, tem o conteúdo modificado no 1º caso pelo SN quantitativo que complementa o nome que se adjunge ao

verbo dar; no 2º caso, o SN formado por nome abstrato modifica o contexto, auxiliado pela oração com valor de adjetivo. O complemento-objeto que somado ao verbo extrai parte de seu significado, tem no complemento que se segue o reforço para a significação contextual.

41. A piscina não dava pé para crianças pequenas.

42. Assim não dá pé! Não conte mais comigo.

Dar pé em (41) é uma expressão cristalizada e significa não permitir que se alcance o fundo. Em (42), embora o conjunto estruturalmente seja igual a (41), semanticamente foi empregado conotativamente e passou a ser uma expressão mais coloquial (gíria).

43. O pai não conseguiu prosseguir e desmaiou. O outro filho **deu três tiros**. Um acertou a cabeça de Sabah. (O Globo. 2/8/2003). Uso deverbais: atirou.

44. A ruína nos **dá lições** de vida. E de arte. (Affonso Romano de Sant’Anna. O Globo. Prosa e Verso. 27/7/2002) Recurso estilístico, prevalece o emocional que reitera o valor nominal sobre o verbo. A última frase, mesmo com a elipse da expressão dá lições, mantém a complementaridade ao nome (de vida, de arte).

45. Que **dá nervoso**, dá. Mas é bacaníssima a campanha publicitária da Lavazza. O moicano de xícaras é arrebatador. (Mara Caballero. O Globo. 2/8/2003). Expressão cristalizada.

46. Governo planeja **dar bolsa de R\$ 50,00** a todas as famílias pobres. (O Globo. 3/8/2003).

Esse conjunto é diferente de “O marido planeja **dar bolsa** à mulher no dia dos namorados”. No primeiro caso o nome bolsa refere-se a abono (uso abstrato) e no segundo refere-se ao objeto (concreto).

47. Unificação **dá qualidade** a programas sociais. (O Globo. 2/8/2003)

48. Só me **dou conta** da vida real quando percebo que Gilberto Braga, criador de grandes vilãs..., jamais teria coragem de criar um Albucaçys. (Artur Xexéo. O Globo. 10/3/2004)

49. Desde que o Ibama liberou a comercialização em criadouros e lojas autorizadas as vendas **deram um salto**. (JB, 18/9/2003)

Os conjuntos formados do verbo dar + nome abstrato são expressões cristalizadas muito comuns no registro coloquial, sem, no entanto, fugir às regras de estruturação sintática (dar+ argumento Nome: **dar qualidade, dar conta, dar um salto**). Podemos observar que, embora a formação se aproxime de verbo-suporte, o significado se comporta como um conjunto global unitário, como cita Neves (2002, p. 190), além do fato de construírem um sentido figurado. Em **deram um salto**, por exemplo, a substituição por saltar não contemplaria o significado do texto que seria aumentaram.

50. E **dá-lhe** Angra! (JB. 28/12/2003) Exaltação, forma de atribuir ao nome um fator de posse, de poder.

51. Os bancos também deveriam **dar sua cota** de contribuição... (Jornal do Brasil. 28/12/2003).

O nome **contribuição** tem mais valor de atribuição de suporte ao verbo do que cota que tem valor de parte (reforço significativo, sentido figurado)

52. Esses três tópicos bastam para **dar um caráter** a 2003, bastam para humanizar o desumano? (Arthur Dapieve. O Globo. 26/12/2003) O determinante representado por um artigo indefinido pretende qualificar, especificar.

53. **Dá orgulho**, ainda, que o bom exemplo de Bebeto de Freitas, Levir Culpi, Sandro & Cia. pareça estar contaminando o Flamengo. (Idem)

54. Casa de veraneio, dunas e lagoas **dão lugar** a singelas vilas de pescadores. (O Globo. 27/12/2003)

55. **Dá insônia** de tão triste. (Joaquim Ferreira dos Santos. O Globo. 29/12/2003)

56. Lá se foi ele, a passos rápidos, **dar só um alô** aos amigos. (Renato Maurício Prado. O Globo. 28/12/2003)

O uso das expressões, nos exemplos de 53 a 56, imprime dinamicidade ao contexto, dificultando de certa forma uma conversão ou interpretação, pois são insubstituíveis no que pretendem expor. Por exemplo, se substituirmos **dar um caráter** por **caracterizar** é modificarmos substancialmente a fala do autor

57. **Dando dribles e pedaladas** na ‘baiana’ que jogava de lateral-esquerdo do time adversário. (Idem)

Driblar e pedalar são verbos muito usados na gíria esportiva, mas parece-nos que drible e pedalada emprestam ao verbo dar maior carga semântica ao contrário do esvaziamento que se diz haver. Se a simples substituição resolvesse o problema, por que a perífrase é muito mais freqüente?

58. O livro de João Máximo é, ao mesmo tempo, uma reverência ao João-Sem- Medo, que cobriu sua última Copa do Mundo doente de **dar dó**... (Rollember: 2000, p.69)

No decorrer da análise de nosso *corpus*, pudemos perceber que questões como esvaziamento, fator de auxiliaridade do verbo em relação ao nome, não nos parecem adequados ao verbo-suporte, pois é a partir do verbo complementado (ou reforçado) pelo nome que estabelecemos uma perífrase com mais força discursivo-textual do que uma forma verbal simples. Não se pode considerar neste grupo **verbo+nome**, o verbo como mero suporte de categorias, pois se fosse o nome o centralizador significativo não se transformaria em outro verbo a que empresta o radical.

Quanto a expressões que surgem no cotidiano com tanta rapidez e prodigalidade, primeiramente na língua falada, depois sendo incorporadas à língua escrita, entrando no léxico e a ele emprestando dinamismo e riqueza expressiva, observamos ser o português do Brasil uma língua com bastantes variantes e essas expressões caracterizam e fazem a diferença de nossos falares.

Na leitura de *O jogo e a ginga* encontramos outras tantas expressões com o verbo **dar**:

59. Não **dar bola** pro tempo.
60. O tempo é de tal forma benevolente comigo que, ao me enriquecer a vida de tantos anos, ainda me **dá a graça**, quase divina, de poder, eu mesmo, retocar o meu passado.
61. A vista, com o Cristo Redentor lá do alto, chega a **dar vontade** de parar a caminhada...
62. A resposta me escapa, mas ainda consigo salvar o comentário dela **dando o troco!**
63. Otto: lido da esquerda pra direita, como da direita pra esquerda, **dá no mesmo**.
64. Frases como “a bola entrou na última gaveta”, ou fulano **dá uma caneta** em beltrano...
65. Ser cronista de futebol é **dar a cara a tapa**.
66. **Dei meu nome**. Nome e sobrenome.

67. Afinal, se não lhe **deu asas** ao corpo, **deu-as à imaginação**.
68. Pelé **dá um bote**, o beque toma um susto...
69. Abriu-lhe o coração: **dera sorte**, estava namorando uma suequinha.
70. Posso **dar um testemunho**, esse muito mais eloqüente pelas circunstâncias em que ocorreu o fato.
71. A musculatura da coxa, exuberante, **lhe dá uma explosão** que lembra o outro Ronaldinho, cinco anos atrás.
72. ... ele se torna racionalíssimo e **dá um passe** de quase gol., como o que resultou no pênalti de Edílson.
73. Na celebração do título, Joel **deu a volta olímpica**, correndo abraçado com Garrincha.
74. Fez gol, **deu passes de gol**, fez miséria.
75. Afinal, tendo passado a noite como passara a noite da véspera do jogo, Garrincha talvez **não desse nem pra saída**.
76. Conta a história que tudo **se deu na base da diplomacia**.
77. ... quando **deu um tremendo sufoco** no astro do momento, o espanhol Sergi Bruguera...
78. Meligeni me **dá uma explicação** precisa pro renascimento de seu tênis.
79. A qualquer momento, o diretor de futebol **dava uma incerta**.
80. O presidente se despede da rapaziada, **dá uma passadinha** pelo hotel, onde encontra o técnico.
81. Ela sempre **deu ao tênis a luz** da sua raquete sem sombras.
82. Numa queda de braço com qualquer dos citados, sou Serena, sou Vênus, sou Capriatti, sou Clijsters e **dou o empate** a quem apostar nos marmanjos.
83. Timoneiro intrépido, ele nos **dá um exemplo** de espírito olímpico que, certamente, vai além, muito além, do universo esportivo.
84. Ronaldinho Gaúcho ganha medalha...., **dá autógrafos** no calçadão dos Champs Elysées.

85. **Dava-lhe força** pra que os sortilégios do futebol não traissem o Botafogo.
86. Pelas tantas, os mexicanos teriam começado a apelar, **dando umas entradas** mais duras, principalmente e pra variar, em Garrincha. O emprego dos determinantes umas e mais duras descaracteriza a substituição pelo verbo entrar.
87. João Saldanha sensibilizado **dá um toque**... (Não é simplesmente tocar, mas uma sutileza na forma de se expressar. A expressão passa a ter caráter polissêmico).
88. Retirar de circulação uma camisa é **dar as costas** ao futuro e sepultar o passado.
89. Pra mim, a camisa 10, como as outras, deve continuar nos campos, viva feito um sonho, justamente pra nos **dar mais saudades** de Maradona.
90. Parreira acha que o jeito mais prático de **dar nova dinâmica** ao jogo seria limitar o número de faltas.
91. Ou o homem **deu ou levou um nó tático**.
- 92.... a equipe campeã não exibiu o padrão que lhe **deu o título** em 98.
93. Tudo faz crer que o público anfitrião pretende **dar** aos jogos da Copa **um clima** realmente festivo.

Ao escolher o livro de crônicas de Armando Nogueira, procuramos textos que, nos últimos tempos, têm fornecido muitas expressões novas à língua: o discurso dos locutores e comentaristas esportivos, em qualquer modalidade. Nos exemplos citados pudemos recolher expressões com o verbo **dar** + **nome** que não se apresentam nos dicionários e que estão invadindo nossos jornais escritos e falados e programas específicos. Também é comum essas mesmas expressões aparecem em outros tipos de discurso. O caráter polissêmico presente em vários dados leva-nos a observar que não podemos tentar enquadrar ou simplesmente analisar determinada forma com base nas regras de formação. O verbo-suporte, em determinadas

situações, tem caráter polissêmico e o que o classificaria como forma prototípica, apresenta desvio de significado de acordo com o discurso em que é empregado.

Destacamos: **dar o troco, dar uma caneta (tipo de jogada), dar uma explosão, dar sufoco, dar autógrafos, dar força, dar umas entradas, dar um toque, dar dinâmica, dar nó, dar um clima**. O conjunto formado pelo verbo+ nome, não importa se sob forma de verbo-suporte, expressão cristalizada ou à espera de cristalização, empresta ao discurso uma força semântica mais enriquecedora.

É interessante analisar o dado (81), pois o autor empregou no texto a forma **dar a luz** (contraponto com **dar à luz**) ao tênis como verbo-suporte e valor metafórico. Não se trata de iluminar simplesmente, mas de fazer daquilo algo mais do que os outros faziam normalmente, jogar com a alma na ponta da raquete. No caso a valência semântica se sobrepõe à valência sintática.

Em (82) o autor empregou *dou o empate não* com a equivalência de *empatar*, mas numa forma comparativa apenas conta que não há escolhas a fazer.

Em (91) temos *deu ou levou um nó tático*. O contraste entre *deu/ levou* não importa para o conjunto, que é inovador, *nó tático* é uma expressão técnica que se identifica com o discurso.

Se pararmos para uma análise criteriosa dos dados, temos de levar em consideração o que Neves sugere como adequação às possíveis nomenclaturas: os papéis temáticos que os conjuntos V+N determinam nos enunciados. Classificar um verbo por si mesmo restringe o

conceito que se pode ter do assunto, pois, se genérico é todo verbo que só se esclarece a partir da contribuição do complemento (argumento), não poderemos deixar de fora da classificação de genéricos os verbos-suporte nem as expressões cristalizadas ou sintagmas lexicais.

Outros dados (CET: 2004):

94. A fatura de pensamento pode **dar maus resultados** e nós não queremos ter um enfarte.
95. E apelava ao ‘idealismo e ao pioneirismo’ da América como o antídoto capaz de **dar sentido** ao seu enorme poder.
96. Os agentes poderiam **dar vantagem** aos raptos por estes terem ameaçado suicidar-se com os reféns fazendo explodir uma granada.
97. Parecia que tinha acabado de **dar um aperto de mão** a um velho amigo.
98. E têm de existir porque, neste momento, é impossível produzir um filme sem ser em co-produção e sem **dar contrapartidas** a realizadores estrangeiros.
99. O diretor da firma prometeu **dar uma percentagem** dos lucros da empresa.
100. Boris Ieltsin continua a **dar sinais** contraditórios sobre a forma como vai utilizar a sua vitória política...
101. A esperança **deu lugar** ao pessimismo.
102. Pretende **dar cursos** de aperfeiçoamento. (Contraponto: **fazer curso=cursar**)
103. Depois de ler o documento, o responsável disse que **daria autorização** para a visita.
104. Para que o rapaz se afastasse, a moça teve de lhe **dar um safanão**.
105. Ela não pode se **dar ao luxo** de não aceitar o emprego.
106. É a aplicação Voice Pilot, que permite **dar ordens** vocais ao computador.

O verbo analisado que tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores nos apresenta um campo vastíssimo para a observação de que a língua em uso é complexa e sua

atividade pode ser percebida a cada novo enunciado, pois os falantes, embora presos a certas restrições internas do sistema, têm liberdade de organizar o pensamento e o fazem buscando mais expressividade e a força criadora de grupos de palavras que melhor se encaixem à comunicação. Isso pode ser reiterado pelo que escreveu Neves (2002:173):

...a gramática é sensível às pressões do uso. Ou seja, a gramática é flexível, porque é ajustável, a partir de centros categoriais, ou núcleos nocionais. E o conflito que aparentemente se levanta, não resiste, na verdade, à idéia de que a gramática, afinal, se molda por acomodação, sob pressões de ordem comunicativa, isto é, sob pressões discursivas.

7.4 Verbo Fazer

7.4.1 Etimologicamente: *facĕre*, do latim. Significa: executar, realizar, fabricar.

7.4.2 No Dicionário *Novo Aurélio*, encontramos 58 acepções para o verbo e as seguintes expressões: fazer de tudo; fazer e acontecer; fazer e desfazer; fazer por onde; fazer que; fazer-se rogar; fazer ver; não fazer por menos.

7.4.3 No *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*:

- ação-processo: sujeito agente/causativo__ 3 casos; agente expresso por nome animado__ 2 casos; sujeito agente expresso por nome humano__ 7 casos; sujeito causativo e com complemento expresso por nome__ 1 caso;
- processo na forma pronominal: 4 casos;
- ação com sujeito agente: 12 casos;
- estado: 3 casos;
- modalizador: 1 caso;
- verbalizador: fazer declaração; fazer fofoca; fazer drama; fazer convite; fazer juramento;

- expressões: fazer alto; fazer amor; fazer anos (fazer aniversário); fazer a pista; fazer arte; fazer as honras de; fazer as pazes; fazer as vezes; fazer a trouxa; fazer a vida; fazer a vida em; fazer boa (ou má) ausência de; fazer bonde (fazer cera, fazer hora); fazer bonito (ou feio); fazer cerimônia; fazer companhia a; fazer conta de; fazer coro com; fazer das tripas coração; fazer de conta; fazer de tudo; fazer doce; fazer e acontecer (fazer e desfazer); fazer época; fazer espírito; fazer face a; fazer farol; fazer fé; fazer festa; fazer figura; fazer finca-pé; fazer fita; fazer gato e sapato de; fazer gosto por; fazer jus a; fazer madrugada; fazer mal a; fazer média; fazer-se mister; fazer modos de; fazer nas coxas (nos joelhos); fazer necessidades; fazer nexos; fazer nome; fazer o diabo; fazer gênero de; fazer o jogo de; fazer ouvido(s) tampado(s)/mouco(s)/ de mercador; fazer papel de; fazer papel triste (feio); fazer parede; fazer pedras; fazer política; fazer ponto em; fazer pose; fazer pouco de; fazer pousada em; fazer praça em; fazer questão; fazer raça; fazer-se de rogado; fazer-se nos brios; fazer sombra a; fazer um prato; fazer vida de; não fazer mal; tanto faz como tanto fez; fazer filho (criança/menino).

Segundo Márcia dos Santos Machado Vieira, no artigo *Caracterização do comportamento multifuncional de fazer*, este verbo apresenta “comportamento semântico-estrutural sistemático que o vincula, em maior ou menor grau, a categorias gramaticais e/ou discursivas”. É importante fixar esse ponto de vista, pois, como vimos no Dicionário Gramatical de Verbos (1990), fazer atua sob todas as formas como: de ação, processo, estado, participando, ainda, como verbo-suporte e em expressões cristalizadas que estão na fala cotidiana.

Vieira diz no artigo citado (p.80):

O Vpredicador pleno fazer requer dois argumentos nucleares, que se manifestam como termos com as funções de Sujeito e Objeto. Constrói uma predicação que condensa as noções de

ação e causalidade, pois envolve uma entidade animada controladora/responsável (agente), ou conceptualizada como tal, que determina se um certo estado de coisas ocorrerá ou não e uma entidade inanimada controlada (meta/efeito), ou assim conceptualizada, que muda de estado/condição ou passa a existir sob a ação daquela entidade sobre esta ou sobre a matéria-prima com que a constitui. O evento ativo/causativo implicado por fazer é [+controlado] e [+dinâmico] e pressupõe dois eventos (um processo de mudança e um estado final).

O postulado pela autora confirma as condições citadas no dicionário sob 39 formas diferentes, além das formas como verbalizador e participante de expressões.

Temos um verbo com características de extensões semânticas que se enquadram no discurso para atender a fatores comunicacionais.

Partindo do significado básico (prototípico) em que o verbo apresenta o objeto (argumento) Nome como complemento sintático-semântico “**Maria fez um vestido novo para a festa.**”, podemos observar que no uso com valor extensivo ao nome o verbo passa por uma modificação de caráter discursivo tal como “**Maria fez festa em seu aniversário.**”. O verbo que corresponderia a esse conjunto **fazer+ festa** (verbo-suporte) seria **festejou**, mas a substituição caracterizaria um novo argumento que perderia sua função circunstancial (em seu aniversário) e passaria a complemento dessa nova forma verbal (seu aniversário). Portanto, a substituição como característica do verbo-suporte prototípico envolve questões sintático-semânticas que precisam ser melhor avaliadas.

Na análise do *corpus* vamos considerar o ponto de vista de Vieira (p. 79) quanto a **fazer** de que a categorização desse verbo “fundamenta-se na concepção de que os membros de uma categoria lingüística (a) apresentam diferentes graus de saliência (uns são exemplares da configuração prototípica; outros, periféricos) e (b) se entrecruzam consoante similaridades parciais e se diferenciam segundo limites imprecisos”. A partir dessa observação, passaremos à análise.

107. Chico Buarque faz **60 anos** no dia 19. (Jornal do Brasil. 13/6/2004)

É comum usarmos, em lugar de aniversariar, a expressão faz anos que, em geral, vem acompanhada do numeral correspondente. É uma expressão consagrada pelo uso, cristalizou-se e substituiu a forma completar primaveras que deixou de ser empregada no uso coloquial.

108. Chico seria mais inovador escrevendo livros ou **fazendo canções**? (idem)

Fazer canções = compor. (No caso, poderíamos encontrar também compor canções.)

109. Constatou-se que elas **fazem parte** do mesmo pacote de canções do LP Construção, lançado por Chico naquele ano. (idem)

A forma verbal correspondente **participar** não teria a mesma força significativa. Não é uma questão de estilo, mas de discurso.

110. Com Caetano Veloso e Milton Nascimento, dois dos maiores nomes de sua geração, Chico fez mais shows e projetos do que propriamente parcerias.(idem)

Fazer shows e fazer projetos poderiam ser considerados estruturalmente como verbos-suporte, mas os argumentos que se juntam ao verbo funcionam como efeito/ meta. O significado do verbo se estende para os nomes, amplia-se.

111. Chico já **fez músicas** com Dominginhos, Fagner, Djavan...

A forma verbal **musicar** se usada restringe o significado, pois, no caso, o autor pode colocar música ou letra. O nome é usado de forma genérica e a preposição denota parceria.

112. Sua idéia era **fazer uma composição** com muitos parceiros.

Verbo-suporte prototípico= compor.

113. Chico protagonizou vários embates, que **fizeram do artista um ícone da resistência à ditadura.**

A expressão fazer de + N (ícone) tende a se cristalizar.

114. ... o disco não sofreu sanções e na verdade não **fez grande sucesso.**

Fazer sucesso não consta no dicionário de usos nem como verbo-suporte nem com expressão cristalizada, no entanto, seu emprego é bastante comum. Segundo Neves (2002: 195), o dicionário, organizado por Francisco da Silva Borba, e do qual a autora foi responsável por alguns verbetes, por questões editoriais não foi possível relacionar todas as entradas por nominalização. Cabe registrar que há um Banco de Dados no Centro de Lexicografia da UNESP.

115. ... pretendiam fazer dele o último baluarte contra a evolução da música popula

Mesma análise do dado (113).

116. ... e na qual ele fazia críticas ainda mais duras a Caetano e Gil.

Fazer crítica: criticar. Verbo-suporte prototípico.

117. Nos anos 60 __ certo que ainda jovem demais, **fazia propaganda** do Mug...

Fazer propaganda é estruturalmente verbo-suporte prototípico e, portanto, poderia ser convertido em **propagar**. Se levarmos em consideração que propagar, dicionarizado, significa tornar público, publicar, propalar, proclamar, vulgarizar e que **fazer propaganda** já se tornou uso conotativo, por ampliação de sentido; observamos que os verbos-suporte, como o do caso citado, podem ter valor polissêmico. **Fazer propaganda** é uma expressão que está tendendo para a cristalização, visto que os meios publicitários utilizam muito este conjunto: **A agência X ganhou a concorrência para fazer propaganda do candidato à presidência.**

118. ... fazíamos concursos de quem conhecia mais marchinhas de carnaval.

Comparemos: Fizeram concurso para a Defensoria Pública.

Nos dois casos temos **fazer concurso**__ verbo-suporte. No entanto, em (118) há um informalidade da linguagem, o que lhe atribui o significado mais lúdico (ver quem sabia mais marchinhas); no segundo caso, o significado é disputar um lugar. O complemento do nome concurso, nos dois casos, é antecedido por preposições diferentes (de, para).

119. Esse negócio de **fazer sucesso** desde garoto deve tê-lo deixado mais retraído.

Fazer sucesso, verbo-suporte sem substituição por verbo com base nominal, está presente nos discursos contemporâneos ao lado de **ter sucesso (de público, nos negócios)**. O significado do verbo é **destacar-se**.

120. Para a gente, na nossa época, ele **fazia uns truques** bobos, que sempre descobríamos.

121.... posso dizer que já **fizemos percursos** bem pesado.

Do caderno B do Jornal do Brasil de 13/6/2004, retiramos esses dados com o verbo **fazer** desde o uso como predicador e suas extensões semântico-sintáticas até o possível enfraquecimento do uso em diferentes contextos, marca de parâmetros que identificam e caracterizam funcionalmente unidades compósitas com verbo-suporte que orientam para construções com outros verbos de comportamento afim: **fazer parte** = participar; **fazer música** = musicar; **fazer uma composição** = compor; **fazer crítica** = criticar.

Como já comentamos anteriormente, o comportamento do verbo depende de como se processa a interpretação e o uso nos textos, da intenção do falante e da aceitação dos possíveis receptores. Uma expressão pode surgir em determinada circunstância e se propagar de tal forma que os falantes nem conseguem mentalizar mais o significado anterior, como, por exemplo, **fazer anos** cujo complemento-nome anos não se encaixaria normalmente no significado de fazer.

Outro exemplo é **fazer nas coxas**, referência ao trabalho com barro na confecção de telhas no período colonial; perdeu-se o significado original e a forma é usada no uso informal da língua pejorativamente.

Podemos citar também a expressão fazer amor que foi usada no sentido de “buscar a paz” em “Faça amor, não faça guerra” cuja ambigüidade na interpretação provocou o surgimento do significado fazer sexo. Podemos, então, observar o valor polissêmico de algumas dessas expressões.

Márcia dos Santos Machado Vieira, In *Caracterização do comportamento multifuncional de fazer*, expõe:

Dik (1997) orienta a representação lingüística e a explicação teórico-explicativa das construções com fazer e das regras de formação e /ou expressão destas, com base em conceitos, como os de: predicação nuclear (cláusula constituída por predicado – de natureza verbal, nominal ou adjetival – e termo(s); termo (elemento que se refere a uma entidade-participante do mundo biossocial); predicado (elemento com função de expressar propriedade de entidade(s)-participante(s) ou relação entre estas); restrição de seleção (condições semânticas impostas ao(s) termo(s)); operandum (auxiliar ou primário) e operador morfossintático; funções semânticas e sintáticas; e estados de coisas (ação, processo, posição e estado, e subtipos).

Entendemos que há uma tentativa de explicar teoricamente ou classificar situações, atribuindo-lhes nomes e justificativas, que o próprio discurso explica. Os vocábulos se solidarizam semanticamente para expressar de forma mais clara ou mais expressiva fatos que os usuários entendem ou adaptam conforme uma determinada situação ou um novo vocábulo inserido no dia-a-dia.

Se compararmos (108) e (111) **fazer canções e fazer música**, nos dados apresentados, podemos verificar que os nomes canção (letra) e música se aproximam semanticamente como tipo de composição para ser cantada, mas, como dificilmente há total identificação, a canção é mais direcionada a uma composição escrita para musicar um poema ou trecho literário em prosa, destinada ao canto e, nesse caso, o autor seria só um poeta? E música? Seria arte e ciência de combinar sons de modo agradável ao ouvido? Nesse caso o autor seria o músico? Sabemos que os limites significativos entre um e outro termo acabam tendo uma referência globalizada. Mas poderíamos substituí-las no chamado verbo-suporte por um afim **musicar**? Sabemos que haveria uma restrição no sentido de canção e, se voltarmos ao contexto, em que o nome do autor vem junto ao de músicos, provavelmente, ele seria o autor da canção e não da música. Em (109) “**fazer uma composição com muitos parceiros**” atingiria talvez de forma mais ampla a significação poema+música. Como poderíamos nesse caso diferenciar verbo-suporte de expressão cristalizada ou verbo predicador?

O uso de verbo multifuncional ou de rica produção como **fazer**, comprovada por contextos, apresenta dificuldade em se estabelecer limites classificatórios. Muitas vezes é preciso uma redefinição de propriedades típicas e restritivas. O processo discursivo em que se inserem determinadas formas corrobora para uma não-dissociação sintático-semântica na análise dos dados e uma classificação restritiva pode excluir muitas possibilidades de significações.

Alguns dos dados citados aparecem com frequência em determinados contextos sem que os dicionários consigam absorver esses usos. Alguns casos são os já citados e analisados: fazer shows e projetos, fazer do artista um ícone (o último baluarte), fazer propaganda, fazer concurso, fazer sucesso, fazer truque, fazer percurso.

Outras tantas formas vêm surgindo, o que não significa que permanecerão durante muito tempo ou serão substituídas antes mesmo de serem absorvidas pela comunidade ou dicionarizadas: fazer caminhada (Cooper/ ginástica olímpica/ exercícios físicos); fazer dança (sapateado, balé), fazer pose, fazer de tudo, fazer contraste, fazer cabelo (unha, pé, alisamento, chapinha), fazer Kumon...

Análise do *corpus* no livro *O jogo e a ginga*:

122. E como eu não **faço outra coisa** na vida a não ser perseguir devaneios...

A expressão não admite nenhum tipo de conversão, pois incorpora uma especialização semântica, passando a representar uma expressão idiomática, própria de determinadas situações e o falante a usa como unidade semântico-sintática indissolúvel, sem preocupações interpretativas por já fazer parte de uma interação natural.

123. O jogador, mal chegado ao clube, **faz um gol** e sai correndo, a beijar a nova camisa.

Fazer gol funciona como uma expressão de linguagem técnica ou, como preferem os “jornalistas-comentaristas”, futebolística, saída dos textos esportivos e passando a ser usada como expressão lexicalizada, cristalizada.

Fazer gol, embora aparentemente seja um verbo-suporte, não pode ser substituído por **golear**, pois este verbo tem outro significado que é **fazer muitos gols**.

As observações corroboram nosso ponto de vista de que não há uma classificação estável e delimitadora para os verbos-suporte, pois os contextos em que vêm inseridos lidam

com assuntos que apresentam graus de formalidade distintos em que uns textos são utilitários, outros apresentam improvisações, descontrações lingüísticas, tendendo para a informalidade, embora os desvios não sejam gramaticais e, ainda, os jogos de palavras, próprios dos recursos estilísticos.

124. Só não foi em frente, **fazendo esporte**, porque não era de competir.

Fazer esporte, como fazer ginástica, acrobacias, natação, hipismo e outros afins, passou a ter sentido de praticar, mas a lista de expressões tende a ampliar-se, mudando apenas o nome que serve de complemento.

125. **Faremos mais uma revoada** de ultraleve.

É preciso ressaltar que a expressão tem uma aplicação inusitada, pois **fazer revoada** já causaria, no mínimo, estranheza, ainda mais determinada por **mais uma** que empresta ao conjunto um sentido de especificidade que não se espera nesse tipo de construção.

126. Pelé **fez tabelinha** com desatentas canelas portuguesas.

Expressão que se aproxima do dado (119). O uso do diminutivo empresta característica de afetividade ao termo e o aproxima de recurso de estilo.

127. ...aproximou-se e me **fez meia dúzia de perguntas** sobre meu ofício.

Embora o nome tenha sido usado com determinante numeral, o verbo correspondente **perguntou** se encaixaria perfeitamente, o que nos leva a classificar o verbo como suporte. **Meia dúzia de** tem função de indefinir o nome.

128. Me **dá vontade** de fazer meia-volta pra não perder o fio da meada.

O **verbo + a forma meia-volta**, se substituído por **voltar**, fórmula para identificação do verbo- suporte, não explicaria completamente a locução. Meia = metade não é uma interpretação adequada para o contexto. Tornou-se “forma de dizer” no uso coloquial.

129. Tudo que ousou **fazer na vida**, Otto sempre **fez muito bem**.

Fazer na vida é outra das expressões cristalizadas usadas contextualmente como reforço semântico de viver plenamente, que o autor complementa com **fez muito bem**. Essa expressão muito presente no discurso é uma forma que se cristalizou.

130. Fez gol, deu passes de gol, **fez miséria**.

Temos outra forma cristalizada que extrapolou o valor semântico do nome **miséria** que passa a dar ao verbo valor de intensidade na ação feita. O nome adquire significado conotativo, quando ligado ao verbo e a expressão é polissêmica.

131. ... o mercantilismo transformou em máquina de **fazer dinheiro**.

A expressão em destaque só cumpre sua função sintática de complemento argumento) se a aliarmos ao conteúdo semântico que empresta ao nome **máquina**.

Fazer dinheiro desvinculado do nome máquina, dá ao verbo *status* de verbo pleno (fabricar) e dinheiro funciona como argumento necessário tal como: fazer tijolo, fazer roupas, fazer construções. No entanto, os dois últimos conjuntos citados podem ser substituídos, respectivamente, pelos verbos **costurar e construir**__ verbos-suporte prototípicos. O uso conotativo aproxima-se de inventar, prosperar através de... valor polissêmico.

132. Eu vi Pelé descambar pra ponta-direita e, por ali, durante alguns minutos, **fazer um solo de dribles**, dignos dos prodígios de Garrincha.

Embora se aproxime semanticamente de (123) e (124) fazer um solo de_dribles apresenta um valor expressivo mais metafórico e não há substituição capaz de cobrir a força do conjunto lexical.

Outros dados tirados de noticiários:

133. Segundo ela, que está de olho no mercado da China, o Japão já não é mais o país ideal para uma modelo **fazer seu pé-de-meia**. (= economizar)

134. Hoje, só algumas conseguem **fazer fortunas** e mesmo assim quase dez vezes menos. (= enriquecer)

135. Governo **faz pressão** para acelerar as reformas. (=pressionar)

136. PSDB e PT **fazem aliança** inédita em Nova Iguaçu.

O determinante **inédita** empresta valor semântico diferenciado a aliam-se, verbo pronominal correspondente.

137. A PUC e a Bausch & Lomb vão **fazer** entre os dias 22 e 24 de setembro **uma campanha** de prevenção do glaucoma.

Fazer campanha, expressão muito usada, mas sem correspondência. É verbo-suporte.

138. Renato, essa final do Edmundo contra o Romário não **faz sentido**.

Embora com características de verbo-suporte, fazer sentido é expressão polissêmica. O emprego desta forma tende à cristalização.

139. Teuda Bara, atriz do Grupo Galpão, vai **fazer peça** com o Cirque du Soleil. (=representar, encenar).

140. Teuda precisou fazer um vídeo mostrando suas habilidades circenses.

O nome **vídeo**, de entrada recente na língua, não apresenta ainda um verbo correspondente. Apresenta características que se aproximam de (138). Embora o verbo seja usado com nome [+concreto], a formulação da frase ganha aspecto de abstração, pois se trata de uma modalidade. Os nomes filme e vídeo são usados em conjunto com o verbo atribuindo à expressão um significado novo. Não vamos, no entanto, caracterizar essas construções como verbo-suporte prototípico. Houve um emprego figurado, metonímico.

141. Máximo tira a dúvida de um outro mito e aproveita para **fazer uma revelação**. (Rollemberg: 2000, p. 68).

142. A escritora nunca **fez questão** de navegar a favor da correnteza...(idem, p. 35)

143. Cruzeiro e Santos **fazem jogo** com jeito de decisão... (=jogam)

144. Na televisão, PT **faz fusão** de bandeiras.

O verbo fundir não esclarece suficientemente a questão, se tomado com significado de base. O sentido é de aliança.

145. **Tanto faz** o partido, não se governa mais sem propaganda.

A expressão em destaque é cristalizada.

146. Le Goff **faz fascinante estudo** sobre o nascimento da figura intelectual. (= estuda)

O adjetivo **fascinante** empresta ao nome que é argumento do verbo valor conotativo. A substituição de **faz estudo** pela forma **estudar** não contempla o significado da expressão. Temos, portanto, uso conotativo da expressão.

147. Oposição não tem caráter e **faz jogo rasteiro**. (=jogar sujo).

A substituição leva a uma nova expressão, pois **jogo rasteiro** é um sintagma nominal de valor conotativo.

148. Dois homens roubaram um Palio em Austin e partiram para **fazer assaltos** ao longo da Dutra. (= assaltar). Verbo-suporte prototípico.

149. Na pior das hipóteses, deixa-se de **fazer o diagnóstico** precoce do câncer. (=diagnosticar).

A substituição exigiria adaptações para que a significação se mantivesse.

150. Isso **não se faz** com anfitriões tão carinhosos!

Expressão cristalizada.

151. Angola **faz festa** pelo primeiro ponto. (=festejar)

Verbo-suporte prototípico.

152. Em Buenos Aires, moradores **fazem carnaval** digno de conquista de Copa.

Expressão cristalizada.

153. Ontem a atriz Marie Trintignant, de 41 anos, selou seu fim trágico: após cinco dias em coma, morreu numa clínica perto de Paris, vítima de uma briga violenta com o namorado, o

cantor de rock Bertrand Cantat, 39 anos, num hotel na Lituânia, onde ela **fazia um filme**. (= filmava, com sujeito paciente).

154. Governo **faz pressão** para acelerar as reformas. (= pressionar)

Verbo-suporte prototípico.

Embora muitas dessas expressões retiradas de notícias publicadas em O Globo, Jornal do Brasil e Folha de São Paulo, no ano de 2004 já estejam contempladas nos dicionários, fica evidente que as correspondências semânticas apresentadas nem sempre representam o valor discursivo do texto. São sugestões significativas, mas incompletas, citadas por lexicógrafos como suscetíveis de substituição, mas dada a complexidade do uso não podem ser aceitas como referências finais. Por exemplo, quando se diz **Fez barba, cabelo e bigode**, ninguém pensa em um outro indo a um barbeiro se embelezar. O significado é outro e difícil de ser entendido fora de determinado contexto; assim como **fazer uma boquinha, fazer política de boa vizinhança; fazer as contas; fazer faxina (comida, compras, feira, mercado, serviços gerais); fazer contraste, fazer mau juízo, fazer obras; fazer mistério; fazer metáforas; fazer justiça**.

A perífrase vem sendo usada numa frequência bem maior que verbos que as pudessem substituir.

Márcia Vieira explica, em artigo citado em páginas anteriores, que:

Fazer não atua apenas como suporte de categorias gramaticais tal como ocorre com verbos auxiliares prototípicos. Uma evidência de que há a preservação de característica(s) da configuração semântico-sintática base de fazer no predicado derivado é o fato de que a permuta dele por outro Vsuporte pode acarretar mudança de sentido. “Fazer consultas” é diferente, por exemplo, de “dar consultas.

Observemos:

155. O autor preferido de Maria é aquele que **faz história de amor**.

156. Um bom profissional **faz história** e é reconhecido pelo seu trabalho.

Dois sintagmas aparentemente idênticos não têm, no entanto, a mesma referência. Enquanto, no primeiro, a expressão pode ser substituída por escrever um tipo de história; no segundo, **fazer história** possui um outro efeito discursivo e a substituição não é possível. Significa deixar marca e há tendência de cristalização.

157. A aula foi tão boa que o professor só faltou **fazer chover**.

158. Chico Buarque, o romancista que me **fez pensar**.

Esses casos, embora não sejam formados de Verbo + Nome, funcionam como expressões cristalizadas muito usadas no coloquial e as formas têm um valor nominal, emprestando ao sintagma um valor léxico-sintático-semântico. Trata-se de gramaticalização do verbo fazer em que este se reduz à expressão de causatividade.

7.5 VERBO LEVAR

7.5.1 Etimologicamente: *lêvare*, do latim. Significa: transportar, retirar, afastar, induzir, tirar, roubar.

7.5.2 Dicionário: No *Novo Aurélio* ___quarenta e nove acepções, duas expressões: levar a bem, levar a mal.

7.5.3 Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo:

- ação-processo: 1. sujeito agente: oito casos; 2. sujeito causativo: três casos; 3. agente expresso por nome humano/causativo: dois casos; 4. um caso;
- processo: 1. forma pronominal, com sujeito experimentador: um caso; 2 com sujeito beneficiário: um caso; 3. com sujeito paciente: um caso; 4. sujeito paciente abstrato: um caso; 5. sujeito paciente não-animado: um caso;
- ação com sujeito com sujeito agente: três casos;
- estado: 1. com sujeito inativo expresso por nome humano: três casos; 2. sujeito inativo, expresso por nome animado; um caso; 3. sujeito inativo expresso por nome concreto: um caso; 4. sujeito inativo expresso por nome indicativo de via ou passagem: um caso; 5. sujeito locativo: um caso; 6. sujeito inativo, expresso por nome designativo de recipiente: um caso;
- Expressões: levar no macio; levar a ferro e fogo; levar pela cara; levar no deboche; levar a mal; levar adiante; levar em conta; levar na conversa; levar o diabo; levar um banho; levar a cabo; levar de cambalhada; levar avante; levar a melhor; levar a palma (= levar vantagem); levar pau; levar fim; levar de volta; levar a sério; levar às últimas conseqüências; deixar-se levar; levar boa vida; levar vantagem.

Não há nenhum verbo-suporte citado no dicionário.

Usando como referência a **Gramática de Usos do Português** de Maria Helena Neves, na página 57, temos: “Pode-se optar pelo verbo-suporte para se obter maior adequação de registro, isto é, a construção com verbo-suporte pode ser a mais adequada, por exemplo, à **fala coloquial**”:

Eu devia **dar uma surra** de moer em você.

O garoto caiu, machucou a cabeça e você **levou uma bruta surra** de seus padrinhos, e a menina não quis nada mais com você.

Considerando que a autora caracteriza prototipicamente o verbo-suporte como aquele que tem como complemento um sintagma nominal não-referencial, isto é, sem determinante, e que, no exemplo acima, classificou como verbo-suporte **levar uma bruta surra**, com dois determinantes, justificando tratar-se de uma adequação de registro coloquial, acreditamos que não há uma regra inflexível para o uso deste tipo de verbo.

Azeredo (2006) num artigo a ser publicado discorre sobre ‘dispersão semântica’ ou polissemia em verbos de movimento, entre eles, o verbo levar: **levar um susto, levar uma bronca, levar um tombo**. Nesses casos, o verbo tem como sujeito um paciente de um fato e no exemplo citado por Neves houve o contraponto dos verbos ‘dar’ e ‘levar’: o primeiro se caracteriza por ter um sujeito agente e o segundo um sujeito paciente.

As construções com verbo-suporte, em verdade, constituem um todo formado de um verbo com natureza semântica básica a que se junta um sintagma nominal e se estabelecem papéis temáticos da predicação. Esses verbos que, em geral, têm alta carga de significação (verbos plenos) modificam-se em enunciados em que o falante os empregam para obter um efeito especial.

Dados de noticiários e de conversas informais:

159. Os jurados não **levaram em conta** as afirmações levianas da testemunha.

Expressão cristalizada.

160. A namorada da vítima **leva fama** de ser descontrolada.

Expressão cristalizada.

161. Gritaram “perdeu”, me **levaram o carro** e me mandaram correr. (= roubaram). A expressão **levar o carro** na frase significa roubar, e não pode ser encaixado nos verbos-suporte. Uso conotativo, uso coloquial.

Confrontemos: Meu irmão **levou o carro** para lavar. Emprego denotativo.

Em (161) temos uma expressão polissêmica.

162. O fazendeiro gritou para os invasores que se não corressem iriam **levar chumbo**.

Embora a expressão apresente características de verbo-suporte, é uma forma cristalizada, a partir do significado “receber tiros” com sujeito paciente. Dispersão semântica.

163. O menino **levou um carão** do pai.

O dado apresenta a mesma dispersão semântica presente em (162)

164. Os comerciantes ficaram com medo de **levar cano** dos desconhecidos.

Levar cano. O nome **cano** perde o valor de concreto e é usado como abstrato, relacionado a verbo com sujeito paciente. Dispersão semântica. Expressão cristalizada

165. Aquele atacante habilidoso sempre **leva falta** dos zagueiros.

166. A menina estava triste, pois **levou fora** do namorado.

Nos dados (165) e (166) o verbo se relaciona a sujeito paciente.

167. O grupo de voluntários **leva quentinhas** aos moradores de rua toda quinta-feira à noite.

“Quentinha” nome polissêmico (criação popular, no diminutivo. O contraponto seria **fazer quentão** = bebida alcoólica fervida), empregado em relação a uma comida acondicionada, refeição, que, usado como argumento do verbo levar, estende a ele a polissemia.

168. **Levar vida** de rico, pode não ser uma boa idéia.

O determinante de rico aliado ao nome vida cria com o verbo levar uma expressão cristalizada.

169. Maurício **leva a sério** seus compromissos.

A expressão apresenta características semelhantes às de (159).

170. O motorista **levou um tiro** do assaltante. (Cf. 153)

171. **Leva tempo** para se esquecer um fato como este.

172. O comerciante **levou uma volta** do freguês.

173. O zagueiro **levou um baile** do atacante adversário.

174. Os textos pretendem **levar sabedoria** aos que os lêem.

175. Saldanha **levou muita vantagem** nos entreveros em que se meteu. (Rollemberg: 2000, p. 66-67). Verbo-suporte.

176. E, se era para se disputar alguma coisa, o bom e velho Lúcio Alves **levava o páreo**. (idem, p.42) Verbo-suporte (=ganhar).

177. É provável que o leitor nem goste de saber, principalmente os que **levam o jeito carioca de ser ao pé da letra** e se deixam contagiar pelo carnaval de rua.

Expressão que se cristalizou sob forma de frase feita.

178. Ano retrasado venci no Suvaco do Cristo, mas **não levei**.

Levar tempo, levar volta, levar um baile, não levar são expressões cristalizadas, enquanto **levar sabedoria e levar um jeito carioca** é um recurso estilístico, conotativo.

Dos verbos analisados, o verbo **levar** foi o que mais se desviou do significado como verbo pleno sem se encaixar totalmente em verbo-suporte. Acreditamos que o caráter polissêmico seja a característica mais forte do verbo. É um desafio para quem o analisa, pois, ao mesmo tempo que se apresenta como verbo pleno: “(a) **Lucia leva o filho à escola.**” “(b) **Levamos a encomenda para o cliente.**” em que **filho** é nome **concreto** e **encomenda** é **abstrato**, mas mantém-se o significado de transportar, entregar; pode ocorrer “dispersão semântica”. “**Leva tempo** para esquecer o mal que nos fizeram.” ou “**Leva fé**, que tudo dará certo!” Dependendo da intenção que o falante quer dar ao enunciado, obterá diversos efeitos semânticos ___ é o caráter polissêmico.

Para complementar as observações, levantamos um dado da linguagem jornalística:

180. O repórter **levou um furo**.

Ao analisarmos o dado (180) verificamos que ele se contrapõe a **dar um furo**, pois no meio jornalístico **levar um furo** significa **perder a notícia** para o concorrente, enquanto **dar um furo** significa **antecipá-la**.

Em A ginga e o jogo não encontramos dados relevantes que nos permitissem análise de **levar** como verbo-suporte e expressões cristalizadas.

*7.5 VERBO TER

7.5.1 Etimologicamente: tēnēre, do latim. Significa estar na posse de, possuir, haver.

7.5.2 Dicionário (*Novo Aurélio*): sessenta acepções. Outros usos: ter com quê, ter de.

Expressões: ter para si; ter por onde; não ter nada a ver; não ter onde cair morto; não ter que ver.

7.5.3 Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil:

- estado: sujeito inativo: cinco casos; impessoal: dois casos;
- processo: cinco casos: 1. sujeito experimentador; 2. sujeito paciente; 3. forma pronominal com sujeito paciente; 4. sujeito paciente expresso por nome humano; 5. sujeito paciente com nome abstrato;
- ação: 1. com sujeito agente; 2. estrutura ir + ter + com+ nome humano; 3. com complemento abstrato de ação/processo; 4. com complemento expresso por oração conjuncional.
- auxiliar: 1. tempo composto; 2. expressando aspecto progressivo; 3. voz passiva [Nando teve as entranhas varadas pela ponta lancinante de uma dor];
- modalizador: ter + que/de/a + infinitivo;
- verbalizador ou verbo-suporte: ter tenção; ter medo; ter uma conversa; ter ódio; ter desejo; ter confiança; ter reação;
- expressões: ter a palavra; ter algo com/ não ter nada com/ ter algo a ver com/ não ter nada a ver com; ter lugar; ter as costas quentes; não ter mãos a medir; ter à mão; ter ouvidos para; ter cabeça; não ter cabeça para nada; ter olhos para/ ter os olhos sobre; ter a língua solta; ter o corpo fechado; ter o diabo no corpo; ter cara /topete/ forças; ter sangue de barata; ter uma idéia; ter palavra; ter ocasião / oportunidade; ter notícia; não ter por onde; ter

em conta/ em vista/ em mente; ter sede; ter as suas letras; ter (o) que fazer; ter uma coisa; ter alta; ter modo(s); ter por nome; ter bico; ter carta branca.

Sobre o verbo **ter**, Manhães (2000, p.137) explica que das ocorrências verbais que exprimem processos gerais, **ter** é o mais usado em Coluna Social, funcionando como um caracterizador ou estabelecendo relação entre possuidor e possuído. Explica, ainda, que nesses usos, pode ser substituído por outros verbos mais específicos como **contar, dispor, possuir** e que a Ciência apresenta o maior número de ocorrências, enquanto o centro de interesse focado em Política Nacional é o que apresenta menor índice.

Nosso estudo não pretende se fixar em estatísticas, mas julgamos importante o registro feito pela autora, visto se tratar de pesquisa sobre verbos genéricos e específicos. Diante dos resultados da análise, encontramos pontos de afinidade com nosso corpus, haja vista a percepção de que nos textos jornalísticos percebemos áreas de interesse que empregam os verbos voltados para a variação diafásica, de acordo com o maior ou menor grau de formalidade da língua.

O Dicionário de Usos do Português Contemporâneo registrou casos de verbo-suporte e de expressões cristalizadas.

181. Diante dos últimos acontecimentos não há quem não **tenha medo** de passar por algumas vias expressas. Verbo-suporte prototípico.

Dados de noticiários:

182. ... e **tendo em vista** que a Amazônia sempre atçou a ganância imperial... (Zuenir Ventura. O Globo. 16/07/2003)

Expressão cristalizada.

Encontramos, no entanto, dados que preenchem as características de verbo-suporte, mas não se encontram registrados em dicionário, visto que, embora haja uma atualização de pesquisa freqüente, as ocorrências têm sido tão numerosas que as novas entradas demoram a ter registro.

183. O conferencista **teve domínio** sobre a platéia inquieta.

184. O jogo político **não tem interesse em ativar o combate às fraudes**.

185. A esquerda **tem o monopólio** do ideário nacional, da linguagem dos debates públicos, dos critérios de julgamento do bem e do mal. (Olavo de Carvalho. O Globo. 02/08/2003)

186. É uma exuberante área de lazer aquático e projetos ambientais que **têm como preocupação** preservar a pureza dos rios, nascentes e lagos, mesmo abrindo-se para o turismo.

O vocábulo como empresta ao nome maior ênfase, concentrando nele o significado que se deslocaria para um complemento iniciado pela preposição em/de, caso ele não fosse usado.

187. Lula **tinha razão** e o polonês foi servil.

188. O jogador **teve lesão** séria na última partida do campeonato.

Verbo-suporte (= lesionar-se).

189. Depois da queda, a atleta **teve sangue frio** e continuou seus exercícios.

Expressão cristalizada.

190. Ele **tinha o poder** de me deixar insegura.

A expressão vem-se fixando na língua polissemicamente. **Ter o poder**= apoderar-se não é o significado mais preciso.

191. Conta Máximo que seu personagem afirmou a vida inteira nunca ter **levado a pior** em uma briga. (Rollemberg: 2000, p. 66)

192. Se **tivesse condições**, Elizabeth Labruna, 47 anos, teria a casa cheia de bichos.

193. Atualmente só tenho gatos e peixes, mas **tinha vontade** de ter um morcego.

194. O JB sempre **teve o privilégio** de entrar na sua casa como convidado, contando tudo, de tudo e sobre tudo.

195. Monocultura não **terá espaço**, diz ministra.

Os dados de (193) a (194) correspondem a verbo-suporte.

196. Só 30% das cidades de SP **têm boa ação social**.

Uso polissêmico do conjunto.

Em **A ginga e o jogo** encontramos os seguintes dados:

197. **Tinha fascinação** pela palavra, oral ou escrita.

198. **Tinha fôlego** de sete gatos.

199. **Tenho um soberano desprezo** por gloriolas, mesmo glória.

200. **Tenho tédio** a controvérsias.

201. Emerton já **tem a arma** para conter Ronaldinho Gaúcho.

Os dados reforçam a teoria do verbo-suporte.

202. Eu **tenho com o tempo** uma combinação sagrada;(...)

Uso polissêmico do verbo-suporte.

203. Ainda assim, **tenho**, sempre **os ouvidos apurados**.

204. Nesse país **só tem ladrão**.

Os dados (203) e (204) se apresentam como expressões cristalizadas.

205. Purê de batata **tem gordura**?

Esse enunciado é próprio da língua coloquial e o uso “Há gordura no purê de batata?” da língua formal não é muito comum no atual processo discursivo.

206. Ele **tem é inveja** da gente.

O recurso da forma enfática do verbo **ser** empresta ao verbo-suporte ter inveja forma de coloquialidade.

207. **Tem sopro de vida**. Uso estilístico, metaforizado.

208. Até parece que um dia ele não **terá passado**, também. Afinal, todos passaremos.

O dado nos propicia uma análise comparativa. O autor empregou **ter passado** como verbo-suporte (ter presente /ter futuro) e adiante concluiu usando a forma verbal correspondente passar. A ambigüidade criou o valor polissêmico.

209... general Médici, que era gremista assumido, mas, positivamente, **não tinha o cheiro de povo** que nem Lula.

210. **Tenho a vida repleta** de finais.

Em (209) e (210) foram usados recursos estilísticos, metafóricos.

211. Uma coisa, porém, **tem intrigado** a moça: a linguagem dos locutores.

O verbo *ter* foi analisado no *corpus* por ser também verbo auxiliar, destacado nos estudos tradicionais, como no dado (211). A idéia de auxiliaridade proposta em alguns estudos de verbo-suporte encontra apoio aqui, visto que o verbo principal é *intrigar* que poderia substituir o tempo composto, no entanto, o emprego da locução empresta ao texto mais vigor aspectual.

212. Ele **tinha uma gata** chamada Petit, que se desmanchava toda quando ouvia um disco de Vivaldi.

Fechando nossa análise de dados retomamos o verbo com seu significado básico, como o que se refere ao dado (212).

Como já fizemos referência no decorrer de nossa análise, esse trabalho é apenas um passo para um caminho longo. Poderíamos apresentar um glossário de verbos-suporte e polissêmicos, expressões cristalizadas e não esgotaríamos o assunto. Vamos apenas fazer alguns comentários antes de passarmos às considerações finais.

8. Comentários sobre o estudo

A sociedade político-cultural dominante privilegia a tradição normativo-prescritiva, mas a língua falada passou a ter importância cada vez maior após teorias lingüísticas desenvolvidas por estruturalistas como Eugênio Coseriu e sociolingüistas como William Labov. O estudo das variações lingüísticas correlacionadas a fatores sociais e sua importância corroboram para a melhor compreensão das evoluções ocorridas nas línguas vivas.

A teoria do discurso tem dependido dos modelos semiológicos que se apresentam nas formas de dizer. A enunciação integrou-se definitivamente nos estudos da linguagem. Surgem os desafios a ser enfrentados, pois a linguagem humana é um tema que deve ser tratado prioritariamente, já que a beleza da fala do povo não pode ser desconsiderada.

Paulo Freire (2003: 11-21) enfatizou em sua práxis que “as expressões mais significativas do pensamento continuam falando a linguagem pura da poesia que ressoa no tempo e no espaço”. A experiência e a identidade cultural do homem são parte integrante de sua forma de se expressar. E isto não é novidade, nós somos a nossa linguagem e desde sempre partimos da curiosidade indiscutível diante do mundo, do novo e a transformamos em formas de dizer.

Caminha, autor da primeira crônica sobre o Brasil, manifesta essa experiência em linguagem escrita e o verbo **ter**, tratado por Neves, como verbo-suporte de estado, assim já se apresenta no texto da “carta” que dá notícias do Brasil. Eis a presença do verbo-suporte no início da brasilidade.

Ignorar as peculiaridades da fala impõe o ensino de uma prática baseada em padrões e ideais lingüísticos não relacionados aos usos a que os indivíduos estão habituados. Isto provoca distorção e afasta ainda mais a fala da escrita, como se tratássemos de línguas diferentes, uma para falar e outra para escrever.

É necessário tratar discurso e gramática como fatores de valorização de uma sociedade, em que o domínio de vários gêneros discursivos é uma forma democrática de formar cidadãos reflexivos, observadores e opinativos. É preciso aceitar que “a mesma língua pode servir a mais de uma ideologia, a mais de uma função” segundo Possenti (1996).

As diversas propostas de explicação da natureza e funcionamento do signo, de Saussure a Peirce, têm revolucionado os últimos conceitos e estudos, pois têm trazido à luz a importância da significação, resultante da associação de significante e significado, na medida em que recoloca a questão da arbitrariedade e da iconicidade das formas lingüísticas.

A Filosofia da Linguagem, desde Platão e Aristóteles, já mostrava a preocupação dos estudiosos com o poder da palavra. E o signo tão presente em nossos estudos hodiernos capta a questão da significação não só da palavra como de todo e qualquer ambiente que permita leitura, seja com palavras ou não. Aristóteles, ao contrário do que se pensou durante algum tempo, não pretendeu ditar regras para a escrita, mas, baseando-se na observação metódica de uma prática multissecular de linguagem, destacou princípios de funcionamento próprios a cada um dos gêneros de linguagem.

A impressão gráfica foi uma forma de facilitar o intercâmbio entre os seres e facilitar um alcance maior da comunicação através do espaço e do tempo. O homem, descoberta a

maravilha da escrita, tratou de ampliar o âmbito das formas de comunicação e o que, a princípio, ficava restrito a significados básicos para um vocabulário pequeno, foi-se tornando um pródigo meio de ampliar significações a cada nova forma, ou objeto, ou modo diverso de se expressar.

Criava-se, então, o grande diferencial entre os homens e os demais seres: a capacidade de criar e recriar, fazer, desfazer e refazer e, cada vez que isto acontecia, surgia um novo vocábulo, ou uma nova significação para um vocábulo já existente. Este poder é tão grande que é preciso registrar-se em livro o que a memória não é capaz de guardar. E assim o homem avança em seus conhecimentos, transmite informações, descobertas; comunica-se com outras partes do universo, cria laços, estreita amizades.

A produção lexical resultante de novas palavras, combinações inusitadas ou mudanças de significado obedece a uma série de regras virtuais que acabam por tornar essas criações efetivas, reconhecidas e inseridas no vocabulário. Isto acontece por ser o léxico o reflexo da universalidade das coisas, das modalidades do pensamento, da ação social. A lexicalização de expressões é pertinente em relação à história do homem que se identifica com a comunidade em que se insere.

Acreditamos que é preciso fundamentar o ensino da língua numa gramática plural (Travaglia: 2003), já que a língua se realiza em vários planos e variedades. Não pretendemos indicar a negação das normas vigentes, que se impõem como determinantes para uma reflexão pedagógica, isto é, o quê e como ensinar em determinadas circunstâncias.

Travaglia (1999) considera “como o ensino de gramática pode ter uma dimensão político-existencial ao evidenciar que as pessoas com maior competência comunicativa têm melhor

qualidade de vida à medida que conseguem se mover de maneira mais adequada e eficiente na sociedade”.

Quando escolhemos como escopo o estudo do verbo-suporte com suas possibilidades polissêmicas e as expressões cristalizadas, sabíamos tratar-se de um caminho difícil e escorregadio, mas também sabíamos que o estudo do verbo é um enfoque importante para a pesquisa de métodos de ensino mais próximos do falante e das variedades lingüísticas.

É nossa proposta que, sabendo que o ensino da gramática não deve ser desvinculado do ensino do vocabulário e da produção textual de que fazem parte os verbos aqui focalizados, se criem alternativas para tornar mais realista e eficiente o trabalho de professores de língua materna e a aprendizagem dos estudantes. Para isso devemos levar em consideração o questionamento sobre os “aspectos gramaticais e textuais da fala/escrita” levantado por Travaglia (2003, p. 44), que afirma ainda que “é preciso acreditar que o homem se comunica por meio de textos. Assim comunicar-se significa de alguma forma (lingüística ou não) produzir um efeito de sentido entre o(s) produtor(es) de um texto e o(s) receptor(es) desse mesmo texto” (idem).

Nossa pesquisa de *corpus* privilegiou as conversas informais, mas vinculadas a uma língua culta; os noticiários de jornais e a crônica, por serem modalidades de discurso que atualizam as formas de dizer. Nesses textos, encontramos os verbos-suporte prototípicos, as conotações que posteriormente se apresentam e proporcionam a “dispersão semântica”; os recursos estilísticos e as expressões cristalizadas que saem da fala cotidiana e se infiltram na língua escrita. Quando essas formas se consolidam, entram no dicionário; quando não, o uso se perde, não caracterizando importância discursiva, é um modismo, e como este, passa. Os termos que se dicionarizam deverão ser objeto de estudo da língua materna.

9. Considerações finais

Após a leitura de teorias que privilegiaram a pesquisa do verbo em suas diversas aplicações e da análise do *corpus*, pretendemos contribuir para a formulação de uma tipologia sintático-semântica do verbo na língua portuguesa. Observamos, sobretudo, as perífrases verbais presentes no discurso do cotidiano e encontramos ocorrências que, por sua heterogeneidade, não se encaixam nos mecanismos de identificação previsíveis. Reconhecemos, no entanto, que qualquer tentativa de formalizar essas construções é provisória, uma vez que as fronteiras entre os grupos se dispersam nas variantes lingüísticas e no tipo do gênero textual.

As gramáticas escolares não contemplam essas formas, mas elas estão presentes na comunicação diária falada e/ou escrita. É preciso, portanto, buscar uma zona de equilíbrio entre os usos correntes da fala em geral e os padrões formais tradicionalmente privilegiados pela descrição gramatical. Temos, por isso, a consciência de que o ensino deva ser plural, abrangendo as variedades que co-ocorrem em nossos textos.

Acreditamos que o verbo, por sua multiplicidade argumentativa, é o nó a ser desatado e depois de um percurso baseado na perspectiva discursivo-textual percebemos que as escolhas e soluções adotadas pelo usuário envolvem motivações e intenções de sentido. E este cada vez mais tende à polissemia.

O verbo-suporte, apesar de pesquisado por alguns estudiosos, ainda é um mistério a ser desvendado. Embora formalmente se apresente sob forma de verbo pleno + nome, mantendo a transitividade que é complementada pelo nome, este atribui àquele restrições ou ampliações de

sentido. Seria simples se pudéssemos caracterizar o verbo-suporte como aquele que se liga a nomes abstratos e pode ser substituído por um outro cujo radical tenha por base o nome, como: levar um susto= assustar-se, dar um soco= socar, fazer costuras= costurar, ter amor = amar.

No entanto, nossa análise encaminhou-nos para formas não tão evidentes.

O objeto de nosso estudo no espaço do texto é o resultado de uma operação discursiva que envolve o “querer dizer” dos falantes. Embora não exista discurso totalmente inédito, a linguagem dos livros, dos jornais e revistas traz à tona, com bases pré-existentes, novas fórmulas que representam paradigmas de novidade. O “fazer lingüístico” traduz a partir do verbo esses usos.

Observamos que o verbo-suporte nem sempre permite substituição pelo nome que “aparentemente” tem *status* de carga semântica superior à do verbo, por exemplo, **fazer parte** é uma forma encontrada na rotina textual do falante: “Fiz parte da comissão”, “Isto faz parte”; no entanto, se no primeiro exemplo podemos substituir a expressão por “Participei da comissão” (verbo-suporte); no segundo, não há uma forma verbal correspondente, pois o que ocorre é uma dispersão semântica e seu significado está ligado a um determinado contexto auto-explicativo.

A documentação consultada nos permitiu perceber tendências lingüísticas que já vêm sendo estudadas por pesquisadores na área do discurso e da semântica. Moura Neves (2002: 189-206) aplicou testes para caracterizar os verbos-suporte, ampliando de três para sete os já aplicados por Radford, mas pudemos observar que, em alguns casos, as formas obtidas mostraram-se artificiais ou forçadas o que invalida, de certa forma, alguns dos testes. Noutras

situações não foram examinados os significados metafóricos e os que apresentavam situações de ambigüidade e polissemia.

Em nosso *corpus* fizemos uma abordagem léxico-sintático-semântica, enfocando a análise e descrição da linguagem jornalística e encontramos expressões que fugiam às características de verbo-suporte, mas encontravam campo nessa linguagem que transpõe “formas de dizer” do falante como “Obriga o leitor a **ter fôlego de sete gatos**” ou “**ganhou fama e popularidade**”. Vimos que a propagação desta abrange em grande parte os falantes nativos de forma relativamente uniforme.

Nossa proposição quanto à análise e estudo de casos passou pelo dicionário comum e o de usos relativos ao português contemporâneo do Brasil. Uma das observações mais auspiciosas é a de que a atualização dos dicionários vem acontecendo sistematicamente. Os lexicógrafos têm feito pesquisas de campo e incorporado os novos significados já consagrados pelo uso. Também os verbos-suporte e as expressões cristalizadas, embora nem sempre registrados com esses nomes, têm tido espaço crescente nessa atualização. Se o léxico constitui-se na matéria-prima para a construção de enunciados e/ou frases, é mister que os dicionários sejam materiais lingüísticos que nos forneçam o maior conteúdo de pesquisa possível. Nossa procura foi atendida em parte, visto que a produção é profícua e a incorporação se dá de forma mais lenta.

Observamos que o princípio da colocabilidade, ou possibilidade de colocação dos itens do enunciado e a conseqüente gramaticalização vêm ocorrendo de forma cada vez mais freqüente. A escolha das palavras de um enunciado comporta um tom emocional inerente à palavra, sendo que a opção por umas implica rejeição de outras. Pudemos constatar que as

variantes diafásicas proporcionam ao falante expor em determinadas situações suas emoções, sua compreensão do texto e a melhor forma de se comunicar com o interlocutor.

Fizemos uma revisão dos conceitos verbais, principalmente do ponto de vista funcional e propomos aqui que o ensino incorpore novos conceitos que levem em consideração estratégias que façam o aluno pensar, transferir conhecimentos práticos, organizando a utilização de “efeitos de sentidos em situações concretas de interação comunicativa” (Travaglia: 2003, p.150).

Pudemos perceber que ao verbo-suporte são atribuídas características de auxiliaridade. Não devemos, no entanto, afirmar que nesses verbos houve esvaziamento sintático nem semântico, secundarizando-os como mero suporte ou auxiliar, já que mantêm a complementaridade no nome. Afirmamos, outrossim, que o que os torna diferenciados é a característica de abstração que assumem. A questão da auxiliaridade para nós, nos casos com verbo-suporte, merece maior cuidado, pois acreditamos tratar-se mais de uma postura discursiva do que gramatical ou sintática. Ao escolhermos empregar **fazer pose** no lugar de **posar** não significa dar ao nome carga semântica maior, sendo o verbo simples auxiliar significativo. Certas perífrases emprestam ao discurso uma significação de modalidade e de aspecto mais abrangente, visto que fazem parte das formas de dizer da língua portuguesa há muito tempo.

Há também expressões que entram na língua com valor metafórico e se cristalizam, sendo que os significados que emprestam ao discurso não podem ser substituídos por uma forma singular. São perífrases que se firmam e passam a fazer parte do léxico. Não há novidade nisso. O que existe é muita criatividade por parte do falante que sempre encontra novas formas

para expandir sua maneira de se expressar. **Dar com os burros n'água, fazer das tripas coração** são formas que estão no discurso há décadas. 'O rei do spam **solta o verbo** e Os jogadores **deram um olé** no time adversário' são formas que vêm despontando nos discursos atuais. Outras surgirão, pois a língua é um caminho a ser percorrido.

Retomamos o que dissemos na introdução: 'O mundo funciona como uma metáfora'. Somos produto da sociedade em que vivemos ao mesmo tempo em que a criamos, e novas formas de dizer se imporão de acordo com as novas tarefas exigidas da linguagem. Portanto, o assunto aqui tratado ainda será muito estudado e dificilmente terá um ponto final. Talvez surjam nomenclaturas diversas, que a língua viva se encarregará de incorporar. Precisamos estar desarmados para aceitá-las, apurar seu emprego e contextualizá-las.

10. Referências

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].
- AZEREDO, José Carlos (Org.). **Língua portuguesa em debate**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- _____. **Letras & comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. Argumentação no jornalismo escrito. In: CARNEIRO, Agostinho (Org.). **O discurso na mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BERRUTO, Jeni Silva. **O verbo: uma abordagem léxico-semântica**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- BORBA, Francisco. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. **Dicionário gramatical de verbos portugueses contemporâneo de verbos**. São Paulo: Unesp, 1997.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRITO, Maria Eliana D. Alves de. **Complementação verbal: estudo dos elementos nominais básicos do verbo do português**. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1986.
- BUSSE & VILELA. **Gramática de valências**. Coimbra: Almedina, 1986.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática**. Rio de Janeiro: J. Ozon Editora, 1968.

CASTRO, Maria Fausta Pereira. **Aprendendo a argumentar: um momento na construção da linguagem**. 2. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1996.

CASTRO, Verônica Menezes de; BOUDARZCUK, Simone de O. G. **Verbos genéricos: um estudo comparativo entre sua função discursiva na fala carioca e sua função na gramática de língua portuguesa**. [S.I.: s.n.], [19--].

CHAFE, W. **Meaning and the structure of language**. Chicago : The University of Chicago Press, 1970.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1999.

CHIERCHIA, Genaro. **Semântica**. Tradução Luiz Arthur Pagani, Lúcia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.

CORTEZÃO, Jaime. **A carta de Pêro Vaz de Caminha**. [Lisboa]: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000.

COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem: estudos de teoria e metodologia lingüística**. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

_____. **Lições de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CUNHA, Antonio Geraldo da. [et al.]. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FARIA, Isabel Hub [et al.]. **Introdução à lingüística geral e portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, John (Org.). **Novos horizontes em lingüística.** São Paulo: Cultrix, 1976.

_____. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística, v.1.** São Paulo: Global, 1978.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Sintaxe portuguesa para a língua culta contemporânea.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HENRIQUES, Cláudio Cezar; SIMÕES, Darcília Marindir P. (Org.). **A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo Aurélio século XXI.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica.** São Paulo: Contexto, 2001.

JÚDICE, Norimar. [et al.] **Português em debate:** encontros UFF. Niterói: EdUFF, 1999.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística.** São Paulo: Ática, 1985.

LYONS, John. **Língua(gem) e lingüística.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas:** sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de lingüística para o texto literário.** Maria Augusta Bastos de Matos (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MANHÃES, Gisele Flores Caldas. **Pesquisa e ensino:** o uso dos verbos genéricos e específicos no português culto do Brasil. Dissertação (Mestrado), Niterói, 2000.

MARCHUSCHI, Luís Antônio. In: **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARQUES, Maria Helena. Repensando o verbo: sintaxe e discurso. In: AZEREDO, J. Carlos. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MATEUS, Maria Helena Mira [et al.]. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina**. Salvador: Contexto, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. A gramática: conhecimento e ensino. In: AZEREDO, J. C. (Org.). **Língua portuguesa em debate**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: **Gramática do português falado, v.6**. Campinas: Ed. da Unicamp: Fapesp, 1996.

_____. **Gramática na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

NOGUEIRA, Armando. **A gíngua e o jogo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. **Descrição do português à luz da lingüística do texto**. Rio de Janeiro: FUJB/UFRJ, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Orlandi [et al.]. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1997.

PERES, João Andrade; MÓIA, Telmo. **Áreas críticas da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar Edições, 2002.

PRETI, Dino. (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH, 1993.

ROLLEMBERG, Marcello. **Papel-jornal**: artigos de jornalismo cultural. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **Polysemy, aspects and modality in Brazilian Portuguese**: the case for a cognitive explanation of grammar. Tese (Doutorado) - University of California at Berkeley, 1990.

SILVA, Hilda M. Flores da. **Sintaxe e semântica na relação sujeito/verbo com enfoque na gramática de valências**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1999. Orientadora: Eneida do Rego Monteiro Bomfim.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática**: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2003.

TURAZZA, Jeni Silva. **O verbo**: uma abordagem léxico-semântica. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

VALENTE, André. **A linguagem nossa de cada dia**. Rio de Janeiro: Leviatã, 1994.

VILELA, Mário. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1995.

_____. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

_____. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

_____. **Ensino da língua portuguesa**: léxico, dicionário, gramática. Coimbra: Almedina, 1995.